



Hospital de Pombal: Misericórdia admite gestão com grupo privado

Provedor garante que, se o processo avançar, a prestação de cuidados de saúde à população continuará a ser assegurada, através de acordo com o SNS, como prevê a lei de devolução dos hospitais às Misericórdias **Pág. 13**

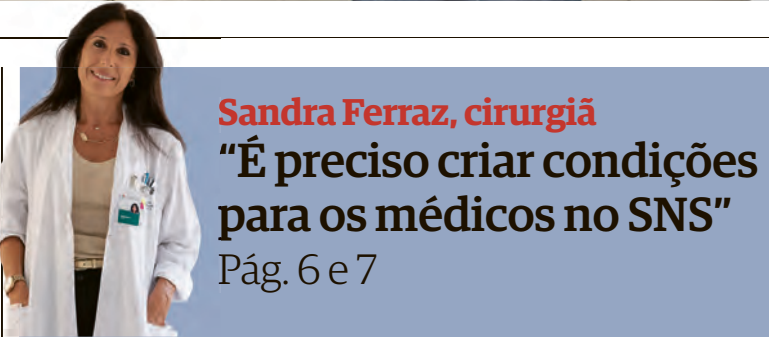


Clima
Faltam corredores verdes para regular efeitos das ondas de calor
Pág. 8

Contratados
Universidade de Leiria e Oeste vai continuar a pagar o mês de Agosto
Pág. 14

Suiniculturas
Empresários lutam contra impactos da guerra e da tempestade
Pág. 18

Transportes
Utentes da rede Mobilis criticam alterações e falta de informação
Pág. 9

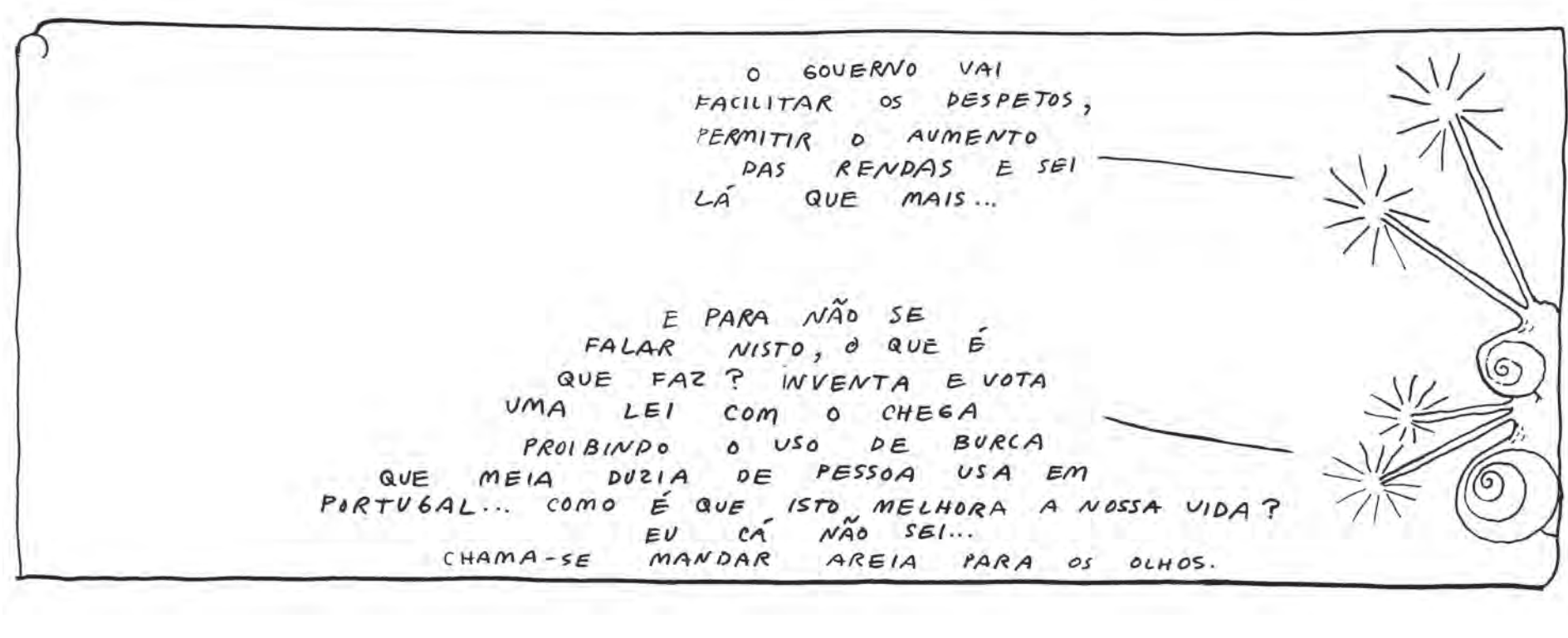


Praia do Pedrógão
Câmara extingue contratos e diz que 120 campistas têm “casas” irregulares
Pág. 10

Futebol
Kata em Fátima pela quarta vez à procura de época tranquila
Pág. 32

RADAR

IMAGEM VIAGEM TIAGO BAPTISTA



OLHO CLÍNICO



Agostinho Rodrigues e Sérgio Marcelino

Esta dupla de amigos percorreu a Nacional 2 com um propósito solidário e, ao longo dos 750 quilómetros, angariou 1.530 euros que serão distribuídos pelo Centro de Acolhimento de Leiria e pela Oásis.



Francisco Gomes

O baterista natural da Marinha Grande, que já passou, por exemplo, pelo palco do EDP Cool Jazz, regressa ao Festival de Jazz da Marinha Grande, desta vez com um concerto de homenagem a Sonny Rollins. Francisco Gomes tem, gradualmente, vindo a afirmar-se no panorama nacional, inserido em vários projectos na área do jazz.



Luís Lopes

Introduzidas para ir ao encontro das necessidades dos utilizadores, as alterações à rede Mobilis, em Leiria, estão a gerar contestação entre os utentes, que se queixam da supressão de paragens e da falta de informação sobre aos novos horários. O vereador Luís Lopes reconhece falhas ao nível da comunicação, mas garante que estão a ser corrigidas, e admite rever algumas das alterações.

IMPRESSÕES

A Gaivota Raimunda e o frágil muro de cal

Dizem que viver com gaivotas por perto é acordar com a algazarra de quem voa com firmeza, segurança e coragem. Dizem que é maldizer comportamentos, sobretudo o que imunda carros, casas e calçadas. Dizem que é esbracejar, afastando aqueles seres voadores que literalmente, «retiram o pão da boca» de quem, em vão, o protege. A gaivota Raimunda fugia, no entanto, a este estereótipo. Era uma criatura social, e sociável, que se juntava em longas tertúlias com dona Ausenda, uma velhinha deixada à sorte por quem um dia tinha tido a sorte de a ter como mãe, passo o jogo de palavras. Assim que o Sol embalava a sua trouxa e adormecia suspenso nas estrelas, Raimunda voava e ficava, sobranceira, aguardando sobre um frágil muro de cal que cercava a casa branca de janelas debruadas a azul, a velha mulher. Aquele débil muro separava a sua de uma enorme casa, há pouco tempo construída, arruada de palmeiras exóticas e de faustosos mármorees que luziam a cada brecha de luz. Quem lá morava? Nem a ave nem Ausenda sabiam, mas havia de ser alguém lá do topo, pensavam ambas, daquelas pessoas inatingíveis, como os filhos dela, que a renegavam. Apesar de tudo, mantinha-os quentinhos, aninhados no seu coração vivo e doce. Tinham sido as escolhas que fizera na vida que ditaram o afastamento. Havia tanto para lhes explicar. Havia tanto para lhes dar a conhecer. Havia tanto por dizer. Havia tanto para com eles viver, mas, cada um vê o que lhe apetece e vive o que dá mais jeito. Como fazer entender que ninguém fica onde não é feliz, que ninguém fica num lugar onde não cresce? A vida,



Florbela Oliveira



A gaivota Raimunda fugia, no entanto, a este estereótipo. Era uma criatura social, e sociável, que se juntava em longas tertúlias com dona Ausenda

talvez a vida os levasse a entender. Como todos os assuntos que não se resolvem, aquele também resolvido estava. Ou não! A verdade, é que as tertúlias entre Raimunda e Ausenda versavam sobre isso mesmo: o desenovelar de passados e o carpir de dores. Um dia, o bulir lento de pés pesados da dona Ausenda a aproximarem-se do muro, à hora marcada, não aconteceu. Um dia, a gaivota Raimunda sentiu o seu mundo desabar. Esse dia mostrava a idosa colapsada no chão. E foi, nesse dia, que a gaivota voou mais rápido que um furacão. E foi, nesse dia, que voou, com quanta força tinha, contra os vidros isolantes e inquebráveis daquela casa há pouco tempo, ao lado da de dona Ausenda, construída. E, nesse dia, tateando paredes, encontrou uma porta gigante que se abria para um enorme salão. A esbracejar, uma jovem solitária iniciou perseguição imediata à criatura. O voo, sabia Raimunda, teria de ser calculado ao pormenor, por isso, fez o que melhor sabia fazer, sobre o carro descapotável. Não, não é o que estão a pensar!!! Bicou um casaco leve e sumptuoso e, esvoaçando, levou-o consigo, certificando-se de que era seguida. Agora, o frágil muro de cal caiu. Agora, o muro de mármore reluzente ocupou todo o espaço. Agora duas gerações, e uma gaivota, alongam-se em alegres tertúlias, ora numa casa construída, ali, ao lado, ora na casa branca de janelas debruadas a azul.

Professora e escritora
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

FÓRUM DA SEMANA

Como evitar que se repita o caos nos exames nacionais?

A correcção dos exames dos 11.º e 12.º anos instalou o caos entre os professores e a ansiedade entre os alunos. Foram relatados casos de professores de uma disciplina que recebem provas de outra para corrigir, respostas incompletas ou folhas de diferentes alunos. As falhas em todo o processo têm sido denunciadas por vários professores. “Por muito que queiram, ninguém consegue estar a trabalhar com rigor nestas condições, até porque os professores não terão qualquer possibilidade de rever as classificações”, disse Cristina Mota. Há professores à espera das folhas de continuação em falta e outros que receberam itens para corrigir



Inês Pereira, encarregada de educação

Nesta fase, o mais importante passa por identificar o erro e corrigi-lo em tempo útil para a próxima fase. Pelo que percebi, as falhas estão identificadas. Agora, é fazer com que não se repitam. Acredito que isso vai acontecer. Pessoalmente, a situação não trouxe transtorno. O meu filho fez os exames do 11.º ano e, saber a nota, três dias depois não faz diferença. A ansiedade foi antes da prova. Agora, admito que para quem esteja a concorrer ao ensino superior, a situação cause mais angústia. Lamento também o alarido causado pelos políticos, que, numa tentativa de fazer política, lancem mais achas para a fogueira.



Inês Carreira, coordenadora Pedagógica do Saber Interactivo

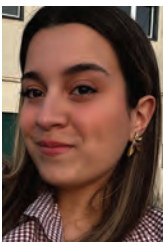
Julgo que seria importante analisar cuidadosamente a forma como correu o processo de correcção na primeira fase dos exames para tirar as devidas conclusões e introduzir as mudanças essenciais para evitar repetir o que aconteceu nesta fase e garantir um processo mais tranquilo e eficaz. Para isso, é necessário ouvir todos os intervenientes para fazer uma análise cuidada da situação, para tentar antecipar todos os problemas que possam surgir e evitá-los ou resolvê-los rapidamente.

sem a folha de resposta, acrescentou a porta-voz da Missão Escola Pública. Pela primeira vez este ano, os exames nacionais do ensino secundário estão a ser corrigidos em formato digital, mas o processo tem registado falhas técnicas desde o início. Por continuarem a ser realizadas em papel, as provas tiveram de ser digitalizadas antes de serem distribuídas pelos professores que as iriam avaliar. No ano passado já tinham sido detectados problemas na experiência com os exames de Filosofia. A realização da 2.ª fase dos exames arranca no dia 20 de Julho e a incógnita de como correrá a sua correcção já paira no ar.



Filinto Lima, presidente da AN de Directores de Agrup. e Escolas Públicas

Evitar que se repitam os imensos constrangimentos exige planeamento rigoroso, estabilidade das plataformas digitais, digitalização correcta e uma articulação eficaz entre Ministério e escolas. É fundamental testar previamente os sistemas, reforçar equipas de apoio técnico e garantir canais de comunicação rápidos e transparentes. Estas carecem de orientações claras e atempadas, bem como de condições para responder a imprevistos. O decurso da classificação da 2.ª fase poderá ditar a correcção e ajustamentos do sistema, ou a sua descredibilização, sinónimo de retrocesso num caminho que alguns países já percorrem há anos.



Maria Constança Marques, estudante

Foi uma grande confusão. O sistema só permitia uma resposta por folha e demorava-se mais tempo no preenchimento do que a fazer o resto. E as folhas de continuação também não resultavam bem. O sistema anterior, apesar de não ser moderno, funcionava bem. Acho que deviam ter implementado esta forma de maneira gradual.

EDITORIAL

O homem e a máquina



Cláudio Garcia

No mundial de futebol, só há uma coisa mais polémica do que a pausa para hidratação: a tecnologia. Com adeptos portugueses, Ronaldo e Martínez chegam para incendiar a conversa, mas se queremos semear a discórdia entre os povos, o tema tem de ser a bola, o sensor, a linha de fora de jogo e o vídeoárbitro. Por vezes, não vemos um palmo à frente do nariz, nem com repetição em *super slow motion*, porque não nos dá jeito, outras vezes, e costuma ocorrer todos os dias, é o mundo que não funciona: a internet do escritório está em baixo, abre-se a torneira da água e nada, digitaliza-se o exame de português e a folha de continuação desaparece como o voo 370 da Malasya Airlines. Ninguém espera, depois de se transportarem milhões de páginas escritas à mão, de vários pontos do País, para um armazém em Mem Martins, onde são carregadas por funcionários que encarnam o castigo de Sísifo, que o sistema se engasgue precisamente no momento em que alguém grita “inovação!”. No entanto, acontece. E quando acontece, há sempre dois suspeitos: o homem e a máquina. É caso para perguntar: um computador no meio da floresta sem humanos por perto continua a distribuir provas de Filosofia? Talvez algum ministro possa responder. Quem souber, que seja o primeiro a apontar o dedo. Sísifo é o protagonista da exposição de Mariana, a Miserável agora patente na livraria Arquivo em Leiria. Por ousar enganar os deuses, foi condenado a empurrar uma pedra até ao cimo da montanha, só para a ver deslizar de volta ao início em cada tentativa quando se aproxima do objectivo. Camus conclui que é preciso imaginar Sísifo feliz. Mariana, no livro novela que acompanha a exposição, escreve que Sísifo é “um herói imperfeito com amor à falha” e lembra que “o humor salva-nos da ausência de explicação para o sentido da vida”, logo, imaginar Sísifo feliz “é aprender a aceitar o caos e a desordem do universo”. Amanhã há mais *itens* para corrigir. Hoje a felicidade pode ser o café para onde ligam à nossa procura a meio de uma frase sobre o VAR. Por telefone fixo, mesmo com a rede móvel disponível.



Por vezes o mundo não funciona: a internet do escritório está em baixo, abre-se a torneira da água e nada, digitaliza-se o exame de português e a folha de continuação desaparece como o voo 370 da Malasya Airlines

Director Interino



A ALIMENTAR BONS NEGÓCIOS

ABERTURA



Quando lojas do presente são portal para o passado

No distrito de Leiria são vários os espaços comerciais que, de tão antigos, se tornam autênticos museus vivos. Das farmácias de arte nova aos cafés de art déco, não falta comércio com história

Daniela Franco Sousa Texto
Ricardo Graça Fotografia
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

Reflectem as mudanças nas modas, nas correntes artísticas, nos pensamentos políticos e as dinâmicas económicas que o País atravessou ao longo de várias décadas, nalguns casos, até durante o último século.

São vários os cafés, farmácias, barbearias e tantos outros géneros de lojas que, geração após geração, abrem portas ao público, num misto de espaço comercial e de museu vivo. Caldas da Rainha, Bombarral, Peniche e Óbidos concentram 14 destes estabelecimentos, que integram a rede *Comércio com História*.

Casa Varela: antiga mercearia e refúgio de judeus

Datada de 1917, a Casa Varela é o estabelecimento comercial de Caldas da Rainha que há mais anos se mantém na mesma família, conta, orgulhosa, Margarida Varela, neta do fundador. “O negócio foi criado pelo meu avô, Aldeberto Fernandes Tavares, quando regressou da Primeira Grande Guerra. Começou

como mercearia, depois passou a vender artigos de *ménage*”, contextualiza a neta.

“Atravessou um século de extremas alterações, conseguindo sempre adequar-se aos sinais dos tempos”, prossegue Margarida. Não é apenas a fachada da Casa Varela que capta o olhar de quem passa, com muitos pormenores arquitetónicos, de onde se destacam as alcachofras, inspiradas no tecto do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Pópulo. “Símbolo de redenção, salvação e vida nova”, como frisa Margarida. No interior, mantêm-se como desde a primeira hora o balcão e os armários, que suportam tachos, painéis e cerâmicas coloridas.

Até à chegada da pandemia, ainda era a sua mãe, Maria Isabel Tavares, filha do fundador, que, com o marido, se ocupava da Casa Varela. Depois da Covid-19, apesar de nunca o ter ambicionado, foi Margarida que passou a atender os clientes. Agora, que assumiu o leme, parece ter-lhe tomado o gosto. Formada em História, dá a conhecer cada recanto desta loja, que também conta o passado do País.

“Debaixo deste piso, existe um alcapão. Era aqui em baixo que se escondia azeite e bacalhau. Naquele tempo, as pessoas tinham mesmo que se proteger”, nota a comerciante, que ao abrir um armário revela uma passagem secreta para uma estreita divisão. “Servia para esconder coisas e pessoas”, explica a lojista, acreditando que se tratava de um esconderijo criado para albergar judeus.

A Casa Varela documenta também um período crítico, de fome e restrições, com um conjunto de senhas de racionamento e uma lista de nomes de quem a elas tinha direito.

Aos 85 anos, Maria Isabel Tavares e o marido continuam a visitar a loja todos os dias. “É como um vício”, diz Margarida. “Pode ser que daqui por uns anos os meus filhos também passem a gostar.”

Café Central: tertúlias com Mário Soares e Júlio Pomar

Terá sido neste local, voltado para a Praça da Fruta, que ainda no século XIX foi criado o “Café Galinha”, propriedade de Franquelim Matias Galinha, homem visionário, que

tinha um altifalante e saía à rua para ecoar novidades. Este primeiro estabelecimento, de rés-do-chão, foi substituído pelo Café Central, espaço mítico inaugurado em 1955, conta Luísa Pião, que o recuperou e reabriu em 1995, com profundo respeito pelas suas características originais.

Foram os Freitas, familiares da esposa de António José Seguro, quem abriu o Café Central, que era conhecido por ser uma café de esquerda, onde os pensadores se juntavam em tertúlia e, em segredo, debatiam a vida política do País. Na cave, onde também se jogava bilhar e xadrez, eram presença regular o pintor Júlio Pomar e o socialista Mário Soares, conta Luísa Pião. Prova da proximidade do mestre ao Café Central é o painel de baixo-relevo que o artista ofereceu ao proprietário do espaço comercial, aponta a actual dona do estabelecimento.

Quase tudo se mantém inalterado desde a génese deste edifício de *art déco*. Desde o canelado na parede, à porta de entrada, à própria obra de Júlio Pomar. Até o chão, que estava muito danificado quando Luísa o adquiriu, foi replicado com mármore de Vila Viçosa.

Desde que abraçou este projecto, Luísa Pião está no café todos os dias. “Dedico-me de alma e coração.”

Joaquim Baptista: três gerações a vender de quase tudo

É também junto da Praça da Fruta que se situa outro dos espaços comerciais mais antigos e icónicos de Caldas da Rainha. Datada de 1929, a Joaquim Baptista é uma casa de ferragens que vende de quase tudo. E só o aspecto exterior já convida a parar.

Com inspiração de Arte Nova, o edifício tem ferro trabalhado que guarda as janelas de sacada, também um óculo do topo da fachada e friso na arquitrave, composto por azulejos com motivos florais provenientes da Fábrica de Loça de Sacavém. E a fachada é integralmente revestida com azulejo prensado rectangular, cor de mel, facto que cria um contraste interessante com os elementos estruturais em pedra.

Hoje é Octávio Baptista quem lidera o negócio, criado pelo avô. De início, as meninas de Caldas da Rainha entravam na loja e de lá saíam com boa parte do enxoval, incluindo a própria arca, que ali mesmo era construída, conta Octávio, de 68 anos, 51 dos quais passados atrás do balcão. Ainda chegou a trabalhar na loja, lado a lado com o pai e com o avô.

Actualmente, como em tempos idos, continua o mesmo movimento na Joaquim Baptista. Um entra e sai de fregueses, que perguntam por ferramentas, torneiras, fechaduras e tintas ou pretendem fazer chaves novas. É o caso de Fernan-



Octávio, Luísa e Margarida revelam a história contida nos seus negócios

Benefícios fiscais Leiria analisa projecto

Comércio com História é um projecto da Direcção-Geral das Actividades Económicas sendo que, de acordo com o site institucional, para encetar candidaturas, “competem a cada município proceder ao reconhecimento dos estabelecimentos ou entidades, reconhecidos como de interesse histórico e cultural ou social local. Quando reconhecidos e incluídos no Inventário Nacional Comércio com História, os estabelecimentos e entidades de interesse histórico e cultural ou social local poderão aceder a benefícios ou isenções fiscais concedidos pelos municípios, nos termos da legislação em vigor”, expõe ainda. Contactado pelo JORNAL DE LEIRIA a Câmara de Leiria refere que este projecto já está a ser tratado internamente, “encontrando-se ainda em fase de análise.W

da Pascoal, que chegou à cidade há cerca de 30 anos e, desde então, ficou fiel a este espaço. “Venho cá muitas vezes. Tem muita coisa e já tenho confiança com eles”, justifica a freguesa.

O segredo para a longevidade passa por alguns pilares essenciais, acredita Octávio. “Trabalho e diversidade de mercadoria, para ter tudo o que as pessoas precisam e nem sempre existe nas grandes superfícies”. Mas o futuro poderá deixar de passar pelas mãos desta família, admite o comerciante, já que nenhuma das suas duas filhas demonstra disposição para prosseguir com o negócio.

Mais exemplos no Oeste

Ainda em Caldas da Rainha, figuram na lista do *Comércio com História*, o Café Capristanos, a Casa Antero, a Loja do Senhor Jacinto e a Merceria Pena.

Explica o site do *Comércio com História*, que a Arthur Eduardo Capristano se deve o Café Capristanos, homem que começou por ser mecânico, quando pouco ainda se falava de carros, e que foi *chauffer* de D.

Carlos, antes de se tornar empresário. Foi em 1949 que foi criado, num edifício marcante, desenhado pelo arquitecto Camilo Korrodi, um dos primeiros centros comerciais, onde funcionava uma das mais modernas rodoviárias do País, que além de sala de espera e bilheteiras, tinha o café, restaurante e tabacaria.

Já a Casa Antero existe desde 1957. Começou por vender vinho a copo e eram os clientes quem levava comida e ali petiscava. Mais tarde, começou por confeccionar sopas e pastéis de bacalhau, até se celebrar como restaurante.

Num edifício histórico, datado de 1900, a Loja do Senhor Jacinto foi originalmente mercearia, que comercializava produtos a granel, serviu mais tarde como entreposto para troca de moeda, até que nos anos 60 se dedicou aos artigos têxteis, até consolidar o actual conceito de retrosaria.

Também a Merceria Pena é uma referência no comércio tradicional das Caldas da Rainha. “Uma casa centenária, cuja abertura ocorreu em 1909, e que faz parte da memória colectiva de milhares de famílias

que aqui se habituam a fazer as suas compras”.

Já no Bombarral são a Farmácia Miguel, a Ginja do Sanguinhal e o Teatro Eduardo Brazão que integram a rede do *Comércio com História*. De portas abertas no centro de Bombarral mantém-se a Farmácia Miguel, fundada em 1948, espaço projectado pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira, diplomado na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e figura relevante da do urbanismo da segunda metade do século XX. E também neste concelho, graças a Júlio Ferreira de Carvalho, fundador da Ginja do Sanguinhal, que começou a trabalhar como empregado de comércio aos 12 anos, que se mantém o negócio familiar com mais de um século. Do Bombarral faz parte ainda outra instituição assinalada no *Comércio com História*. Trata-se do Teatro Eduardo Brazão, inaugurado em 1921, com a presença dos actores Eduardo Brazão (1851-1925) e Ilda Stichini (1895-1977), que alberga um auditório em ferradura, com plateia no piso inferior e dois andares superiores com balcão e camarotes, na esteira daquilo que vulgarmente se apelida como “teatro à italiana”.

Em Peniche, destaca-se a Barbearia Clássica, também o Clube Recreativo Penichense e a Farmácia Proença. A Barbearia Clássica terá começado, no século XIX, com perfumaria e espaço dedicado ao corte de cabelo feminino. Ao longo dos anos, foi transformada em barbearia onde, periodicamente, são expostos elementos de uma vasta colecção de objectos históricos, como lâminas, navalhas, cadeiras e até jornais de época.

Sobre o Clube Recreativo Penichense, salienta o site *Comércio com História*, é uma “instituição associativa iniciada no final do século XIX, com a sua sede inaugurada em 1901, num dos locais mais nobres da cidade de Peniche, o Jardim Público. Nestes 120 anos de existência, o Clube organizou eventos como bailes de Carnaval, festas de Verão e exposições.

Quanto à Farmácia Proença, foi fundada em 1890 por Filipe Proença. A fachada do primitivo edifício foi reestruturada na década 30 do século XX, ao estilo Arte Nova. Do seu espólio faz parte um amplo conjunto de antigos objectos, como almofarizes, vasos de botica, frascos de farmácia de vidro e balanças.

Já no concelho de Óbidos, o Bar Ibn Errik Rex deve a sua origem ao senhor Montez, antiquário, que nos anos 50 começou a seduzir clientes para a sua loja com um saboroso licor de ginja caseiro. Quando o negócio foi mais tarde trespassado, já a venda da ginjinha se tinha tornado mais vantajosa do que as antiguidades.

ENTREVISTA

Sandra Ferraz Distinguida como *Profissional de Mérito* pelo Rotary Club da Marinha Grande, a médica de Cirurgia Geral no Hospital de Santo André enfatiza o sentido de missão que deve nortear o sector

“Existe demasiada política na saúde”

Daniela Franco Sousa Texto
Ricardo Graça Fotografia
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

Sonhava ser médica desde pequena. O que a cativava nesta profissão?

O que me cativava era poder ajudar os outros, poder salvar vidas. Quando era pequenina, nem sei porquê, o meu sonho era ser obstetra. Tinha aquele fascínio por ajudar a nascer as crianças, estar lá no início de uma vida. Depois, quando durante o curso tive obstetrícia e ginecologia, a parte da ginecologia não me fascinou tanto quanto a obstetrícia. Fiquei assim um pouco balanceada relativamente ao que queria. E gostei logo muito da cirurgia, por poder fazer as cirurgias, pela patologia em si, pela possibilidade de realmente fazer a diferença, de podermos salvar as vidas, e a oncologia e a parte da emergência. Porque urgência e emergência também sempre foi uma parte da medicina que me fascinou muito.

Foi mãe durante a fase de internato em cirurgia geral. Como se concilia uma vida profissional exigente com a maternidade e a esfera familiar?

Não foi nada fácil. Primeiro porque foi logo durante o meu segundo ano de internato, com estágios fora do hospital. Quando iniciei essa saída para os estágios já tinha a minha filha. Comecei na cirurgia pediátrica em Coimbra e foi logo assim um grande choque, uma grande dificuldade. Mas a minha filha era um anjo para dormir, para comer, e tive o apoio incondicional dos meus pais. Se não, não teria conseguido, até porque o meu marido também tem uma profissão em que chega a casa às 22 horas.

Hoje, mantém-se o mesmo encanto pela profissão?

Pela profissão, sim. Por tudo o resto que a envolve, todo o sistema, todas as burocracias, toda esta política que envolve a saúde, incondicionalmente, não há volta a dar, sinto-me um bocadinho triste. Acho que existe demasiada política na saúde e que, por vezes, acaba por alterar um bocadinho o que é a nossa profissão, o que é a nossa missão. A medicina é uma profissão e como é óbvio, todos nós gostamos de ter o nosso ordenado ao fim do mês,

todos nós temos as nossas contas para pagar. Mas acaba por ser uma profissão com uns valores, com uma missão um bocadinho diferente da grande maioria. Acho que acabamos por estar sempre um pouco à espera das regras todas que existem, dos números, do dinheiro, de tudo e esquecemos um bocadinho a nossa missão, que é o doente em si.

Volvidos tantos anos de prática, que situações ainda a transtornam?

Transtorna-nos sempre dar uma má notícia. Transtorna-nos sempre que uma cirurgia não corre da melhor forma que se imagina. Por vezes pela patologia em si, pelos doentes, pela técnica. Às vezes existem percalços que nós não conseguimos contornar. Levamos sempre os doentes para casa. No meu caso, levo. Não sei se é assim na generalidade. No meu, há sempre aquela ansiedade. Porque é a vida que nós temos nas mãos, são doentes e são pessoas.

O que dizem os tempos de espera sobre o serviço de urgência neste hospital?

Os tempos de espera são muito ele-

Vivo no hospital e levo o hospital para casa

A questão é melhorar condições para que os médicos não vão para o privado, não vão para o estrangeiro

”

vados em termos de urgência geral. Não tanto na cirurgia, porque aí já está marcado. Acaba por ser uma triagem feita de outra forma, os doentes vão directamente para a cirurgia ou são encaminhados de outras especialidades. Mas nas urgências generalistas, quando a pessoa entra no hospital e não está direccionada para uma especialidade, aí os tempos de espera são muito grandes. Nós temos uma população muito grande em termos de afluência à nossa urgência. A nossa urgência, que estava dimensionada para uma determinada população, tem agora quase o dobro, desde que Fátima e Ourém se juntaram a nós. E, portanto, não temos pessoal suficiente. Também não temos as condições físicas para tanta gente. E, por vezes, não conseguimos dar uma resposta atempada aos doentes que entram. Acabam por estar muito tempo à espera de serem atendidos e muito tempo à espera para serem reavaliados. Não tem sido fácil.

Concorda que os hospitais que fecham urgências sejam penalizados nas tranches cedidas pelo Governo?

Isso são problemas políticos aos quais eu estou um bocadinho alheia. Mas não me parece que faça sentido, uma vez que se há urgências fechadas, e talvez estejam a referir-se às de obstetrícia e ginecologia, as outras especialidades não têm propriamente a ver com essa situação.

E qual seria a relação mais salutar entre a oferta do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e das entidades privadas de saúde para garantir médicos em número suficiente no domínio público?

Neste momento, está a haver uma grande saída dos médicos do público para o privado. E, na minha opinião, deveria haver melhores condições dadas aos médicos, e também a outros profissionais desta área, que também acabam por sair, de forma a que tivessem gosto em trabalhar no hospital, no SNS, e para que pudessemos realmente dar um melhor serviço aos doentes. Também são importantes os privados, porque não temos capacidade para abranger tudo no hospital. E funcionam como complemento. Acho que deveria ser dessa forma. Nem

todos os doentes têm possibilidade de ter seguros, capacidade para ir ao privado, pelo que deveria haver uma complementaridade. É preciso criar sobretudo condições para os médicos que trabalham no SNS.

A população da Marinha Grande manifestou-se recentemente pela qualidade de saúde no concelho, incluindo a manutenção do Serviço de Atendimento Permanente. Do seu ponto de vista, este é um serviço que faz sentido continuar?

Acho que realmente é importante. Agora, também era importante que as pessoas que trabalham no SAP tivessem condições mínimas para conseguir dar resposta aos doentes que o procuram. Porque, às vezes, quem está ali também não tem condições nenhuma, nem tem maneira de dar um ponto, não tem um soro, não tem analgésico, não tem nada para dar resposta. E depois, o que acontece? Acabam por ir todos para o hospital. Nesse aspecto, mais vale ter os médicos a trabalhar no hospital do que estarem aqui sem terem condições. O que faz todo o sentido, porque acaba por diminuir a afluência no hospital, é haver realmente melhores condições para actuar aqui no SAP. Uma entidade de cuidados primários, seja ela SAP ou não.

Está prevista a criação de um centro de diagnóstico integrado na Marinha Grande. De alguma forma poderia substituir ou superar o SAP?

Acho que isso ia ser fantástico, numa primeira abordagem ao doente, quando não há necessidade de ir para o hospital. O médico podia fazer um raio-x, podia fazer umas análises, podia fazer aquela primeira triagem, tendo algo em que pudesse ter a confiança de que estava a tratar o doente com o que é necessário para ter um diagnóstico. E em coisas mais difíceis, onde fossem necessários cuidados mais diferenciados, então o doente ia para a urgência do hospital. Isso iria ser muito bom para diminuir a afluência e combatia-se todo aquele ciclo vicioso de tempos de espera. Às vezes os doentes mais graves acabam por estar à espera e não são vistos. E depois, há um agravamento da situação clínica, quando outros podiam ser tratados perfeitamente nos cuidados de saúde primários.

Concorda com a fasquia de notas tão elevadas para o ingresso em medicina?

Funciona por *numerus clausus*. Existe um número de vagas para entrar em medicina, que já nem são muito poucas. Até já existem bastantes universidades com o curso. A questão é melhorar condições para que os médicos não vão para o privado, não vão para o estrangeiro. Talvez se conseguíssemos rentabilizar os médicos que temos, se calhar eram suficientes para o SNS que temos. O problema é que a maior parte sai e deixa o SNS. Quanto a notas, são espertos. Cada vez temos alunos com notas mais elevadas.

Mas talvez se percam alunos com vocação por não atingir essa média.

Isso tem a ver com a maneira de classificar. Em muitos países podemos entrar em medicina e só depois há uma triagem, para perceber se a pessoa tem vocação ou não. Não se é barrado à entrada. Porque sabemos que há muitas pessoas que têm muito boas notas, que entram para medicina, mas que depois nem gostam ou não se identificam. E há pessoas com notas mais baixas que acabam por nunca conseguir ter essa profissão e que seriam excelentes médicos. Medicina não é dos cursos mais difíceis de tirar. Precisa é de dedicação, de trabalho. Uma engenharia, uma matemática aplicada é mais difícil do que medicina. Não é só um aluno que tem média de 18 que consegue tirar medicina. Mas neste momento é o nosso meio de fazer essa triagem.

Para alguns pacientes, cancro ainda é um tabu?

Nem é um tabu, é um bicho-papão. No sentido em que para alguns pacientes, quando nós dizemos que têm um cancro, “acabou, não vale a pena fazer mais nada”. No entanto, também cada vez mais, e com toda a possibilidade que as pessoas têm de ver na internet, cada vez têm mais acesso a toda essa informação e cada vez sabem que há mais estudos, mais meios para curarmos o cancro. E acabam por já ter aquela esperança. Enquanto nos velhinhos, é diferente. Às vezes até há famílias que nos pedem para não dizermos ao doente que ele tem um cancro, porque a pessoa fica logo deprimida e não quer



fazer mais nada. Temos que avaliar um bocadinho a situação, embora todas as pessoas tenham o direito de saber que têm. É uma doença que realmente nos assusta. Felizmente, já temos muitos tumores que conseguimos curar.

Mas ainda se morre por medo ou por vergonha de tratar?

Sim, em zonas mais rurais. O cancro da mama, por exemplo, é uma situação onde a mulher tem vergonha. Na minha prática, é dos tipos de cancro em que me aparecem pessoas com coisas horríveis e que nunca mostraram a ninguém. Recusam-se a mostrar por causa da vergonha e porque acham que não é nada e não querem, não querem... Até que chegam em determinado momento, ou pelo cheiro ou pelas úlceras. A gente não sabe como é que chegaram àquele ponto. Depois, com a família, conseguimos apurar que as pessoas vivem lá no seu cantinho e não mostram a ninguém, andam sempre cobertas. Ainda existe, cada vez menos, mas ainda existe.

Temos aprendido com as campa-

Percurso Entre o SNS e o voluntariado

Sandra Ferraz nasceu em 1973 e é natural da Marinha Grande. Seguiu Medicina na Universidade de Coimbra, especializou-se em Cirurgia Geral, é assistente graduada de Cirurgia Geral na Unidade Local de Saúde da Região de Leiria, com vasta experiência em cirurgia aberta e laparoscópica, especialmente na área esofagogastrica e oncológica. Exerce funções de liderança no Serviço de Urgência do Hospital de Santo André e tem forte envolvimento em projectos de segurança clínica, prevenção de infeções, formação e melhoria contínua dos cuidados de saúde. Participa regularmente em acções de sensibilização e educação para a saúde, incluindo iniciativas da Liga Portuguesa Contra o Cancro e actividades com crianças e escolas. Desenvolve também trabalho voluntário como médica-chefe do Rallye Vidreiro Centro de Portugal.

nhas de sensibilização para a fruição saudável do sol?

Sim, mas ainda há muito descuido. Não sou da dermatologia. Mas ainda me acontece retirar. Não é tanto, porque hoje em dia também já existe muito rastreio do cancro da pele e os médicos de família têm uma porta aberta para o dermatologista e há diagnóstico mais precoce.

Que comportamentos a tiram do sério quando vai à praia?

Aquelas pessoas que a gente vê, brancas, brancas, brancas, que vão a primeira vez à praia e estão ali expostas à hora do calor, do sol mais intenso e muitas vezes sem um protector solar. Isso faz-me um bocadinho de confusão. E com crianças pequenas. Quando até se pensa que no primeiro ano nem deveriam frequentar a praia, porque apesar de todos os cremes, todas as roupas, acabam por ter um risco maior de alterações.

Que recomendações relembra para este Verão e para estes dias de maior temperatura?

Não estar na praia ou ao sol nas ho-

ras de maior calor, principalmente desde as 11 até às 16 horas. Com as crianças, usar sempre protector solar de ecrã total e voltar a usar várias vezes ao longo do dia. Usar chapéu e óculos de sol. Hidratar, beber muita água. E, principalmente, com os bebés então, não estejam mesmo ali antes das 16 horas. E ter muito cuidado com as orelhas, por exemplo, que são frágeis, extremidades que estão sempre em contacto com o sol.

Foi distinguida como Profissional de Mérito pelo Rotary Club da Marinha Grande. Que características definem, na sua opinião, um profissional de mérito?

Eu não estava nada à espera de ser *Profissional de Mérito*. Acho que foi um pouco pelos valores que também regem os rotários. De dedicação à comunidade, de missão no seu íntimo para com a comunidade, para com as outras pessoas, tentar fazer alguma coisa diferente para a população, para a cidade. E ter algum percurso na carreira que realmente mostre esse caminho. As pessoas que me nomearam conhe-

cem-me, sabem que eu sempre fui muito dedicada à minha profissão, que desde pequena quis ser médica e que sempre lutei muito e deixei de fazer muita coisa na minha vida, de estar com os amigos e família, que vivo no hospital e levo o hospital para casa. E sempre que me foi pedida ajuda, fiz apresentações sobre cancro da mama, sobre cancro do recto, rastreios, quer através dos rotários quer através da Liga Portuguesa Contra o Cancro, sou também voluntária no Rallye Vidreiro.

Que importância têm os rotários na comunidade?

Pelos princípios que os regem, acho que são importantes. O meu marido, Rui Franco, que também foi distinguido como *Profissional de Mérito*, em 1998, participava com os rotários na atribuição de bolsas para os estudantes com mais dificuldades. Eles promovem eventos para ajudar. Fazem também os cabazes de Natal para famílias carenciadas. Estão sempre atentos a essas situações e ajudam as famílias.

Da Kristin às ondas de calor, região tem “oportunidade incrível de fazer melhor”

No âmbito do Dia da UE para as Vítimas da Crise Climática, a embaixadora do Pacto Europeu para o Clima, Bárbara Costa, alerta que os planos climáticos estão no papel e o calor mata cada vez mais

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

Quando se fala de ondas de calor, as imagens escolhidas pelos media para as ilustrar privilegiam crianças a brincar em fontes e directos de veraneantes a banhos nas praias. A realidade, porém, é cada vez menos idílica. Pelo menos, desde o início da década, o sol, que foi símbolo de lazer, transformou-se naquilo que a embaixadora do Pacto Europeu para o Clima em Portugal, Bárbara Costa, apelida de “assassino silencioso”.

No âmbito do Dia da UE para as Vítimas da Crise Climática Mundial, assinalado a 15 de Julho, as cicatrizes dos incêndios e a quase ausência de corredores verdes urbanos na região mostram que a crise climática deixou de ser um gráfico distante num relatório de Bruxelas para se confirmar como ameaça real e imediata. E isto apesar de a maioria do nosso País ter passado, este ano e até agora, ao largo do pior impacto das ondas de calor que, nas últimas semanas, têm colocado Madrid, Paris, Berlim e Varsóvia acima dos 40 graus.

“Cuidar do planeta e cuidar do clima é cuidar de nós próprios. Não há seres humanos B”, alerta a jovem, sublinhando que a passividade dos cidadãos põe em causa a nossa própria espécie.

Enquanto prepara, em Leiria, um evento com especialistas sobre o tema, a embaixadora divulga a carta aberta que o Pacto Europeu para o Clima dirigiu ao Governo e aos municípios portugueses para que assumam um compromisso com a adaptação ao calor extremo.

Segundo o documento, as ondas de calor já terão causado mais de 1.300 mortos no continente europeu desde 21 de Junho. Portugal continental registou seis ondas de calor desde o início de 2026, incluindo em Abril e Maio, fora da época estival, e as perdas económicas associadas às altas temperaturas já representam 0,5% do PIB europeu anual, podendo atingir 3% nas regiões do sul até 2060.

Bárbara Costa reconhece que Portugal aprovou a *Lei de Bases do Clima*, em incumprimento, e que a maioria dos municípios elaborou ou está a concluir os Planos Muni-

cipais de Acção Climática, porém, denuncia que estes permanecem no papel e milhares de idosos, crianças, trabalhadores ao ar livre e famílias vivem sob ameaça à sua saúde e às suas vidas.

Adaptar edifícios públicos e horários de trabalho

A estratégia de adaptação deve ser realizada pela reestruturação de edifícios, espaços públicos e horários de trabalho, respondendo ao dado de que “95% das mortes relacionadas com alterações climáticas na Europa” devem-se ao calor e as restantes

a inundações, como a que atingiu a Comunidade Valenciana, no ano passado.

A falta de preparação das cidades, como a de Leiria, onde se verifica uma escassez de “corredores verdes que regulam a temperatura nas ruas”, traduz-se em semanas consecutivas com termómetros acima dos 40 graus, impedindo o arrefecimento das habitações e penalizando quem trabalha ao ar livre, na ausência de uma legislação específica que proteja os trabalhadores.

Em consequência, afirma, as desigualdades regionais acentuam-se e dá um exemplo. Após a tempestade Kristin, enquanto o centro urbano de Leiria recuperou rapidamente, as vilas e aldeias circundantes demoraram semanas a restabelecer serviços básicos como a energia, água e comunicações. A ausência de ponderação futura no momento

de criar infra-estruturas e respostas públicas são criticadas pela embaixadora que lamenta a insistência em modelos do passado que ignoram a nova realidade climática. “O nosso ecossistema e as características de clima da nossa região já não são iguais. Temos de colocar em prática algo que resista”, afirma, criticando, por exemplo, a plantação intensiva de espécies que funcionam como autênticos “fósforos” em períodos de seca, fomentando incêndios incontroláveis, em vez de se apostar na valorização da floresta autóctone menos inflamável.

A região de Leiria, no rescaldo da Kristin, tem uma “oportunidade incrível de fazer melhor”, através de um “pensamento regenerativo”, que não se limite a sustentar o que resta, mas que melhore o sistema para as próximas gerações. “Há a tendência para as questões das al-

terações climáticas serem abordadas como se fossem apenas temas da esquerda, quando, na realidade, isto é uma questão de Direitos Humanos e de todos os cidadãos”, defende.

Face à desvalorização, a jovem sugere comunicação feita da base para o topo e assembleias de cidadãos, como a iniciativa 230 ou a LCOY Portugal - Conferência da Juventude sobre as Alterações Climáticas, que antecede a COP da ONU e onde as comunidades participam na criação de propostas políticas.

“A luta contra a crise climática é uma batalha de comunicação”, diz e por isso, Bárbara Costa, citando sir David Attenborough, lembra que, para cada um de nós, “o desafio passa por trocar a gasolina da inacção pela água da regeneração, antes que a casa onde todos vivemos se torne inabitável”.



JSD

**Mudanças entraram
em vigor a 1 de Julho**



RICARDO GRAÇA

Alterações ao Mobilis contestadas. Câmara de Leiria admite falhas

Maria Anabela Silva
anabela.silva@jornaldeleiria.pt

As recentes alterações à rede Mobilis, que entraram em vigor no início deste mês, estão a gerar contestação entre os utilizadores, que se queixam da falta de informação sobre aos novos horários quer nos abrigos de passageiros quer nos autocarros, e da supressão de paragens no centro da cidade. Reconhecendo atrasos na disponibilização da informação, a Câmara de Leiria, pela voz do vereador Luís Lopes, admite reverter algumas das alterações. À autarquia e à Rodoviária do Lis chegaram, até segunda-feira, 13 reclamações formais, mas nas redes sociais multiplicam-se as críticas.

Utilizadora regular do Mobilis, Liliana Pereira diz compreender a necessidade de “ajustes”, por força da nova localização do terminal rodoviário, mas critica algumas das mudanças introduzidas e a forma como foram comunicadas. A utente alega que houve pouca informação e que esta só foi disponibilizada por via digital, deixando de fora muitos passageiros. “A comunicação devia ser mais analógica com informação nos autocarros e nas paragens”, defendeu, durante a intervenção que fez na última reunião de câmara, na qual também os vereadores da oposição criticaram a forma como o processo foi conduzido.

“Não é compreensível que não se tenham informado atempadamente os utentes. Não há justificação”, apontou Luísa Gonçalves (PSD), enquanto Luís Paulo Fernandes (Chega) lembrou que a “deficiente informação causou prejuízos”.

Em resposta, o vereador Luís Lopes, que tutela os pelouros da Mobilidade e dos Transportes Públicos, admitiu que houve “atraso na disponibilização de informação analógica”, com a distribuição de folhetos e desdobráveis, e na colocação de mapas com as novas rotas nos abrigos de passageiros, um trabalho que está agora a ser feito, ou seja, duas semanas depois da entrada em vigor das alterações.

A supressão de paragens no centro da cidade, nomeadamente, no largo do Teatro José Lúcio da Silva e junto à Sé, é outro dos pontos contestado pelos utentes. “Alegam que há outros autocarros que passam por essas paragens. Seria válido se tivéssemos autocarros a passar de dez em dez minutos

e não de hora a hora, como acontece”, expôs Liliana Pereira, que defendeu a reposição de paragens naqueles dois pontos. A utilizadora contestou ainda a supressão de um horário da linha 3, que funcionava ao sábado de manhã e que “era usado por quem queria ir ao mercado”.

Alegando que algumas das alterações agora introduzidas “tiveram por base reclamações” ao serviço, o vereador Luís Lopes admite que se façam ajustes em função da “monitorização diária” que está a ser efectuada, incluindo a reactivação de paragens suprimidas. “Estamos disponíveis para introduzir as melhorias que se entendam necessárias e possíveis”, assegurou o autarca, sublinhando, no entanto, que “é impossível garantir que qualquer alteração não traz constrangimentos”.

Nuno Serrano, vereador do PSD, expressou satisfação pela abertura da autarquia para rever, “de forma ponderada”, algumas das mudanças e recordou que, aquando da aprovação das mesmas em reunião de câmara, a bancada social-democrata manifestou “sérias reservas”, sobretudo, aos fundamentos que sustentaram a decisão, acusando o município de fazer “uma reestruturação significativa sem qualquer estudo técnico ou análise que sustentasse as alterações”. Uma acusação que foi refutada por Luís Lopes.

1,3

No ano passado, a rede Mobilis registou 1.335.494 utilizações do Mobilis, o que traduz um incremento de quase mais 200 mil face a 2024

Super@Solidão desenvolveu cerca de 4.400 intervenções de combate ao isolamento

Depois de “uma vida” em Lisboa, Catarina Marcelino mudou-se para Leiria em 2018. A viver sozinha, encontrou no projecto *Super@Solidão*, promovido pela Amitei - Associação de Solidariedade Social de Marrazes, um aliado para combater o isolamento. “É maravilhoso. Trabalhei no atendimento ao público e falava com muita gente. Agora, acabo por estar mais fechada. Os dias que vou às actividades são uma boa ajuda”, partilha a mulher, uma das beneficiárias do projecto, que, no primeiro ano de funcionamento, já desenvolveu cerca de 4.400 intervenções, com o objectivo atenuar a solidão.

Criado com a missão de “chegar às pessoas mais isoladas” de Marrazes, Barosa, Milagres, Regueira de Pontes, Leiria, Cortes e Pousos, o *Super@Solidão* conta actualmente com meia centena de participantes, dos 66 aos 96 anos. Segundo Sofia Pedrosa, coordenadora do projecto, quando este arrancou, “78% dos participantes apresentavam sinais de solidão e 84% tinham fragilidade físicas, psicológicas e sociais”.

“Os dados confirmam que estamos a chegar às pessoas que necessitam deste acompanhamento”, diz a gerontóloga, revelando que, durante o primeiro ano, a equipa efectuou uma média mensal de

370 intervenções, ajustadas às necessidades de cada participante.

Ateliê de informática, sessões de fisioterapia, cuidados de enfermagem, exercícios de estimulação cognitiva e actividades de socialização, que vão desde uma simples ida ao café ou ao supermercado, a passeios à praia ou visitas a museus e à biblioteca, são algumas das iniciativas promovidas pelo projecto. Os beneficiários podem também participar nas actividades da Amitei, o que, segundo Sofia Pedrosa, contribui para “desmitificar a imagem de lar e centro de dia”, ou integrar o Coro Comun(Idade), que junta ainda crianças e pessoas da comunidade.

“Mais do que preencher tempo, o projecto devolve rotinas, promove autonomia, reforça auto-estima e cria oportunidades para que as pessoas voltem a sentir-se parte da comunidade”, afirma a coordenadora. **MAS**

47

O projecto conta, neste momento, com 47 participantes, com idades entre os 66 e os 96 anos, na maioria mulheres

E-Redes vai ter balcão na Loja de Cidadão de Leiria

A E-Redes vai passar a ter um balcão de atendimento na Loja do Cidadão de Leiria. Segundo o protocolo aprovado, esta segunda-feira, em reunião de câmara, será uma ocupação “temporária”, pelo prazo de um ano, renovável por períodos sucessivos de seis meses.

De acordo com o documento, a iniciativa partiu da E-Redes, que contactou a ARTE - Agência para a Reforma do Estado, anteriormente designada AMA - Agência para a Modernização Administrativa, no sentido de poder ocupar temporariamente um espaço na Loja de Cidadão, “em virtude da indisponibilidade das suas instalações [localizadas nos Andrinós], causada pelos danos provocados pela tempestade

Kristin, os quais impossibilitam a realização do atendimento ao público em condições de segurança”.

Actualmente, o atendimento é feito “sem condições” num contentor, sendo as pessoas obrigadas a esperar no exterior, testemunhou Nuno Serrano, vereador do PSD, na reunião de executivo, considerando que “faz sentido” a câmara ajudar a encontrar uma alternativa, que traga mais conforto a quem tem de recorrer aos serviços presenciais da E-Redes.

Segundo a deliberação da câmara, a empresa pagará uma “contrapartida mensal” fixada em 218,6 euros, que teve por referência a área privativa do Instituto da Segurança Social.

SOCIEDADE

Parque de Campismo do Pedrógão reabre envolto em polémica

Paula Sofia Luz

redacao@jornaldeleiria.pt

A reabertura do parque de campismo da Praia do Pedrógão, há duas semanas, trouxe com ela alguns dissabores: as estruturas construídas, de forma irregular, junto a caravanas, terão de ser removidas. A Câmara de Leiria, que assumiu no ano passado a gestão do parque, estendeu até Abril de 2027 o prazo para extinguir os contratos antigos, incluindo os que foram renovados em 2025. E isso inclui cerca de 120 campistas que tinham autênticas “casas” no parque.

“O que acontece é que estamos a ser postos na rua. No ano passado o presidente da Câmara de Leiria garantiu-nos, numa reunião, que ninguém ia embora do parque, e agora, pela calada, não renovam contratos”, contou ao JORNAL DE LEIRIA uma dessas utentes, que prefere o anonimato, e que há 11 anos mantém no parque uma estrutura do género. “Só em renda a totalidade dos anos por mim pagos ronda cerca de 13 mil euros. Em estruturas, cerca de 25 mil euros”.

Durante mais de uma década, o parque de campismo foi gerido por uma empresa (que gere outros parques na região Centro), até que no ano passado a Câmara de Leiria, enquanto proprietária, acabou por tomar posse do espaço, num processo conturbado. Ao longo dos anos “convenceram as pessoas de que poderiam ter ali uma casa de férias, a um preço baixo. Muitas foram construindo autênticas moradias, com ligações de gás, água e tudo, e algumas passavam



RICARDO GRAÇA

O parque alberga autênticas moradias o que, segundo a autarquia, fere o regulamento

aqui mais tempo do que nas suas casas, porque aqui tinham outras condições, até no Inverno”, conta Maria Júlia, uma campista natural da região de Tomar, que há mais de 30 anos frequenta o local.

Dentro do parque, que reabriu a 3 de Julho, o cenário é ainda de destruição. A maioria dessas es-

truturas ficou danificada com a tempestade Kristin e nem toda a gente removeu os destroços.

O vereador Luís Lopes, que tutela o equipamento, diz que “um dos motivos que levou o Município de Leiria a resolver o contrato de concessão foi precisamente o facto de a concessionária ter desrespeitado a sua obrigação de velar pelo cumprimento do regulamento, que proíbe cobrir o solo com elementos que impeçam o necessário arejamento e permeabilidade, ou definir limites ou decorações nos

alvéolos com materiais inadequados.

O autarca sustenta que a autarquia encontrou 120 situações irregulares, como “estruturas assentes em bases de cimento e lajes de betão, pavimentos cerâmicos, lancis em blocos de cimento, coberturas em chapa metálica, varandas e gradeamentos, churrasqueiras individuais pré-fabricadas; e até pequenos muros de suporte para nivelamento de espaços individuais”. Até Abril de 2027, terão de ser todas removidas.

Militar da GNR morre atropelado em Alcobaça

Um militar do Destacamento de Trânsito da GNR morreu na sexta-feira à noite, atropelado por um veículo ao quilómetro 88 do IC2, junto à localidade de Redondas, na freguesia de Turquel, concelho de Alcobaça. O condutor não parou no local, mas acabou por regressar e entregar-se às autoridades, tendo sido detido com uma taxa de alcoolemia superior a 1,2 gramas por litro, valor que, por si só, já constitui crime punível com pena de prisão. Segundo disse fonte da GNR à Lusa, o militar encontrava-se a controlar o trânsito junto de um camião que se havia incendiado pouco antes naquele troço. O atropelamento ocorreu cerca das 23:20 horas, quando o incêndio já estava extinto e o militar assegurava a regulação da circulação no local. Numa nota de pesar, o Ministério da Administração Interna sublinha que “nenhuma vida deve ser perdida por indiferença, negligência ou irresponsabilidade”.

Rusga em Leiria termina com apreensão de 17.900 euros

Liderada pelo Comando Distrital da PSP de Leiria, a *Operação Lótus*, que decorreu na semana passada no Bairro Sá Carneiro, culminou com a apreensão de 17.900 euros em numerário, 29,08 gramas de haxixe (59 doses), 5,62 gramas de cocaína (22 pedras), 46 volumes de tabaco sem selo fiscal e em língua inglesa, três facas, entre outros objectos relacionados com o tráfico de droga. Com o apoio de diversas valências da PSP de Leiria e do reforço operacional do Comando Metropolitano de Lisboa, do Comando Distrital de Santarém e do Comando Distrital de Coimbra, foram ainda detidos sete homens, com idades compreendidas entre os 22 e os 29 anos, dos quais a quatro foi-lhes aplicada a medida de coacção de apresentações periódicas, uma vez por semana, em posto policial. Os suspeitos “possuem antecedentes criminais relevantes, sobretudo pela prática de crimes relacionados com o tráfico de estupefacientes”, ilícito pelo qual alguns deles já foram condenados.

Milagres recorda os 100 anos da criação da colónia agrícola, a primeira experiência de colonização interna

O centenário da criação da colónia agrícola de Milagres, no concelho de Leiria, a primeira de várias que o Estado Novo criou numa tentativa de povoar algumas regiões do País, vai ser evocado, este sábado, dia 18, com um conjunto de iniciativas que tem como lema *Raízes que nos unem, futuro que cultivamos*.

As celebrações começam pelas 10 horas, com a sessão de abertura, seguida de um desfile

da Filarmónica Bidoeirense pela zona da antiga colónia agrícola. Pelas 11:30 horas, haverá missa e homenagem aos colonos. A



Celebrações irão homenagear antigos colonos já falecidos

tarde será dedicada à evocação histórica da data, que incluirá um momento de recriação, a inauguração de uma exposição fotográfica e documental e um espaço de partilha das memórias da comunidade.

Inaugurada a 18 de Julho de 1926, a colónia agrícola tentou ‘domesticar’ terrenos baldios com searas (trigo, centeio e milho), que hoje estão ocupados com floresta (pinheiro e eucalipto).

Outros foram urbanizados ou encontram-se incultos, sobrando algumas (poucas) parcelas cultivadas. Dos equipamentos colectivos (posto médico, forno comunitário, moagem e uma oficina tecnológica) nada resta. E todos os antigos colonos já faleceram. Emília de Jesus, a última, morreu em 2019, a caminho dos 92 anos, como recordou o JORNAL DE LEIRIA numa reportagem publicada em Abril desse ano.



"VAI TUDO
PARA
O MESMO
LIXO"

Começa por reciclar as desculpas

Não dê férias aos biorresíduos,
coloca-os no contentor apropriado.

vamoslixarolixo.pt

SOCIEDADE

IC2 em ponto-morto, IC8 perigoso e acesso à A1 nas Meirinhas anunciado

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

As filas e os acidentes repetem-se quase diariamente no IC8, entre os cruzamentos da Aldeia do Vale e de Vila Cã, no Outeiro das Galegas. A Infraestruturas de Portugal (IP) estima que a reparação dos cerca de 30 metros de aluimento do piso, em consequência das tempestades de Janeiro, custará cerca de um milhão de euros e poderá demorar até mais seis meses. Contas feitas, a IP poderá levar quase um ano a concluir a empreitada.

O estado do IC8 esteve, aliás, em destaque na última reunião do executivo municipal de Pombal, depois de o vereador João Coelho (PS) ter dado conta de mais um choque frontal entre duas viaturas na zona das Castelhanas. Para o autarca socialista, o episódio reforça a convicção antiga de que as barreiras existentes são insuficientes. Coelho sugeriu que o município interceda junto da tutela para prolongar as baias de segurança e “mais bem sinalizar o perigo”. Pedro Pimpão comprometeu-se a pressionar a IP nesse sentido. “Vamos reforçar junto das Infraestruturas de Portugal a necessidade de se avançar ou de se prolongar esse separador do IC8 também junto às Castelhanas”, afirmou o presidente da câmara. O autarca recorda ainda que foi publicado, na semana passada em Diário da República, um concurso público para estudos de requalificação da via que liga Pombal a Vila Velha de



Pedro Pimpão reconhece que a população está descontente

Ródão, no valor de 2,4 milhões de euros.

Mas o IC8 não é a única obra pública em ponto morto no concelho. A muito aguardada requalificação do IC2, entre o Barracão e a cidade de Pombal, arrancou em Março de 2025 e foi suspensa a 7 de Abril, para reformulação do estudo. Os trabalhos recomeçaram em Agosto e foram novamente interrompidos a 3 de Novembro, desta vez sem

data para retomar. A IP confirmou que a empreitada avançará para novo concurso. Alguns autarcas ouvidos pelo JORNAL DE LEIRIA receiam, porém, que a empresa pública tenha esgotado a provisão de verbas e, este ano, não concretizará a intervenção.

Pimpão reconhece que a população está descontente e que a autarquia tem reclamado, por todos os canais disponíveis, a ur-

gência na reparação das duas vias. Quanto ao IC2, aguarda a revisão do estudo de requalificação, mas aponta uma nota positiva: contactou o ministro das Infraestruturas e o responsável da Brisa para que, na renegociação em curso com a concessionária das auto-estradas, seja incluído o nó de acesso à A1 na zona de Barracão/Meirinhas. “É um compromisso que espero que seja concretizado”, sublinha.

BREVES

Ourém Obras de um milhão de euros em escolas e estradas

A Câmara de Ourém aprovou, na última reunião de executivo, concursos no montante global de um milhão de euros para reparar escolas e estradas afectadas pela tempestade Kristin. As intervenções abrangem a escola básica de Caxarias, a escola EB 2,3 de Freixianda e um conjunto de 21 estabelecimentos de ensino do concelho. Ao nível da rede viária, prevêem-se reparações nas freguesias de Gondemaria, Olival e Alburitel.

Porto de Mós Mais de 1.200 refeições doadas nas tasquinhas

O combate ao desperdício alimentar voltou a estar em foco em mais uma edição das tasquinhas das Festas de São Pedro, em Porto de Mós. Durante o evento, a associação Rodas d'Aço Motor Clube recolheu 547 quilos de alimentos, que permitiram doar 1.247 refeições a pessoas carenciadas. A iniciativa contou com o apoio das juntas de freguesia, que colaboraram na distribuição das refeições, e das associações presentes nas tasquinhas.



Praia da Vieira Percurso pedestre mostra biodiversidade

A associação ambientalista Oikos promove, no sábado, dia 18, mais um percurso pedestre no âmbito do projecto *Bacia Hidrográfica do Lis - Agir para conhecer, proteger e valorizar*. Desta vez, o percurso pretende evidenciar a biodiversidade da Praia da Vieira, no concelho da Marinha Grande. O ponto de encontro será no parque de caravanas, junto à foz do rio Lis, com início às 8:30 horas, prevendo-se que dure cerca de duas horas.

Projecto faz “demolição total das piscinas” de São Pedro

Depois de, na semana passada, o ex-presidente do Município da Marinha Grande ter questionado a paragem do projecto de requalificação das piscinas de São Pedro de Moel, Armando Constâncio, actual vereador neste município, mostra-se crítico em relação ao projecto promovido por Aurélio Ferreira, que, considera o socialista, faz a “demolição total” do complexo.

Na semana passada, o líder do +MPM indagou, através de comunicado de imprensa, por que razão se encontra parado este projecto, cujo Pedido de Informação Prévia já tinha sido aprovado por unanimi-

dade pela Câmara da Marinha Grande, em Março de 2024, projecto esse que já estaria baseado em pareceres favoráveis de várias entidades, incluindo o da Agência Portuguesa do Ambiente, e que o novo executivo terá reenviado para nova apreciação da APA.

Numa publicação na sua página de Facebook, Armando Constâncio escreve que “não se trava o que não existe”. “Não há nenhuma ‘requalificação’ das Piscinas de São Pedro de Moel. O projecto que Aurélio Ferreira promoveu e continua a promover, faz a demolição total das Piscinas Oceânicas, do Cheers, do Snoo-

bar, da Hot Rio, da Restaurante e da sala Vareda Pedroso, substituindo-o por um projecto imobiliário, puro e duro, com 14 moradias de luxo para venda, 15 apartamentos turísticos, servidos por um tanque com 25 x 12 metros, que ficará ao serviço do condomínio”.

Em segundo lugar, prossegue, “o PIP foi aprovado em 2023, sem nenhuma garantia escrita de que o tanquezinho que substituiu a piscina oceânica será de utilização pública, nem se definiu qualquer balizamento para o preço de eventuais ingressos”. Além disso, o projecto de licenciamento entrou em Julho

de 2025, ainda com Aurélio Ferreira como representante do +Mpm, que o poderia ter aprovado até finais de Outubro de 2025 e não o fez”, realça Armando Constâncio.

Em reunião de câmara, segunda-feira, em substituição do vereador Aurélio Ferreira, Pedro Neto perguntou, caso a câmara não queira avançar com o projecto, se pondera comprar aquele espaço que é privado. Paulo Vicente reforçou a sua posição, afirmando que a decisão só será tomada quando o assunto for a reunião de câmara. “Não sou promotor imobiliário”, sublinhou o presidente do município. **DFS**

63.426

é o valor das rendas que a ULSRL pagou, no ano passado, pelas instalações do hospital de Pombal

SOCIEDADE



Ervas em Mira de Aire abrem polémica entre junta e câmara

Estalou o verniz entre a Câmara de Porto de Mós e a Junta de Mira de Aire, ambas lideradas por eleitos do PSD, devido à falta de limpeza das ervas nas bermas da estrada. “Não estamos disponíveis para pagar aquilo que depende dos outros. Quem tem de limpar, que limpe”, afirmou Alcides Oliveira, presidente da Junta, perante a Assembleia de Freguesia, alegando que é à câmara que cabe “limpar bermas e cortar ervas na zona urbana”. O presidente do município, Jorge Vala, ripostou na última reunião de Câmara, frisando que a junta recebe, por via da descentralização de competências, verbas para executar esses trabalhos. “A lei obrigou-nos a transferir esta competência para as juntas, pagando, naturalmente”, afirmou Jorge Vala, adiantando que, no caso de Mira de Aire, o município transfere para a junta “a módica quantia de 22.217 euros” por ano. Pelo que, lamentou a “falta de solidariedade” da junta, por “responsabilizar o município por uma coisa que é da sua responsabilidade”.

Misericórdia de Pombal admite reaver hospital e partilhar gestão com Sanfil

Maria Anabela Silva
anabela.silva@jornaldeleiria.pt

A Misericórdia de Pombal admite reaver o edifício onde funciona o hospital da cidade, que é propriedade da instituição e que está arrendado à Unidade Local de Saúde da Região de Leiria (ULSRL), para assumir a sua gestão em parceria com o grupo Sanfil. O assunto estará em discussão na assembleia geral extraordinária da instituição, marcada para esta quinta-feira, dia 16, na qual deverá ser aprovada a constituição de uma comissão com poderes para representar a Misericórdia no processo negocial com a Sanfil.

O provedor da irmandade garante, no entanto, que “nada está decidido” e que o hospital “nunca será vendido”. Joaquim Guardado afiança ainda que, se houver acordo, a prestação de cuidados de saúde à população continuará a ser assegurada, mediante contratos-programa com o SNS, como está previsto no decreto-lei de 2013 que estabelece o regime de devolução

dos hospitais às misericórdias, nacionalizados no pós-25 de Abril de 1974.

Em declarações ao JORNAL DE LEIRIA, Joaquim Guardado conta que a instituição recebeu, há cerca de um mês, uma “carta de intenção” da Global Health Company (GHC) à qual pertence a Sanfil, a manifestar interesse em assumir a gestão, “no âmbito da legislação em vigor”. Em cima da mesa, explica o provedor, está a possibilidade de desenvolver “uma parceria entre os sectores social [Misericórdia] e privado [Sanfil]”, com “um projecto para Pombal e para melhorar os cuidados de saúde prestados aos pombalenses”. “O hospital de Pombal tem dias, muitos dias, sem médico na urgência. O internamento tem 32 camas, mas só dez funcionam e a unidade de cuidados de convalescência não está cheia”, aponta.

O responsável explica que a legislação prevê que, no caso de o hospital retomar à Misericórdia, continuará a prestar cuidados aos utentes do SNS, através de contratos-programa ou convenções com

Reacção ULS diz desconhecer qualquer “diligência formal”

Contactado pelo JORNAL DE LEIRIA, a Unidade Local de Saúde da Região de Leiria (ULSRL) alega não ter conhecimento de “qualquer processo ou diligência formal” sobre o assunto. “O Conselho de Administração quer acreditar que, atendendo às excelentes relações institucionais existentes com a Santa Casa da Misericórdia de Pombal, esta instituição não encetaria qualquer diligência desta natureza sem comunicação prévia à ULS da Região de Leiria, enquanto entidade responsável pela gestão da unidade hospitalar de Pombal desde 2 de maio de 1981 e pela prestação de um serviço público de cuidados de saúde à população do concelho e da região”, acrescenta a resposta da ULSRL.

o Estado, que definem a actividade contratada e as condições financeiras em que a mesma é prestada.

O provedor frisa, no entanto, que o processo encontra-se numa fase inicial e que há muitos passos a dar, nomeadamente a auscultação da ULSRL e da Direcção Nacional do Serviço Nacional de Saúde. Também os associados da Misericórdia (designados por irmãos) terão de se pronunciar em relação a uma eventual parceria com os privados. “Podemos ou não chegar a um acordo. Para já, vamos estudar o assunto e tentar encontrar uma solução que sirva melhor os pombalenses, nomeadamente, melhorando os serviços de urgência e o internamento de curta duração”, afirma Joaquim Guardado, que deixa uma garantia: “Vender [o hospital] nunca”.

Construído pela Misericórdia de Pombal, o hospital foi inaugurado a 28 de Junho de 1965 e passou a ser gerido pelo Estado em 1981, à semelhança do que aconteceu com o Hospital Bernardino Lopes de Oliveira, em Alcobaça, que é propriedade da Misericórdia local.

Persiste problema na rede de água na zona serrana de Porto de Mós

A zona serrana de Porto de Mós continua a registar constrangimentos no abastecimento de água que, segundo o presidente da câmara, são provocados por “aumentos de consumo significativos, sobretudo, durante a noite e em períodos curtos”. Na última reunião de executivo, Jorge Vala deu conta que, na passada semana, “em quatro horas e meia foi despejado um reservatório com 200 mil litros”, situação que configura “alguma anormalidade” e que levou o município, que suspeita que alguns constrangimentos estejam associados a furtos de água, a comunicar o caso às autoridades. “Para a normalidade de consumo, o abastecimento que existe é completamente suficiente”, assegurou Jorge Vala, na sessão de executivo, na qual foi aprovado o investimento de 386 mil euros na remodelação da conduta elevatória do Tojal/Corredoura.

SOCIEDADE EDUCAÇÃO

Um grupo de docentes entregou uma petição à presidência do Politécnico de Leiria

RICARDO GRAÇA



Universidade de Leiria e Oeste mantém pagamento do mês de Agosto aos docentes contratados

Elisabete Cruz com MAS
elisabete.cruz@jornaldeleiria.pt

A Universidade de Leiria e Oeste (ULO), antigo Politécnico de Leiria, vai manter o pagamento do mês de Agosto aos professores especialmente contratados, cujos contratos cessam a 31 de Julho, ao contrário do que inicialmente chegou a ser equacionado.

O presidente do Politécnico de Leiria explica que durante o processo da transição da instituição foi estudada a “possibilidade da respectiva continuidade ser assegurada mediante renovação com efeitos a 1 de Agosto ou através da celebração de novo contrato com início no ano lectivo seguinte”.

“Após ponderação das soluções possíveis e do enquadramento legal aplicável, confirma-se a manutenção do procedimento que vinha sendo adoptado até ao momento”, acrescenta Carlos Rabadão, refutando que tenha existido qualquer recuo relativamente a decisões anteriormente tomadas, “uma vez que nunca existiu uma decisão definitiva sobre esta matéria antes da conclusão do processo de discussão e apreciação interna”.

Segundo o futuro reitor - aguarda a nomeação pela tutela -, du-

rante este período desenvolveu-se “um processo participado, transparente e assente na auscultação dos órgãos competentes e da comunidade académica, com o objectivo de alcançar a melhor solução possível no quadro legal existente”.

Depois de ter sido publicado o decreto-lei, promulgado pelo Presidente da República, António José Seguro, que procede à criação da Universidade de Leiria e Oeste, foi também publicado o Regulamento de Recrutamento, Selecção e Contratação de Pessoal Docente Especialmente Contratado, que incorporou contributos da comunidade académica, o que deixou os professores mais satisfeitos com a versão final.

“Foram recebidos numerosos contributos, todos devidamente analisados e ponderados, cuja apreciação contribuiu para o aperfeiçoamento da proposta inicial e para a clarificação de determinados aspectos do regulamento”, admite Carlos Rabadão.

O presidente sublinha que, “ao longo de todo este processo, foi sempre assumido que se tratava de um documento em discussão interna e não de uma decisão definitiva ou fechada”.

Carlos Rabadão acrescenta que a instituição “tem pautado a sua actuação pela abertura ao diálogo, pela participação e pela valorização dos contributos da sua comunidade académica, princípios que continuarão a orientar a sua acção no futuro”.

Petição entregue à presidência
Entretanto, um grupo de docentes do Politécnico de Leiria entregou uma petição subscrita por 236 dos cerca de 1.100 professores da instituição a exigir “uma transição justa” para a ULO e a pedir “transparência” no processo.

O documento, dirigido ao presidente da instituição, foi entregue nos serviços centrais do Politécnico a um dos vice-presidentes, no mesmo dia da publicação em Diário da República do diploma da criação da ULO.

Reconhecendo que a transformação em universidade constitui “um momento de grande importância” para a instituição, os signatários defendem que a futura universidade “não pode nascer à custa da desvalorização do trabalho docente, do aumento da precariedade, da diminuição da qualidade do ensino ou da intensificação das cargas lectivas”.

Confusão com correcção de exames do 12.º ano deixa alunos em suspenso

A confusão com a correcção dos exames do 12.º ano, devido a problemas informáticos nos processos de classificação electrónica dos exames nacionais do ensino secundário, está a deixar os alunos com a vida em suspenso.

Inicialmente prevista para o dia 14 de Julho, a afixação das pautas, cuja nota conta para a entrada no ensino superior, foi adiada para o dia 17. Assim, a 2.ª fase das provas finais terá início a 20 de Julho, em vez de a 16, terminando a 24, dois dias depois do inicialmente calendarizado.

“Stressa-nos a todos, mas ainda mais àqueles alunos que não sabem se terão média para entrar no curso que pretendem. É tudo muito apertado e esta espera aumenta a ansiedade”, desabafa Lara Pereira.

A aluna de 18 anos, da Escola Secundária Domingos Sequeira, em Leiria, vai concorrer a Enfermagem, em Coimbra. Acredita que a sua média lhe permitirá entrar, mas conhece casos diferentes. “Tenho uma colega que não sabe se terá notas para entrar no curso que pretende. Terá de decidir logo, quando saírem os resultados, a qual licenciatura se candidatar”, sublinha.

Perigo de injustiças

Lara Pereira teme também que a dificuldade que os professores estão a enfrentar possa criar injustiças, discriminando positiva ou negativamente alguns exames. “Se a nota

não corresponder ao que espero vou pedir revisão da prova”, assume.

Mais cautelosa, Maria Alves, 18 anos, prefere pedir a opinião a um professor antes de pedir para rever o exame. “Nesta fase, os professores até podem tentar puxar para cima as notas e a revisão pode baixar-nos os valores”, aponta.

Com o objectivo de se candidatar à licenciatura de Psicologia, Maria Alves, aluna da Escola Secundária Calazans Duarte, na Marinha Grande, admite que utilizar a tecnologia para a correcção pode ser um passo positivo. No entanto, critica que o Governo tenha decidido avançar com tudo ao mesmo tempo. “Esta transição deveria ter sido feita de forma mais gradual”, afirma, considerando que os governantes “não têm noção do sofrimento dos alunos”.

Concordando que a ansiedade e angústia de todo este processo é maior para os alunos que têm de decidir se vão à segunda fase e dependem da nota do exame para entrarem no curso que desejam, a aluna discorda “completamente quando o ministro da Educação disse que os pais foram imprudentes” na marcação das férias. “As famílias aguardam um ano inteiro para passar tempo juntas e alguns só podem tirar férias em determinado período. As datas foram escolhidas dentro da calendarização dos exames”, critica. EC

Herói de Aljubarrota dá nome à renovada escola de Porto de Mós

A Escola Secundária de Porto de Mós, que no próximo ano lectivo acolherá os alunos da EB 2,3 Dr. Manuel Oliveira Perpétua, vai mudar de nome e passar a designar-se por Escola D. Nuno Álvares Pereira, em homenagem ao herói da Batalha de Aljubarrota, travada em 1385 em território hoje ocupado pelo Campo Militar de São Jorge.

A mudança de nome foi aprovada em reunião do Conselho Municipal de Educação e carece ainda de ratificação da tutela.

Segundo o presidente da Câmara, Jorge Vala, a escolha de Nuno Álvares Pereira justifica-se por

“todas as referências e o relacionamento” que o Santo Condestável, canonizado em 2009, “tem com o território do Porto de Mós, nomeadamente, com o campo militar montado em São Jorge, a batalha de Aljubarrota e a capela que mandou construir de agradecimento pela vitória sobre os castelhanos”.

No entender do autarca, “há uma ligação directa e umbilical deste herói ao concelho”, que justifica a atribuição do seu nome à escola secundária que, no próximo ano lectivo, se apresentará requalificada e modernizada, após um investimento superior a 9,3 milhões de euros.



Há mais Luz em Leiria

CIRURGIA DE AMBULATÓRIO
CONSULTAS DE ESPECIALIDADE
EXAMES
ANÁLISES CLÍNICAS
CENTRO DE ENDOSCOPIA
CENTRO DE IMAGIOLOGIA
CONSULTA SEM MARCAÇÃO

Para mais informações consulte

MY LUZ
hospitaldaluz.pt

HOSPITAL DA LUZ
CLÍNICA DE LEIRIA

50 ANOS DE PODER LOCAL

Inquérito a presidentes de junta de freguesia da região a propósito dos 50 anos das primeiras eleições autárquicas em democracia

“Acredito numa política de porta aberta, onde todos os fregueses têm voz”

Manuel Barroso Líder da Junta de Porto de Mós, escolhia D. Fuas Roupinho para presidente honorário da freguesia e com um orçamento ilimitado construía um pavilhão multiusos que servisse o concelho

Quais as suas principais preocupações enquanto autarca?

Enquanto autarca, a minha prioridade são as pessoas e o seu bem-estar. Defendo uma gestão de proximidade, baseada no diálogo e na resolução dos problemas do dia-a-dia, mantendo uma articulação permanente com o município. Acredito numa política de porta aberta, onde todos os fregueses têm voz. Assumo também o compromisso de valorizar as nossas tradições, apoiar a comunidade e promover iniciativas que aproximem as pessoas, desde os mais jovens aos mais idosos. Paralelamente, represento a freguesia na defesa dos seus interesses e na reivindicação de investimentos importantes para o futuro, com rigor e responsabilidade.

Que visão tem para o futuro da freguesia e o que gostaria de alcançar durante o seu mandato?

Uma freguesia onde todos os cidadãos, independentemente da idade, sintam orgulho em viver. Uma freguesia mais moderna, inclusiva e sustentável, que preserve a sua identidade e as suas tradições, sem perder de vista o futuro e os desafios que este nos coloca. Este caminho só será possível através da proximidade, da participação activa dos cidadãos e de uma gestão responsável, transparente e eficiente dos recursos públicos.

Se tivesse um orçamento ilimitado para um projecto, qual seria?

Se dispusesse de um orçamento ilimitado, o projecto que mais gostaria de ver concretizado seria a construção de um pavilhão multiusos, capaz de servir não só



O PORTOMOSENSE

deste património: Sugiro “Casa dos Cantoneiros - Entre pedras, caminhos e histórias”.

Se pudesse convidar uma figura histórica ou celebridade para ser Presidente Honorário da Junta por um dia, quem seria e porquê?

Convidava D. Fuas Roupinho, por ser uma figura marcante da história de Porto de Mós. Como alcaide da vila e conhecedor destas terras, representa a coragem, a liderança e a identidade da nossa freguesia.

Indique três locais imperdíveis na sua freguesia.

Como o Castelo já tem o seu destaque merecido, sugiro outros locais também dignos de visita: A Igreja de São Pedro, pelo seu valor patrimonial; a ecopista, pela ligação à natureza e pelo espaço de lazer que proporciona às nossas gentes e a quem nos visita, e a Casa dos Cantoneiros, pela memória que guarda e pela ligação às vivências e tradições da nossa freguesia. Este projecto baseou-se na recriação, na parede, de rostos de dois antigos cantoneiros, através das várias tonalidades de calçada. Esta obra foi a primeira em que a calçada portuguesa foi aplicada na vertical, em Portugal. A Rotunda dos Colos, a par da Casa dos Cantoneiros, constitui um importante elemento de valorização da calçada portuguesa, classificada como Património Cultural Imaterial de Portugal. Esta obra, na qual a calçada se destaca pela sua aplicação também na vertical, assume um forte simbolismo, estabelecendo uma ligação entre duas freguesias [Porto de Mós e Alqueidão da Serra].

BI da Junta de Freguesia

Data de criação: Constituída em 2013, pela agregação das antigas freguesias de São João Batista e São Pedro
Área: 28,19 km²
População: 6.001 habitantes (Censos 2021)
Nº de eleitores: 5.232 eleitores

a freguesia de Porto de Mós, mas todo o concelho.

Imagine que a sua freguesia é um livro. Que título ou que livro escolheria?

A freguesia é diversificada no seu património histórico, cultural e natural. A título de exemplo, destaco a Casa dos Cantoneiros, requalificada recentemente. Seria interessante um título que apele à visita

BI do presidente de Junta

Nome: Manuel Barroso
Profissão: Aposentado
Idade: 67 anos
Partido: PSD

PUBLICIDADE



GAMA DE EQUIPAMENTOS COMPACTOS
SOLUÇÕES PARA MANUTENÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS
EM AUTARQUIAS E MUNICÍPIOS

www.moviter.pt



OPINIÃO

Trump não conhece a História



Joaquim Ruivo

1. Vem da língua grega: oligarquia e plutocracia. Simplificando, trata-se de uma forma de governo por um pequeno grupo de cidadãos, cuja riqueza vai aumentando à medida que defendem os seus interesses próprios. E os gregos antigos sabiam do que falavam. A História de Atenas mostra-nos a existência nos séculos VII-VI a.C. de um regime chamado Oligarquia, cujo fim, apesar de tudo, viu nascer a Democracia. E mais tarde, mesmo no início de quatrocentos, Atenas viu-se novamente governada durante alguns anos pelo poder de uma elite espartana. Só após uma guerra civil sangrenta os atenienses recuperaram novamente a sua polis para um governo dos cidadãos.

2. Nessa primeira oligarquia um número reduzido de famílias privilegiadas foi tomando para si os cargos públicos, os órgãos de decisão e as magistraturas. Os grandes proprietários foram controlando a produção agrícola e influenciando as decisões políticas em benefício e proteção dos seus interesses. De tal modo que pequenos proprietários, ou artesãos, tendo nascido livres, começaram a ser escravizados por dívidas aos grandes proprietários. A ruína dos pequenos proprietários foi alimentando o poder dessa minoria, cada vez mais rica e poderosa. (Apesar da crescente instabilidade social em Atenas as reformas de Drácon e Sólon permitiram, a partir de 508 a.C. uma forma de governo única, a Democracia. É esta Democracia que irá servir, mil e duzentos anos depois, para moldar os ideais da

Revolução Francesa e Americana, bem como as instituições delas surgidas).

3. Na Rússia já não é novidade falar de Putin e dos seus oligarcas, surgidos nos escombros da Guerra Fria. Nos EUA de Trump a situação é mais constrangedora porque os EUA sempre se consideraram os fundadores da moderna democracia. Os EUA não implementaram cuidados médicos universais e têm visto o crescimento da pobreza e dos sem-abrigo; nos EUA a corrupção é legalizada pelas leis que permitem os lobbies (em benefício dos mais poderosos, claro está); nos EUA quem paga a grande maioria dos impostos é a classe média, cada vez mais empobrecida, porque os mais ricos, dos grandes grupos económicos, estão cada vez mais isentados de impostos. Com as baixas de impostos Trump garantiu a essa minoria de 1% uma “poupança” de 1 trilhão de dólares. O escândalo é maior quando Trump e os seus familiares viram aumentar despidoradamente a sua fortuna neste último mandato. Estes novos oligarcas dos EUA necessitam urgentemente conhecer a História de Atenas. Ficará a saber que uma hecatombe social pode evitar-se se o bom senso prevalecer sobre a ganância.

Professor
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Reerguer o património imaterial



Adélio Amaro

A literatura especializada, da antropologia à sociolinguística, tem sublinhado que o património imaterial não se extingue por degradação, mas por descontinuidade. A globalização cultural, a uniformização dos modos de vida e o desgaste das comunidades rurais criaram condições para uma substituição de práticas. O que antes era vivido como necessidade ou identidade converte-se em demonstração ocasional, frequentemente orientada para o turismo ou para eventos de calendário. Esta transformação altera a natureza das práticas, deslocando-as do domínio da vivência para o do espetáculo. A UNESCO, ao estabelecer a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), procurou precisamente responder a esta vulnerabilidade estrutural. No entanto, a implementação nacional enfrenta desafios significativos. Existem inventários incompletos, ausência de programas de transmissão sistemática, envelhecimento dos detentores de saberes tradicionais e insuficiente articulação entre instituições. Em Portugal, a perda do património imaterial não é apenas um fenómeno cultural, é um fenómeno identitário. Cada falar regional constitui uma matriz cognitiva e simbólica, cada técnica artesanal representa uma relação específica com o tempo, com a matéria e com o território, cada ritual comunitário organiza a pertença e estrutura a memória coletiva. A sua cessação implica a redução da diversidade cultural e a homogeneização das formas de vida, num processo que empobrece o tecido social e fragiliza a capacidade das comunidades de se reconhecerem historicamente. A salvaguarda do património imaterial exige, portanto, uma abordagem integrada com políticas públicas orientadas para a transmissão, programas educativos que incorporem saberes locais, incentivos à continuidade das artes tradicionais e mecanismos de documentação que não se limitem ao registo, mas que promovam a prática. A preservação do património imaterial não se faz com restauro, mas com participação. Não se assegura apenas com legislação, mas com continuidade. Portugal dispõe ainda de uma janela de oportunidade. Contudo, essa janela estreita-se a cada ano que passa.

Presidente do Centro do Património da Estremadura
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

O Governo é uma fábrica soviética

Nos anos 1970, o economista britânico Charles Goodhart escreveu um artigo científico sobre política monetária em que apresentou uma explicação sobre a atuação dos bancos centrais em políticas de controlo de inflação. Goodhart concluiu que quando um banco central escolhia uma medida específica para objetivo da política, a relação estatística dessa medida com a inflação perdia gradualmente o efeito. Dito de outra forma, mais genérica, “quando uma medida se torna um alvo, deixa de ser uma boa medida”. Existem exemplos em diferentes áreas - da política monetária à saúde - mas um exemplo conhecido acontecia na União Soviética de planeamento central: os objetivos de produção de algumas fábricas eram definidos em toneladas, o que levava os decisores a preferirem fazer peças desnecessariamente pesadas para cumprir os objetivos. Lembrei-me deste efeito quando nos últimos tempos vi notícias sobre o caos instalado nos exames nacionais do ensino básico e secundário. Depois de décadas de um sistema que funcionou de forma fidedigna e previsível, a classificação dos exames nacionais passou a ser feita através de uma plataforma digital, abandonando a classificação em papel. Novas plataformas apresentam sempre algumas imperfeições, mas o nível de mau funcionamento reportado é surpreendente até para os mais pessimistas. De tal modo que, perante o



Nuno Reis

pânico instalado, foi necessário adiar a divulgação das notas. A alteração de um sistema com provas dadas e bom funcionamento por outro mais moderno é mais um sintoma da vontade de “reformular” do Governo Montenegro. Quando o Primeiro-Ministro definiu o seu governo como sendo reformista, a medida do sucesso passou a ser o número de mudanças que pudessem encaixar no rótulo de “reforma”. Num caso evidente de aplicação da Lei de Goodhart, o Governo faz alterações (na educação, na nacionalidade, tentou fazer no trabalho) tal como uma fábrica soviética que aumenta o peso da roda dentada para cumprir objetivos de produção - mesmo que isso signifique que a roda dentada deixa de funcionar e toda a máquina fica inutilizada. O impulso pela mudança - normalmente sem ponderar devidamente os efeitos - tornou-se o alfa e o ómega do Governo. Sem vir acompanhado de um objetivo claro, sem ponderar o propósito da mudança. Em vez de pretenderem melhorar, as mudanças tornam-se um fim em si mesmo, como se fosse sempre benéfico mudar. Mudar para não ficar igual. Mesmo que signifique ficar pior... afinal, sempre muda em relação ao que havia.

Professor e investigador no Politénico de Leiria
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

“Banca só tem dinheiro para quem não precisa”. Suinicultores em crise após Kristin

Apesar de asfixiada pelos custos e falta de apoios pós-Kristin, a suinicultura portuguesa resiste. Fileira aposta na exportação para mercados como o Japão para contornar crise interna

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

Quase seis meses após a passagem da tempestade Kristin, a fileira da suinicultura em Leiria e no País enfrenta um cenário difícil. À destruição material e à dificuldade em recuperar as explorações somam-se os efeitos colaterais da intervenção militar dos EUA e de Israel no Golfo Pérsico, que fez disparar os custos de produção. O resultado é uma redução de cerca de 220 mil animais no efectivo nacional e empresas em situação limite.

Ainda assim, o presidente da Federação Portuguesa das Associações de Suinicultores (FPAS), David Neves, sublinha que o cenário é de resistência, apesar de as cicatrizes estarem longe de fechar. “A fileira tem trabalhado no sen-

tido de se reerguer, mas os apoios foram poucos e alguns dos que foram prometidos ainda nem sequer chegaram”, lamenta o dirigente.

Apesar das promessas do Ministério da Agricultura, a esperança depositada nas linhas de financiamento esbarrou na rigidez da banca comercial que, segundo David Neves, “só tem dinheiro para quem não precisa e não tem para quem precisa”, mesmo com garantias estatais de 80%.

Sem crédito, sem telhados ou paredes destruídas pela tempestade, muitos produtores foram obrigados a enviar porcas reprodutoras para abate e leitões para engorda em Espanha, naquilo que o presidente da FPAS descreve como uma “migração forçada de efectivo”. “Eles faltam no nosso mercado. Isto irá aumentar as nossas depen-

dências e agravar a nossa balança de transacções correntes”, alerta.

Peso da guerra aumenta custos

À reconstrução, veio somar-se a conjuntura internacional. O mais recente conflito iniciado pelos EUA e Israel no Golfo Pérsico, provocou um aumento no custo dos combustíveis e, por arrasto, nos transportes de matérias-primas essenciais como o milho e a soja, que o País importa maioritariamente. “Temos custos de produção brutais. Apesar de o produtor receber cada vez menos pela carne, o consumidor paga cada vez mais”, observa Neves.

A fileira, que representa cerca de 2,4 mil milhões de euros no PIB nacional, segundo o valor projectado para 2025/2026, tem vários elos em perigo. As fábricas de rações

enfrentam quebras inevitáveis, pois, com menos animais nas explorações, a procura por alimentos compostos diminui.

Apesar da baixa de valor pago ao produtor, nas prateleiras, os preços sobem e David Neves defende a criação urgente de um observatório, para perceber onde está a ficar a margem.

Neste cenário, para o presidente da FPAS, a comparação com o país vizinho é inevitável e razão para mais queixas sobre o estado da suinicultura nacional. “Enquanto em Espanha o licenciamento de uma exploração demora cerca de seis meses, em Portugal o processo pode arrastar-se por seis anos”, e, por isso David Neves critica a falta de visão estratégica. “A burocracia não se ultrapassa com os mesmos burocratas. Se não tivermos ca-

pacidade de criar um normativo simples e célere, a nossa economia continuará a definhir”, garante.

Em conclusão, o dirigente defende que a reconstrução pós-Kristin deveria ser encarada como uma oportunidade de modernização, tal como sucedeu na Europa após a Segunda Guerra Mundial.

“Deveríamos aproveitar este momento para olhar e pensar no futuro. Investir para mudar é investir para modernizar”, afirma. Contudo, da sua experiência, a realidade transforma a realocação das explorações destruídas num percurso de obstáculos. “Não é por não sabermos fazer bem, porque temos indicadores que nos colocam entre os melhores produtores do mundo, mas os custos de contexto são absolutamente incompatíveis”, remata.

Novos mercados O desafio do Mercosul

Apesar da crise interna, a suinicultura nacional mantém uma dinâmica exportadora. O Japão tornou-se um destino de relevo para a produção nacional, com um forte crescimento das vendas este ano, beneficiando dos problemas sanitários enfrentados pelos concorrentes espanhóis [quarentenas por peste suína]. David Neves destaca também o potencial de abertura de mercados como as Filipinas, o Vietname, a Coreia do Sul, o México e a Malásia. Sobre o acordo UE-Mercosul, afirma que as quotas de carne abertas para entrada na Europa são reduzidas, equivalentes a apenas três dias de abate em Espanha. Em contrapartida, abre-se uma oportunidade histórica, como a exportação de enchidos portugueses para o Brasil, até agora proibida, antecipando o empresário, sublinhando que, desde que as regras sejam iguais para ambos os lados, os produtores portugueses não têm medo de competir.

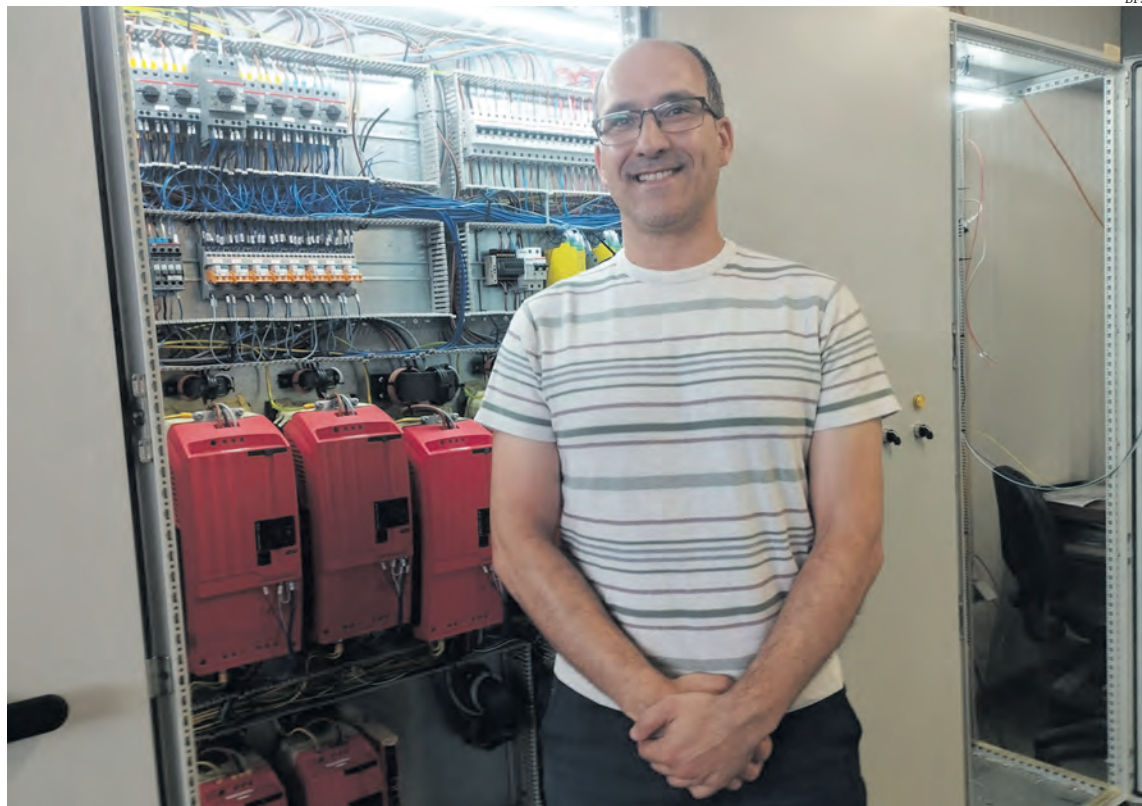


RICARDO GRAÇA

Fileira representa cerca de 2,4 mil milhões de euros no PIB nacional

ECONOMIA

Nuno Vitorino, administrador e director comercial da Induzir



Induzir produz primeiro forno industrial híbrido do País

Daniela Franco Sousa
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

A Induzir, empresa da Batalha que há mais de 30 anos desenvolve equipamentos para a indústria, designadamente soluções de eficiência energética e de descarbonização, vai produzir o primeiro forno industrial híbrido do País.

Nuno Vitorino, administrador e director comercial desta empresa localizada na Zona Industrial da Jardoeira, adianta ao JORNAL DE LEIRIA que, até ao final do ano, a Induzir vai iniciar a montagem do primeiro forno híbrido do País, à escala industrial, que opera com combustão e componente eléctrica, via resistências, a instalar no distrito de Aveiro. “Vamos fazer o projecto de engenharia, construção e montagem”, especifica o administrador.

Com uma equipa de 40 colaboradores, a Induzir desenvolve equipamentos sobretudo para o sector da cerâmica (que absorve 70% a 80% da produção), tendo atingido, em 2025, volume de negócios na ordem dos 4,4 milhões de euros, metade dos quais através de exportação.

O crescimento da empresa tem sido sustentado pela criação de soluções de eficiência energética e de descarbonização com novos equipamentos, mas também pela renovação de tecnologia antiga, ao

nível das unidades de controlo, dos sistemas de combustão ou conversão de sistemas de combustão para sistemas híbridos (gás e eléctricos).

Um dos seus projectos decorreu da criação das Agendas Mobilizadoras, com a Associação Portuguesa das Indústrias de Cerâmica e Cristalaria a congregar um consórcio de 30 entidades, entre as quais a Induzir e o Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro (CTCV), de Coimbra. O projecto consistiu na criação de Laboratório Hipocarbónico e de um forno que, inicialmente, tinha

o objectivo de receber testes de indústrias e validar a utilização de combustíveis verdes, como hidrogénio, mas que, no decorrer da Agenda, foi ajustado e pode hoje operar em modo combustão, 100% eléctrico ou combinado.

Têm sido várias as empresas portuguesas a testar e a validar tecnologia através deste forno-protótipo, havendo já entidades estrangeiras que pretendem utilizá-lo.

E os resultados obtidos com este protótipo já motivaram investimentos, como é o caso da criação deste novo forno híbrido na região de Aveiro, explica Nuno Vitorino.

É também em consórcio, envolvendo este centro tecnológico de Coimbra, que a Induzir está a desenvolver um projecto que visa converter energia térmica residual, até agora desperdiçada, em energia eléctrica. Na calha está ainda um terceiro projecto, que aguarda aprovação, focado na captura de carbono.

Além de participar na criação de roteiros para a descarbonização e de reforçar a sua oferta formativa em áreas emergentes associadas à transição energética e descarbonização, o CTCV tem trabalhado com a Induzir e com várias indústrias do País, para que estas obtenham ganhos de eficiência energética, qualidade dos produtos e redução de emissões, salienta, por sua vez, o centro tecnológico de Coimbra.

4,4

Aproximadamente 4,4 milhões de euros foi o volume de negócios alcançado pela Induzir em 2025

40

Sediada na Zona Industrial da Jardoeira, a Induzir emprega uma equipa de 40 pessoas

Resiliência fiscal, preparar hoje para responder amanhã

A resiliência empresarial é frequentemente associada à tecnologia, às pessoas ou à capacidade financeira. No entanto, existe uma dimensão igualmente determinante, menos visível e muitas vezes esquecida: a resiliência fiscal.

Num contexto económico marcado por mudanças legislativas constantes, crescente exigência regulatória e maior escrutínio por parte dos stakeholders, a capacidade de uma organização gerir eficazmente as suas obrigações fiscais tornou-se um fator crítico de estabilidade e sustentabilidade.

A resiliência fiscal não se resume ao cumprimento das obrigações tributárias. Trata-se da capacidade de antecipar alterações regulamentares, adaptar processos, gerir riscos e incertezas e manter a conformidade mesmo em cenários de elevada complexidade. Tal como acontece noutras áreas da gestão, não se constrói quando surge um problema. Constrói-se previamente, através de planeamento, organização e monitorização contínua, é trabalhar hoje para recolher os benefícios no futuro.

Nos últimos anos, assistimos a uma aceleração da transformação digital da administração fiscal, com efeitos na sua eficácia. A troca eletrónica de informação, a automatização dos mecanismos de controlo e a crescente utilização de dados organizados vieram aumentar a transparência e reduzir a margem para erros ou incumprimentos. Neste novo paradigma, a qualidade da informação e a robustez dos processos internos assumem uma importância ainda mais decisiva.

As organizações mais resilientes são aquelas que encaram a contabilidade como uma componente estratégica da gestão e não apenas como uma obrigação administrativa para produzir declarações fiscais. Investem na capacitação das equipas, garantem sistemas de informação fiáveis e promovem uma cultura de rigor que permite responder rapidamente às alterações legislativas e regulamentares. Mas a resiliência fiscal cria valor para além do cumprimento. Uma gestão fiscal eficiente reduz riscos, evita custos inesperados, reforça a credibilidade junto de investidores, parceiros e entidades financeiras e contribui para uma tomada de decisão mais consciente.

Numa economia cada vez mais exigente, a confiança tornou-se um ativo estratégico. E a confiança constrói-se também através da transparência, da responsabilidade e da capacidade de cumprir.

No final, a resiliência fiscal não evita as mudanças nem elimina a complexidade. Mas permite às organizações atravessar períodos de incerteza com maior segurança, previsibilidade e capacidade de adaptação. Porque as empresas mais preparadas não são as que reagem melhor aos desafios fiscais; são as que os antecipam.

Fabrizio Norte



ECONOMIA

Quinta histórica de Porto de Mós dá lugar a refúgio de luxo

Está prevista para o segundo semestre de 2027 a abertura de um empreendimento “exclusivo” de bem-estar e hospitalidade de luxo em Porto de Mós, nas margens da ribeira de Alcária, dentro do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Baptizado Montelord e desenvolvido pela Montelord Partners, resulta da recuperação de uma antiga quinta histórica e assenta num modelo de baixa densidade, “onde privacidade, tranquilidade e ligação à natureza são centrais”. A ambição, segundo a comunicação da promotora, é criar “uma comunidade exclusiva” e afirmar-se como referência nacional e internacional, gerando emprego e oportunidades locais. “Hoje, o verdadeiro luxo é ter tempo, espaço para respirar, privacidade, natureza e experiências com significado”, afirmou Rui Jordão, co-fundador do Montelord. Os primeiros trabalhos de recuperação da propriedade já decorrem.

“Garrafa mais leve do mundo” vence dois *Red Dot Awards*

Apresentada como “provavelmente, a garrafa de vinho de 75 cl mais leve do mundo”, a 260G conquistou dois *Red Dot Awards*, nas categorias Design de Embalagem e Design Sustentável. Anunciada a 7 de Julho, em Essen, a distinção premeia a colaboração entre o Grupo Vidrala, com unidades produtivas na Marinha Grande, e o LiDA - Laboratório de Design e Artes da Universidade de Leiria e Oeste, antigo Politécnico de Leiria. Criada no âmbito da Agenda Mobilizadora Embalagem do Futuro, financiada pelo PRR, a garrafa pesa 260 gramas, menos 30% do que uma convencional, incorpora até 80% de vidro reciclado e permite transportar mais 115 garrafas por palete. “A 260G demonstra que o futuro das embalagens de vidro reside na combinação de *design*, sustentabilidade e eficiência industrial numa única solução”, afirmou Aitor Peña, do Marketing da Vidrala. O galardão surge meses após a presença no Pavilhão de Portugal da *Expo 2025 Osaka*.

Proposta da CIMRL é feita a dois níveis regionais



RICARDO GRACA

Região candidata-se a acolher um de seis grandes parques empresariais

A pretensão de acolher uma das seis grandes áreas empresariais que o Governo quer criar em Portugal levou a Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria (CIMRL) a remeter formalmente ao ministro da Economia e da Coesão Territorial, Manuel Castro Almeida, um plano estratégico para uma rede policêntrica de áreas empresariais e parques tecnológicos com mais de 500 hectares.

A candidatura, enviada na segunda-feira, 13 de Julho, surge dias após o governante ter anunciado a intenção de criar seis grandes áreas destinadas a fixar investimento multinacional. Segundo Castro Almeida, duas serão na região Norte, uma no Centro litoral e outra no Centro interior, uma em Lisboa e uma no interior do Alentejo.

Segundo uma nota da CIMRL, a proposta integra cinco Áreas de Localização Empresarial em dois níveis. No primeiro, Monte Redondo

(Leiria, indústria transformadora e energia), Carriço/Guia (Pombal, química e novos materiais), Zona Industrial da Marinha Grande (moldes e desenvolvimento de produto, ancorada no CDRSP da Universidade de Leiria e Oeste (antigo Politécnico de Leiria), Camporês (Ansião, investigação aplicada e tecnologias verdes) e Zona Industrial de Porto de Mós (medicamento e bem-estar animal, com a Propec como âncora) formam uma rede de pólos especializados e complementares, com mais de 500 hectares no conjunto. O modelo distribui valências pelos cinco concelhos, evita a saturação de um único centro e ganha escala

conjunta, enquadrado no PROT-C e na ZLT Região de Leiria.

No segundo nível, a proposta admite uma variante de centralização no eixo Carriço/Guia-Monte Redondo, com mais de 500 hectares contíguos, apta a acolher uma Grande Área de Localização Empresarial em tudo igual à que o Governo quer criar no Centro litoral. Será valorizada pela A17, EN 108, Linha do Oeste, pela proximidade ao Porto da Figueira da Foz e pelos reservatórios de gás natural do Carriço.

“Reunimos escala territorial, acessibilidades de primeiro nível e uma base energética única no País, que fazem da nossa região a candidata natural”, afirma Jorge Vala, presidente da CIMRL, sublinhando tratar-se de “um dossier maduro, tecnicamente sustentado”.

O plano enquadra-se na medida do PTRR para áreas empresariais e parques tecnológicos, dotada de 1.240 milhões de euros.

1.240

Milhões é o valor da medida no PTRR para áreas e parques tecnológicos

+Indústria junta ensino superior e tecido empresarial em Leiria

A ligação entre o ensino superior e as empresas estará em debate no XI Encontro +Indústria, na quinta-feira, 16 de Julho, a partir das 17 horas, na sede da Nerlei CCI, em Leiria. A iniciativa junta

academia e tecido empresarial na reflexão sobre os desafios da indústria e do talento, com intervenções de responsáveis da Bosch e do grupo CEI-Zipor. O encontro culmina, pelas 18:30

horas, com a entrega das Bolsas +Indústria 2025/2026, promovidas pela Universidade de Leiria e Oeste, antigo Politécnico de Leiria, e por sete associações empresariais.

Frumolde Tooling declarada insolvente e bens em leilão

A Frumolde, fabricante de moldes para injeção de plástico com mais de três décadas de actividade na região de Leiria foi declarada insolvente pelo Juízo de Comércio de Alcobaça (Comarca de Leiria).

A decisão, datada de 17 de Março de 2026, a requerimento do Banco Comercial Português, instaurado como principal credor identificado nos autos, decreta que administração da massa insolvente seja confiada a Wilson José Gabriel Mendes, com domicílio profissional na Marinha Grande.

Os bens da empresa estão já em processo de leilão electrónico pela Inlex Leiloeira, com a unidade industrial a leilão num único lote que agrega o imóvel e a totalidade do equipamento.

Segundo a página da leiloeira, o prédio urbano, com área total de 3.255 metros quadrados na Avenida Nossa Senhora de Fátima, em Martingança, composto por rés-do-chão industrial, barracão de escritórios e logradouro, tem valor base de 1.236.336,39 euros e valor mínimo de 1.050.885,94 euros.

O equipamento industrial, que inclui pontes rolantes, fresadoras, máquinas de erosão por penetração e por fio, uma célula de fabrico automatizada, retificadoras, prensas e compressores, entre outros, tem valor base de 1.113.663,61 euros e valor mínimo de 946.614,06 euros.

O valor conjunto mínimo de venda dos dois lotes ultrapassa, assim, 1,9 milhões de euros.

A Frumolde Tooling nasceu em 1990 como empresa comercial, com sede na Marinha Grande, recorrendo inicialmente ao fabrico de moldes por via de *outsourcing*.

Em 2000 transferiu-se para a Moita e, dois anos depois, adquiriu participação na Topview Tools, da Marinha Pequena, passando a produzir moldes próprios.

Em 2014, após absorver integralmente a Topview Tools, instalou-se nas actuais instalações da Martingança, com um capital social de 525 mil euros.

A empresa, que empregava cerca de 25 trabalhadores segundo o último cálculo de 2025, orientava cerca de 40% da sua produção para a indústria automóvel, distribuindo os restantes trabalhos pelas áreas dos electrodomésticos e da medicina.

HELDER

MÁQUINAS



Hélder Máquinas e Ferramentas, 40 anos a trabalhar em equipa

Esta é uma história de parceria, companheirismo e trabalho de equipa, como só as boas histórias podem ser. Também lhe poderíamos chamar uma história de amor, que deu frutos e cresceu muito para além das expectativas. Mas é, sobretudo, uma história de resiliência, respeito e convicção de que as boas empresas – e quaisquer outras parcerias de vida – se fazem com honestidade, trabalho e respeito para com funcionários e clientes. Após quatro décadas de desafios, a Hélder Máquinas e Ferramentas, Lda. deixa o seu «Obrigado» a todos os que a acompanharam nesta jornada.

A história começou em Tomar com o jovem casal Hélder e Alda Santos, há mais de 40 anos. Com experiência em serralharia e em busca de melhores condições de vida, Hélder e a esposa decidiram mudar-se para Leiria em meados dos anos 80. No início, ainda por conta de outrem, Hélder incentivou Alda a aceitar também desafios profissionais na área da logística, crente nas suas capacidades. «O meu marido dava-me força. Respeitava-me e desafiava-me», recorda com nostalgia Alda Santos. «Éramos parceiros em tudo, dávamos força um ao outro.»

Em 1986, o mercado estava a mudar e o casal percebeu as oportunidades de negócio. A primeira empresa abriu em nome individual, com loja aberta ao público para venda de máquinas e ferramentas a diversos sectores de actividade. Pouco tempo depois, Alda entrou como sócia-gerente, surgindo a denominação social Hélder Máquinas e Ferramentas, Lda. O negócio ganhou então a dinâmica de gestão que marcaria a empresa: Hélder na rua, prestando assistência e criando relações

com os clientes; Alda ao balcão, atendendo na loja e cuidando da parte administrativa. Juntos, recorda Alda, formavam uma estrutura coesa, que se complementava. Mas, terminado o horário laboral, garante, o trabalho não vinha para casa. Olhando em retrospectiva, Alda admite que foram avançando um pouco ao sabor das necessidades, mantendo-se atentos às oportunidades que surgiam, respeitando a concorrência e aprendendo com ela. Logo em 1986, explica, o negócio da Hélder Máquinas e Ferramentas, Lda. distinguiu-se por deixar para trás a lógica do balcão e passar a prestar assistência nas instalações do cliente. «Antes as pessoas dirigiam-se às lojas para comprar», recorda. «Nós começámos a ir a casa do cliente vender. Hoje é normal fazer-se isso, mas, na época, as pessoas tinham de esperar muito tempo nas lojas.»

Assim, à medida que o mercado foi mudando, também a Hélder Máquinas e Ferramentas, Lda. se foi moldando, com um foco cada vez maior no mercado automóvel e na mecatrónica. Em 1991, começou a importar directamente de fabricantes e a representar marcas como a Orlandini, Spin, Bonezzi, Werther, entre outras. Seguiu-se a primeira participação na Expoauto – Exposalão Batalha, o que marcou o início da presença contínua neste tipo de eventos.

Mas o momento de viragem e crescimento surgiu em 2002, com a assinatura do acordo de distribuição exclusiva, em Portugal, dos produtos da marca italiana BRAIN BEE, especialista em tecnologia de diagnóstico automóvel. Começaram também a ministrar formações na área da mecatrónica.

Com o negócio em expansão, em 2015 a empresa começou a

organizar o seu Encontro Nacional Técnico Hélder Máquinas, reunindo centenas de clientes num evento que proporciona workshops, convívio e oportunidades de negócio. O sucesso da iniciativa fez com que se tornasse um encontro regular e de prestígio.

O falecimento de Hélder Santos, em 2019, marcou um novo período da empresa, com a entrada da filha, Carolina Santos, como sócia-gerente. Consciente dos novos desafios da Inteligência Artificial, a responsável prepara a modernização do negócio, estando empenhada em «trazer pessoas que acrescentem valor». Admite que a área tecnológica a cativa e que envolver-se em projectos dessa natureza seria um desafio interessante para o futuro.

«Começámos com um funcionário, hoje temos 18», refletem Alda e Carolina, revelando a intenção de contratar mais elementos para a equipa ainda este ano. A Hélder Máquinas e Ferramentas percorre hoje Portugal Continental e as ilhas, crescendo em dimensão física, o que levou à mudança frequente de instalações. A loja na ZICOFA é hoje a quinta da sua história, estando ali situada desde 2018. Trabalham com produtos da China, Espanha, Alemanha e Itália, sendo que os funcionários realizam regularmente formações neste último país.

«Aprendi que vale a pena ser honesto, ser sério com os clientes», frisa Alda, referindo que, sempre que pode, continua a acompanhar os técnicos e mantém clientes de há décadas, pertencentes já a várias gerações. «Honestidade, Compromisso, Respeito» é o lema de uma empresa que é mais do que uma família: é uma equipa.



A criar
parcerias
desde
1986.

40
ANOS

Nuno Fonseca afirma que o ADN de Leiria deve estar no centro de uma ambição “cada vez mais, global”

PUB



RICARDO GRAÇA

Sound Particles recebe um milhão da Portugal Ventures e prepara nova ronda

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

Quando Nuno Fonseca criou a Sound Particles, em 2016, a ideia era simples na sua audácia: aplicar ao som os princípios da computação gráfica tridimensional. Uma década depois, o *software* de áudio 3D nascido em Leiria está nos maiores estúdios de Hollywood, participou activamente no alcançar de um *Oscar de Melhor Som* no currículo, conquistado com o *remake* do filme *Dune*, e acaba de receber um novo impulso financeiro para escalar a próxima fronteira, através da inteligência artificial (IA).

A Portugal Ventures, braço de capital de risco do Banco Português de Fomento, investiu um milhão de euros na empresa ao abrigo da *call Leiria Crescimento*,

financiada pelo Plano de Recuperação e Resiliência.

Segundo o director-executivo e fundador desta startup, Nuno Fonseca, o financiamento servirá para alavancar a aposta e pesquisa na aplicação da tecnologia da empresa de Leiria a bens de consumo quotidiano. Paralelamente, a empresa está a apostar na criação de tecnologia de uso dual, que pode ser usada na identificação de aeronaves, tais como drones, através de som. A meta é que seja usada para fins de defesa contra ataques destas aeronaves não tripuladas.

Para já, a Sound Particles vê no investimento da Portugal Ventures uma forma de preparar uma ronda mais robusta prevista para os próximos meses, focando-se no desenvolvimento de auscultadores 3D e na criação de bases de dados

de áudio para IA. “A nossa ideia é dinamizar o nosso trabalho nos *headphones* 3D e toda a parte relacionada com datasets de IA”, explica o responsável.

Nuno Fonseca adianta que a IA ocupa o centro desta estratégia por uma razão técnica precisa, que passa pela simulação acústica personalizada, que exige uma capacidade de computação com uma escala que a empresa ambiciona. “Precisamos da IA para a massificação. Da Apple à Google e Dolby, toda a gente está a investir milhões na área”, afirma o fundador da Sound Particles.

O anúncio, feito na semana passada, integra um pacote de 2,7 milhões distribuídos por três startups do ecossistema de Leiria. A BRAINR recebeu 1,5 milhões e a Nutrivally 250 mil euros.

Falta de pessoal fecha posto de turismo

O posto de turismo de Leiria está, neste momento, a funcionar com apenas uma funcionária. Em resultado, o espaço encontra-se “muitas vezes” encerrado, o que prejudica “a imagem que muitos turistas levam da cidade”, além de que “perde-se acolhimento, perde-se orientação e perde-se qualidade na experiência turística”, denunciou o vereador do PSD, Nuno Serrano, na última reunião de câmara. O

autarca deu um exemplo recente que presenciou, com um grupo de alunos que queria ir visitar uma exposição de trabalhos seus e que ficou à porta. “Leiria não pode querer afirmar-se como destino e, ao mesmo tempo, falhar no essencial: receber bem, informar bem e estar disponível”, criticou. Em resposta, o vereador Luís Lopes, que tutela a área do Turismo, disse que a situação se deve à falta de recur-

sos humanos. Segundo o autarca, houve um concurso para contratar mais uma pessoa, mas o processo ainda não está concluído e não é suficiente. “Têm de ser, pelo menos, três pessoas, para gerir os fins-de-semana”, refere o vereador, que, na terça-feira, reuniu com o presidente do Turismo Centro de Portugal, tendo assumido que a câmara irá disponibilizar uma pessoa para dar apoio nesta fase.

OPINIÃO

Velocidade de fuga



Vítor Hugo Ferreira

Em 1989, Francis Fukuyama proclamou o “fim da História”. O liberalismo ocidental tinha “vencido” todas as alternativas viáveis. Uma década depois, dois professores de Direito norte-americanos, Hansmann e Kraakman, aplicaram a tese ao mundo empresarial, sugerindo que todos os modelos de governação convergiam para o “capitalismo de acionistas” e as alternativas ruiriam, como o muro de Berlim na década anterior. Mas o problema é que este capitalismo não levou ao aperfeiçoamento dos mercados, mas sim à distorção da competição e, sem concorrência, não há pressão para inovar, os preços não descem e a produtividade estagna. Entre as dezasseis cotadas nos EUA que valem mais de mil milhões de dólares, as regras normais deixaram de se aplicar. Acima de certa dimensão, as empresas atingem uma espécie de “velocidade de fuga” (na física, é a velocidade mínima que um objeto sem propulsão própria precisa de atingir para escapar da atração gravitacional de um corpo massivo). Isto significa que a disciplina dos mercados se torna fraca demais e o interesse dos Estados grande demais. Um respondem apenas aos acionistas (Apple, Microsoft, Nvidia), outras aos seus patriarcas fundadores (Berkshire, Meta), outras são campeãs nacionais que se confundem com a geopolítica dos seus países (TSMC, Aramco, Samsung) e uma até serve o sonho/pesadelo de um só homem (SpaceX). Portugal não tem gigantes desta dimensão, mas conhece o fenómeno melhor do que julga. Entre nós, a velocidade de fuga não se atinge pela dimensão, atinge-se pela proximidade ao Estado. Somos, por herança antiga, um país de mercados protegidos. Energia, banca, telecomunicações, combustíveis, portos – setores dominados por dois ou três operadores, com preços persistentemente acima da média europeia e salários abaixo dela. A história recente revela rendas excessivas na energia, resgates de campeões nacionais (TAP, Novo Banco) pagos pelos contribuintes, licenciamentos e ordens profissionais que travam a entrada de concorrentes. Quando a inflação disparou, as margens de várias empresas subiram em vez de descer – sinal claro de poder de mercado. Não admira que paguemos das telecomunicações mais caras da Europa e das comissões bancárias mais criativas. O problema não é existirem empresas grandes, é existirem empresas que não podem falhar nem ser desafiadas. Quem paga são os consumidores e, sobretudo, as PME que competem no mercado global sem rede. Os moldes, os plásticos, a cerâmica deste distrito nunca tiveram rendas garantidas nem resgates – e é precisamente por isso que são competitivas. O distrito de Leiria é a prova viva de que a concorrência funciona. É a competir sem proteção que se aprende a inovar, a ganhar escala e a pagar melhores salários. Precisamos de reguladores com dentes afiados, de menos barreiras à entrada e de uma política que deixe de confundir proteger empresas com proteger a economia. Não é o fim do capitalismo, mas revisitar de velhas histórias que teimam em perdurar.



Sem concorrência, não há pressão para inovar, os preços não descem e a produtividade estagna

Director-geral da Startup Leiria

Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

A MELHOR DEFESA É A PREVENÇÃO.

As tempestades deixaram milhares de hectares de floresta destruída.
O risco de incêndio rural aumentou.
Cada metro de terreno limpo faz toda a diferença.
O momento de agir é agora.

LEITORES

direccao@jornaldeleiria.pt

A direcção do JORNAL DE LEIRIA recebe com agrado para publicação a correspondência dos leitores que tratem de questões do interesse público. Reserva-se o direito de seleccionar os trechos mais importantes das Cartas ao Director devidamente identificadas, publicadas nesta secção. direccao@jornaldeleiria.pt

Futuro dos jovens nas mãos do Governo, que triste sina...

Durante o ano inteiro, os alunos deram o seu melhor. Alguns abdicaram de saídas à noite, empenharam-se nos estudos e fizeram horas extra em explicações. Tudo com o objectivo de entrarem na licenciatura que mais desejam e que definirá o seu futuro mais próximo. O esforço foi deixado na realização dos exames na 1.ª fase, que terão influência na nota para se candidatarem ao ensino superior. O drama veio depois. O Governo entendeu fazer uma correcção híbrida. Milhares de respostas foram digitalizadas para serem distribuídos pelos professores. As plataformas falharam e os professores desesperaram. Pais e filhos aumentaram a ansiedade e todos receiam que as notas não sejam as verdadeiras, para o bem e para o mal, podendo criar situações de injustiça.

Na comunicação social têm-se ouvido e lido relatos de docentes a denunciar que lhes chegam exames incompletos, folhas de resposta em branco, que se desconhece se foram os alunos que não responderam ou se as mesmas foram mal digitalizadas. Dificuldades em entrar no sistema, que dá erro ou bloqueia, adiamento da publicação dos resultados... uma verdadeira trapalhada, porque o Governo optou por mudar tudo, em vez de o fazer de forma progressiva. Concorro com a evolução para um modelo digital, mas a transformação tem de ser feita devagar para eliminar riscos, sobretudo, num momento tão importante na vida dos estudantes.

O ministro da Educação até parece ser competente, mas a ambição parece ter-lhe toldado o discernimento. Não se fazem mudanças para parecer bem ou para mostrar que somos inovadores. É preciso avançar com certezas que o caos não será instalado. Para isso, há que testar antes e com a mesma quantidade de exames. Por que não desafiar os professores a fazerem, durante o ano lectivo, um teste nos mesmos moldes para verificar que erros ou constrangimentos podem surgir? Apesar de Fernando Alexandre ter dado a cara, ficou-lhe muito mal dizer “culpar” os pais por marcarem férias, quando não há exames. As famílias tentam

Congresso e aniversário da Associação Portuguesa de AVC

No passado dia 5 de julho, no auditório do estádio Magalhães Pessoa, Leiria acolheu o 8.º Congresso da Associação Portuguesa de AVC, uma Instituição que há quase três décadas se dedica à prevenção do AVC e apoio aos doentes. O evento, que reuniu 115 participantes de várias regiões do País, foi um momento de partilha de conhecimento e confraternização, entre aqueles que quase diariamente transportam nas suas mãos os mais diversos gestos de solidariedade. A sessão contou com várias individualidades, incluindo o presidente da Câmara de Leiria, Dr. Gonçalo Lopes, o presidente da ULS de Leiria, Dr. Manuel José Carvalho, e vereadores de Pombal - Enf.ª Patrícia Rolo, Ourém - Dr. Humberto Antunes e Batalha, Dra. Cíntia Silva. Marcaram também presença

o presidente do Conselho Nacional de Saúde, prof. Dr. Vítor Ramos e a Presidente da Sociedade Portuguesa de Literacia em Saúde, Prof. Dr.ª Cristina Vaz de Almeida, com quem foi assinado um protocolo de parceria. No âmbito da literacia em saúde, a APAVC anunciou o futuro lançamento do e-book “1001 perguntas e respostas sobre AVC”, um extenso guia prático para famílias, cuidadores e público em geral.

O encerramento da jornada ficou marcado pela apresentação do Hino da Instituição, uma homenagem aos voluntários da Instituição e profissionais de saúde de todo o país, com poema e música escrita pelo presidente da APAVC, Dr. Fernando Venâncio.

Fernando Venâncio, presidente da direcção



conciliar o período de descanso com todos os elementos do agregado. Pai, mãe, filho mais novo, filho mais velho... Sabendo que há exames, obviamente, a família decide agendar as férias para depois da sua realização. Chamar de imprudente a quem se organizou é no mínimo idiota. A culpa de tudo isto não é dos pais, nem dos alunos. Portanto, há que assumir os erros e ressarcir quem foi prejudicado. Os resultados deverão ser apresentados na sexta-feira. Esperemos que assim o seja. Veremos ainda como vão funcionar os pedidos de revisão de prova, como é que os alunos terão acesso e quanto tempo irá demorar todo o processo, porque é possível que haja uma avalanche de pedidos, nos casos, em que os alunos duvidarem

que aquela seja a nota que consideram merecida para o que terão feito nas provas.

Margarida Cruz

Leiria não pode esperar por Lisboa

O maior obstáculo ao desenvolvimento de Leiria talvez já não seja o centralismo de Lisboa. Pode ser a convicção, tantas vezes repetida, de que nada mudará enquanto não existir regionalização. É uma ideia confortável, mas errada. A descentralização não começa em Lisboa. Começa quando os territórios decidem organizar-se, definir uma estratégia comum e agir como uma região,

em vez de se limitarem a ser um conjunto de municípios. Leiria já demonstrou que isso é possível. A candidatura a Capital Europeia da Cultura e o projeto da futura Universidade de Leiria e Oeste mostraram que é possível mobilizar municípios, universidades, empresas e associações em torno de objetivos comuns, mesmo sem novos poderes legais. Quando existe uma ambição partilhada, o território ganha voz e capacidade de influência. Vejo isso na preparação de “Leiria Cultura”. A segunda condição é a estratégia. Uma região que conhece as suas vantagens competitivas, identifica prioridades e fala a uma só voz tem muito maior capacidade para negociar investimentos, infraestruturas e competências

junto do Estado. O documento Leiria 2030 (coordenado por Carlos André) constitui uma boa base de trabalho. O desafio passa agora por transformá-lo numa verdadeira agenda regional, sustentada em conhecimento, inovação e cooperação entre o setor público, o tecido empresarial, a academia e a sociedade civil. Por fim, importa compreender que o desenvolvimento económico nunca é obra exclusiva das autarquias. Atrair empresas, criar emprego qualificado, fixar jovens e aumentar a competitividade exige uma mobilização coletiva. A futura Universidade de Leiria e Oeste poderá ser um dos grandes motores dessa transformação, reforçando a ligação entre investigação, inovação e empresas. Leiria possui vantagens que muitas regiões portuguesas gostariam de ter: uma localização privilegiada, uma forte tradição industrial, empresários dinâmicos, instituições de ensino de qualidade e uma sociedade civil particularmente ativa. O que falta não são recursos; é uma ambição regional suficientemente forte para unir todas essas capacidades. A regionalização continua a ser um objetivo importante. Mas dificilmente será concretizada no curto prazo. Esperar por ela seria desperdiçar tempo e oportunidades. Leiria deve continuar a defendê-la, mas não pode ficar dependente dela. Pode, desde já, construir uma governação regional baseada na cooperação, na competência técnica e na mobilização dos seus parceiros. O centralismo combate-se também a partir das regiões. O primeiro passo para vencer o centralismo é deixar de esperar por Lisboa.

Ricardo Charters-d’Azevedo

RICARDO GRAÇA





Uma assinatura. Duas experiências.

**Com a assinatura anual
beneficie da oferta da versão digital.**

Assine o JL



www.jornaldeleiria.pt



**JORNAL DE LEIRIA
UM JORNAL DE CAUSAS**

SAÚDE

PUBLICIDADE

MOTA

MEDICINA
DENTÁRIA

Criamos Sorrisos

- Estética . Implantologia
- Odontopediatria
- Ortodontia . Prevenção

CONSULTAS:
2ª a 6ª: 08h30 - 19h | sábado: 09h - 13h e 14h - 17h
URGÊNCIAS: Dias úteis 09h - 19h

Av. Adeline Amaro da Costa - Terraços do Liz, Lt.2 - 1º andar - LEIRIA
Tel. 244 890 230 | 917 141 524 | www.clinicamota.com



Clinoral

Medicina Dentária e Estomatologia

- Reabilitação Oral
- Implantes dentários
- Ortodontia técnica invisalign
- Estética Dentária
- Coroas e Facetas
- Branqueamento

- Botox e Ácido hialurónico
- Cirurgia Oral Complexa
- Odontopediatria
- Próteses Dentárias
- Oclusão e ATM
- Endodontia

916 986 999 / 244 814 001

Av. Marquês de Pombal, Lt. 13, 1º F. Leiria

 clinoral@live.com.pt

 clinoral.pt

De segunda a sexta das 8h30 às 19h30 | Sábado das 8h30 às 14h00

Acordos/Protocolos: ACP, PSP, Médis, SAMS, Victoria, ACILIS, Cheque Dentista e Future Healthcare

Marque já a sua consulta!



JOÃO FILIPE
MÉDICO ESPECIALISTA DE OFTALMOLOGIA
Médico da CHUC - Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Urgência todos os dias
Consultas . Cirurgias . Lentes de Contacto . Laser . Campos Visuais
Exercícios de Ortopédia
Acordos: SAMS Centro . CGD, Savida . SAMS-SIB

Rua João de Deus, 11, 1º Dtº - Leiria . Tel. 244 832 801/244 832 870
(chamada para a rede fixa nacional)

SAÚDE 24
808 24 24 24
O número que o liga à saúde.

A clínica vai funcionar de segunda a sexta-feira, entre as 8 e as 21 horas, e aos sábados, das 8 às 13 horas



Hospital da Luz Clínica de Leiria abre com cirurgia de ambulatório e várias especialidades médicas

O Hospital da Luz Clínica de Leiria abre portas hoje, dia 16 de Julho, com uma oferta diferenciada de respostas de saúde, numa estratégia de longo prazo na região de Leiria, no valor de 17 milhões de euros.

“Mais do que investimento em infra-estruturas, trata-se de um investimento em capacidade clínica, tecnologia diferenciada, inovação digital e talento”, afirma Pedro Beja Afonso, administrador das unidades do Hospital da Luz na região centro.

A cirurgia de ambulatório é uma das grandes apostas da unidade. Esta valência “permite realizar procedimentos cirúrgicos programados sem necessidade de internamento, possibilitando alta no próprio dia e uma recuperação mais rápida, cômoda e segura”, refere uma nota de imprensa.

Situada perto da rotunda D. Dinis, a clínica contempla uma área de cirurgia de ambulatório concebida para assegurar um percurso assistencial integrado, incluindo bloco operatório, Unidade de Cuidados Pós-Anestésicos (UCPA) e áreas de recobro.

Entre a oferta dos serviços de saúde, estão as consultas de diversas especialidades médicas e cirúrgicas, como cirurgia geral, cardiologia, cirurgia maxilofacial, cirurgia

plástica, reconstrutiva e estética, cirurgia vascular, gastroenterologia, ginecologia-obstetrícia, medicina geral e familiar, oftalmologia, otorrinolaringologia, medicina interna, ortopedia, pneumologia, neurologia, neurocirurgia, psicologia, psiquiatria, urologia, entre outras.

Exames diferenciadores

Também é possível realizar exames como ressonância magnética 3T, TAC e ecografia, estando o centro de imagiologia equipado com equipamentos tecnologicamente avançados.

O Hospital da Luz Clínica de Leiria possui ainda um centro de endoscopia, realiza análises clínicas e

tratamentos de enfermagem

“Este investimento traduz a visão de longo prazo da Luz Saúde para a região de Leiria. Acreditamos que a evolução demográfica, económica e social da região justifica uma aposta forte numa unidade preparada para responder aos desafios da saúde do futuro. Reunimos nesta clínica cirurgia de ambulatório, meios avançados de diagnóstico, consultas de especialidade, uma forte componente digital e equipas altamente qualificadas, com o objectivo de oferecer aos nossos clientes uma resposta de excelência, próxima e inovadora”, reforça Pedro Beja Afonso, citado no comunicado.

Segundo o grupo Luz Saúde, nem todas as valências vão entrar hoje em funcionamento, pois, “como acontece em projectos desta dimensão, algumas valências e serviços entram em funcionamento de forma faseada ao longo das semanas seguintes, garantindo que cada área arranca com todos os padrões de qualidade, segurança e excelência assistencial que caracterizam a Luz Saúde”.

A componente digital será também altamente diferenciadora, com marcações *online*, *check-in* digital, vídeo-consulta e acesso simplificado à informação clínica.

IA no trabalho: o aumento de produtividade e os atalhos de raciocínio

Claúdia Gameiro

redacao@jornaldeleiria.pt

Há muito que se debate como operacionalizar ferramentas de inteligência artificial (IA), de modo a massificar a sua utilização. A ideia de génio da OpenAI, criadora do ChatGPT, terá partido, segundo a jornalista de investigação Karen Hao, do magnata da tecnologia Bill Gates, quando este se começou a envolver na empresa no final da última década. “Ele queria um modelo de IA capaz de analisar livros, compreender conceitos científicos e responder a perguntas com base no material – para servir de assistente na realização de pesquisas”, adianta no seu livro *O Império da IA*, obra de 2025 traduzida recentemente para Português.

A OpenAI tinha vários conceitos de IA em desenvolvimento, mas foi o conceito de “assistente” que ganhou o mercado. Lançado em 2022, o ChatGPT popularizou os modelos de IA generativa, capazes de criar conteúdo original, como texto ou imagem, com base em padrões aprendidos. Entretanto, estes evoluíram para ferramentas cada vez mais autónomas – os chamados agentes de IA – cuja presença nos locais de trabalho se tem tornado cada vez mais visível.

Mas, se para muitos estas ferramentas continuam a ser apenas um “assistente”, que ajuda a poupar tempo e a melhorar a produtividade, há quem não veja estas mudanças no local de trabalho com bons olhos e tema o impacto que poderão ter na aprendizagem e na compreensão.

Um “doping” para a produtividade

Carlos Gonçalves, administrador do Grupo Ferrol, nos Pousos, Leiria, começou a utilizar as ferramentas de IA generativa há cerca de ano e meio. Tendo contactado com as potencialidades do software através de um amigo que trabalha numa empresa internacional e usava o Copilot, ficou “maravilhado com as possibilidades”. Muito antes de surgir o conceito de “agente”, admite, começou a usar a IA para esse efeito de automatizar tarefas e hoje tem o negócio totalmente orientado por estas ferramenta, nomeadamente, o ChatGPT Plus e o Copilot.

Desde a procura por oportunidades de negócio, questões financeiras ou jurídicas, as ferramentas têm desempenhado um papel



transformador na vida da empresa. “Passo muito tempo no carro e uso a IA numa lógica de produtividade, preparando reuniões e debatendo o tema primeiro com o chat”, explica. Aproveita assim as horas “mortas” de viagem para definir planos, trocar opiniões e testar ideias.

30/40 minutos no dia de qualquer pessoa é muito tempo. Se pudermos passar a 10 minutos, é espantoso

Carlos Gonçalves



O responsável admite que não tem problemas em partilhar informação mais sensível com o chat, que o tem guiado na administração da empresa. Os vários “projectos” abertos na sua conta passam pelo marketing, questões jurídicas, análise de concursos públicos, gestão de recursos humanos, entre outros. “Uso na lógica do médico”, refere, procurando ser o mais honesto possível para obter as melhores respostas.

Carlos Gonçalves está consciente do problema das “alucinações” da IA, respostas falsas geradas devido ao tipo de programação destas ferramentas, pelo que tem cautela e, antes de tomar qualquer decisão, tenta confirmar o resultado das suas investigações.

“Vejo isto como um doping de aumento de produtividade”, reflecte com manifesto entusiasmo, acreditando que quem souber aproveitar o potencial das ferramentas se vai afirmar no mercado. Em consequência, toda a empresa se está a preparar para adoptar a IA em todos os departamentos, desde a parte administrativa à parte técnica.”

Nesta lógica de “libertar o potencial”, o responsável constata ainda: “30/40 minutos no dia de

qualquer pessoa é muito tempo. Se pudermos passar a 10 minutos, é espantoso.”

O vício da resposta certa

Sara Tavares não usa IA, mas ela impacta o seu trabalho diariamente. Docente de francês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, esta ex-emigrante de Ourém não fala com entusiasmo da sua experiência. “A primeira grande alteração é ter, infelizmente, de desconfiar de todo o trabalho feito em casa, porque muitos estudantes fazem-no inteiramente com IA”, constata. “E a mesma coisa nos testes de avaliação em sala de aula. Temos casos de fraude evidente mas que não conseguimos provar”, refere, explicando que se percebe quando as respostas não se ajustam ao nível académico do estudante.

A utilização excessiva e indevida de IA obrigou-a a “impor regras de vigilância”, admitindo que se sente “como um segurança de supermercado a pedir aos estudantes para deixarem as mochilas no quadro”. “O que sinto é que os estudantes recorrem à IA para tudo e, na aprendizagem de uma língua estrangeira, é dar um tiro no pé, porque os ‘shortcuts’ que usam para ter melhores

notas não lhes permitem adquirir a matéria”, constata.

Mas a pressão para usar IA no ensino continua a aumentar. “Todas as semanas recebo propostas de formação na área, mas falta pensar a IA e o seu uso. Não há políticas claras de uso, não há limites claros. E tenho a sensação de que não estamos a pensar seriamente sobre as implicações que terá no desenvolvimento dos jovens”, reflecte.

A sua visão é pessimista e admite que seja contrária à da maioria dos seus colegas docentes. “Eu acho que a IA vai acabar por eliminar o estudo e a reflexão. Sem falar do pensamento crítico, que já está em via de extinção desde a ascensão das redes sociais”, comenta. Tal não significa que a ferramenta não seja útil em vários aspectos da aprendizagem, reconhece, mas a ideia de que facilita tarefas e diminui o tempo despendido só será viável em quem passou pela experiência de trabalhar “com recurso ao seu próprio raciocínio, ao estudo, à pesquisa, etc.” Ou seja, quem sabe investigar e pensar sem “muletas” de apoio.

Texto originalmente publicado no caderno Ensino, Emprego & Formação, da edição de 18 de Junho

ASSINE O JORNAL DE LEIRIA E RECEBA UM VOUCHER* DO YOUR HOTEL & SPA ALCobaça



SPA TERMAL

**ATREVA-SE...
VIVA MOMENTOS
ÚNICOS!**

**YOUR HOTEL & SPA
ALCOBACA**
★★★★

www.yourhotelspa.com
www.facebook.com/yourhotelspa

Massagens | Hidroterapia
Banhos | Tratamentos de Assinatura
Rituais | Tratamentos Corporais e de Rosto
Terapias Holísticas | Marquês de Relaxamento
Estética | Crioterapia | Spa Noturno
Aulas de Hidroginástica

* Este Voucher confere-lhe o direito a:
1 CIRCUITO DE HIDROTERAPIA (60') PARA 1 PESSOA
&
1 MASSAGEM BEYOND (25') PARA 1 PESSOA



Oferta limitada ao stock existente.
Campanha válida até 31/07/2026
para a **assinatura anual da edição impressa**.
Saiba mais informações,
através de **assinantes@jornaldeleiria.pt**
ou **Tel. 244 800 400**

DIVERSOS/INSTITUCIONAL



cordeiro & cª
comércio hortícola e frutícola

*Frutos e Legumes sempre frescos
Todos os dias*



Casa das Frutas.pt

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

FAÇA A SUA ENCOMENDA
ATRAVÉS DO:
244 720 480 - 917 895 435
ou casadasfrutas.pt

Rua das Rosas, 75 COLMEIAS . Tel. 244 720 480 . Fax: 244 720 488 (chamada para rede fixa nacional)
E-mail: geral@cordeirocompanhia.com . www.cordeirocompanhia.com

Casa das Frutas

LOJA 1: Rua Gen. Humberto Delgado, 220 . LEIRIA . Tel. 244 841 853
LOJA 2: Quintinha da Gordalina, 90 A . LEIRIA . Tel. 244 855 011
LOJA 3: Av. Heróis de Ultramar, 110 . POMBAL . Tel. 236 217 065
LOJA 4: Rua Dr. José Alves Correia da Silva . Cruz d'Areia . LEIRIA . Tel. 244 815 452
(chamadas para rede fixa nacional)



**OS DOUTORES
PALHAÇOS ESTÃO
NO HOSPITAL
DE LEIRIA**

#LeiriaExiste e para a Operação
Nariz Vermelho é muito importante!
A sua empresa pode ajudar-nos
a levar alegria às crianças hospitalizadas.



QR Code:  Saiba como apoiar:
narizvermelho.pt

Para saber como anunciar na secção de classificados
do Jornal de Leiria ligue
244 800 400
(chamada para rede fixa nacional)



Avenida José Malhoa
3260-402 Figueiró dos Vinhos
E-mail: se.figueirovinhos@iefp.pt
Tel. 236 095 800

**CENTRO DE EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
SERVIÇO DE EMPREGO DE FIGUEIRÓ
DOS VINHOS**

**MOTORISTA DE VEÍCULOS
PESADOS DE MERCADORIAS - F/M**
REF.º 589 407 497
LOCAL: FIGUEIRÓ DOS VINHOS
RESPONSÁVEL, RIGOROSO, CUIDADOSO,
MUITO PROFISSIONAL

EDUCADOR DE INFÂNCIA - F/M
REF.º 589 407 154 . LOCAL: ANSIÃO
A ENTIDADE PRETENDE RECRUTAR UM(A)
EDUCADOR(A) DE INFÂNCIA
QUALIFICADO(A), RESPONSÁVEL,
DINÂMICO(A) E VOCACIONADO(A) PARA O
TRABALHO

As ofertas de emprego divulgadas fazem parte da Base de
Dados do Instituto do Emprego e Formação, IP. Para obter
mais informações ou candidatar-se dirija-se ao Centro de
Emprego indicado ou pesquise no portal <http://www.netemprego.gov.pt/>
utilizando a referência (Ref.)
associada a cada oferta de emprego.
Alerta-se para a possibilidade de ocorrência de situações
em que a oferta de emprego publicada já foi preenchida
devido ao tempo que medeia a sua disponibilização e a
sua publicação.



MUNICÍPIO DE POMBAL
Secção de Expediente

AVISO
Nº 3/ED AV/ADMIN GERAL/2026
Jornal de Leiria - Edição 2192 - 16.06.2026

Isabel Maria Rodrigues Marto, Vereadora da Câmara
Municipal de Pombal, torna público que, conforme as
disposições do Decreto Regulamentar nº 2-A/2005, de 24 de
Março, sobre a utilização da via pública e condicionamento
do trânsito, para a realização de atividades que possam
afetar o trânsito, foi autorizado o condicionamento e
suspensão, nos seguintes termos:

1. Fundamento de Facto: Festa em Honra de Nossa
Senhora dos Caminhos
2. Promotor do Evento: Fabrica da Igreja Paroquial da
Freguesia de Pombal
3. Local do Evento: Vale Coimbra - Pombal
4. Designação e Condicionamento das vias e duração
do evento: Rua Principal, dia 17 de Julho, das 22H00
às 03H00 do dia seguinte, dia 18 de Julho, das 22H00
às 06H00 do dia seguinte e dia 19 de Julho de 2026,
das 16H00 às 02H00 do dia seguinte.

A interrupção do trânsito está condicionada à sinalização
local das alternativas de circulação rodoviária.
Não devem ser pintados quaisquer símbolos ou marcas nas
referidas Ruas, ficando a cargo da Entidade Organizadora o
pagamento de eventuais prejuízos causados nas mesmas.

Município de Pombal, 10 de Julho de 2026
A Vereadora do Pelouro do Trânsito e Toponímia,
por delegação do Presidente da Câmara

Assinado por: ISABEL MARIA RODRIGUES MARTO
Num. de Identificação: 12450711
Data: 2026.07.10 11:53:48 - 0100'
(Isabel Maria Rodrigues Marto)

PUBLICIDADE


ACI
 SOCIEDADE DE MEDIAÇÃO
 IMOBILIÁRIA, Lda.
 L.ª 107/2009 de 16.09.2009

A casa dos seus negócios.

VENDA | T2 DUPLEX EM CONSTRUÇÃO | LEIRIA GARE - LEIRIA



APARTAMENTO T2 DUPLEX

APA_593

Apartamento T2+1 em construção, localizado a apenas 2,5 km do centro da cidade de Leiria.

Apartamento composto por hall de entrada, sala, cozinha, 2 quartos com roupeiro (1 suite), 2 wc (1 privativa). No piso superior, cuja ligação é feita por meio de escada interior, dispõe de sala, quarto e wc.

Garagem privativa para 2 viaturas.

Apartamento equipado com ar-condicionado, painéis solares e cilindro e cozinha equipada com eletrodomésticos Bosch.

VALOR VENDA: € 370.000,00

Vendas

244 820 550 (rede fixa nacional)

vendas@aci.pt

Rendas

244 820 551 (rede fixa nacional)

rendas@aci.pt


A-GARE
 Cervejaria - Marisqueira

Encerra à Segunda e Terça-feira

Vende marisco para fora



Visite-nos

www.facebook.com/A-Gare-Cervejaria-Marisqueira

Urbanização Sismaria - Lote 6 - r/c Esq.

2400-312 LEIRIA-GARE

Tel. 244 882 845

(atenuada para a rede fixa nacional)

REIXIDA

2026

FESTAS EM HONRA DE SANTA MARTA

24 JULHO

21:00 Início dos Festejos

21:30 Abertura do Barril

22:00 DJ PP

25 JULHO

19:30 Abertura do Restaurante

21:30 BANDA ACESSO

23:00 KISS KISS
BANG BANG

26 JULHO

09:30 Chegada da Filarmónica das Cortes

10:00 Recolha de Andores e ofertas

11:30 Missa seguida de Procissão

13:00 Abertura do Restaurante

16:00 Atuação da FILARMÓNICA

17:40 Distribuição do Pão

18:00 Jogos Tradicionais

19:30 Abertura do Restaurante

22:00 BANDA KROLL



27 JULHO

12:00 Missa pela Intenção dos Festeiros,
Mordomos e Emigrantes

19:00 Abertura do Restaurante

20:00 DAVID RAMOS

21:30 Sorteio das Rifas

21:45 Entrega da Bandeira de Santa Marta

22:00 KID LOCO &
LOS MYSTERIOS

23:00 FESTA DA ESPUMA

DJ EDENZ & TOCHA



A comissão de festas não se responsabiliza por quaisquer danos, acidentes ou furtos que possam ocorrer durante os festejos.

O futuro começa agora,
com **1% do seu IRS**

NIF 500 846 812

Quadro 11


**ALDEIAS
DE CRIANÇAS SOS**

 Saiba mais em www.aldeias-sos.org

UTILIDADES

Tempo

Quinta-feira, 16

Máxima 27º

Mínima 14º

Sexta-feira, 17

Máxima 28º

Mínima 17º

Sábado, 18

Máxima 27º

Mínima 17º

Domingo, 19

Máxima 26º

Mínima 17º

Segunda-feira, 20

Máxima 30º

Mínima 17º

Terça-feira, 21

Máxima 29º

Mínima 18º

Quarta-feira, 22

Máxima 30º

Mínima 17º

Raios UV

Quinta-feira	Muito elevado
Sexta-feira	Muito elevado
Sábado	Muito elevado

Marés

Sexta-feira, 17	Baixa-Mar: 05:40 e 17:57 horas Preia-Mar: 11:35 horas
Sábado, 18	Baixa-Mar: 6:25 e 18:41 horas Preia-Mar: 00:11 e 12:20 horas
Domingo, 19	Baixa-Mar: 07:09 e 19:27 horas Preia-Mar: 00:56 e 13:05 horas

LEIA TAMBÉM ONLINE

www.jornaldeleiria.pt

HÁ DEZ ANOS



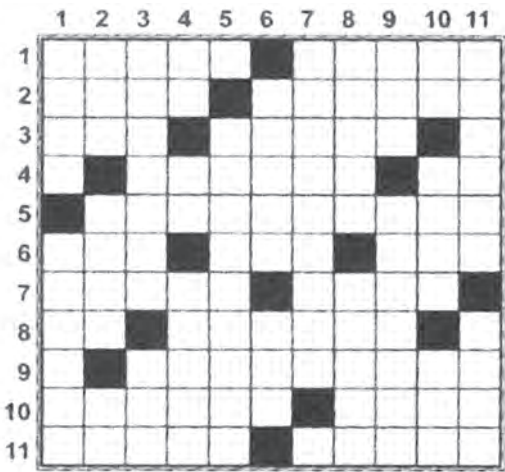
RICARDO GRAÇA/ARQUIVO

O INÍCIO DA SERRALVES DE LEIRIA
Na página 32, podia ler-se: “Legar uma Serralves a Leiria é o sonho de Ricardo Charters d’Azevedo para a ancestral casa da família, que herdou há seis meses. Tudo está dependente, afirma, de

haver parceiros à altura do desafio. As negociações, com entidades privadas e públicas, já começaram e espera ter tudo resolvido até Dezembro, caso contrário, avançará para um Plano B e criará escritórios para advogados e um restaurante, nos mais de 17 mil metros quadrados

da Villa Portela. Definitivamente afastada, está a ideia de criar ali um equipamento hoteleiro”. Na edição 1671, de 21 de Julho de 2016, o JORNAL DE LEIRIA dava assim a conhecer o início do processo que culminou, no ano de 2025, com a inauguração do Centro de Artes Villa Portela.

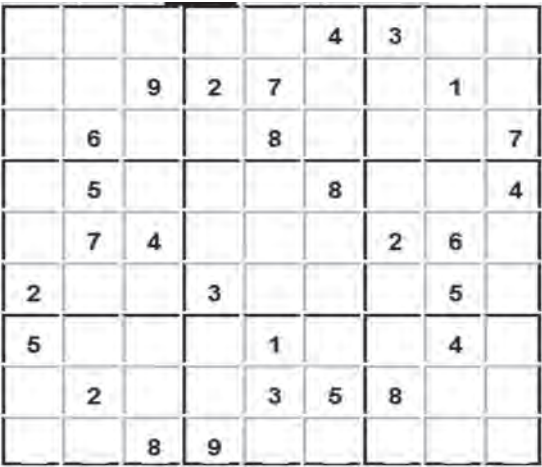
Palavras Cruzadas



HORIZONTAIS: 1-Aquela que rouba. Bichinho do queijo, farinha e cera corrupta. 2-Assim seja!. Rio (Poët.). 3-Duodécima parte do ano. Cada uma das divisões dos povos da Antiguidade. 4-Agulha do pinheiro. Segundo. 5-Que abrange três anos. 6-Acre-dita. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Régua em forma de T. 7-Homem ilustre por feitos de grande coragem. Soam. 8-Prefixo de negação. Moeda feita com liga de estanho e chumbo. 9-O m. q. acamurçado. 10-Nádegas (Gír.). Maus cheiros. 11-Fêmea do cavalo (pl.). Guarnecedora de asas.

VERTICAIS: 1-Terra ensopada em água. Dito gracioso. 2-Respeite, venere. Comboio. Prata (s.q.). 3-Não ter fé, não crer. Sem cozedura. 4-Duas consoantes. Nesse ponto. Escavada. 5-Receávamos. 6-Fruto comestível, tal como o vegetal o dá. Claridade que o Sol espalha sobre a Terra. 7-Dar alimento. 8-Elevar ao cubo. Escutes. 9-Patrão, senhor. Rede usada por indígenas do alto Amazonas (Bras.). 10-Criminosa. Levantem, Oferecer. 11-Naturais da Índia. Costure.

Sudoku



Grau de dificuldade: **difícil**

Soluções

Soluções do problema anterior:

PALAVRAS CRUZADAS

SUDOKU



Ficha Técnica

JORLIS, LDA.
Gerência
Catarina Vieira
Conselho Editorial
Catarina Vieira, Orlando Cardoso
Director interino
Cláudio Garcia (C.P. 3458 A)
direccao@jornaldeleiria.pt
Redacção
Daniela Franco Sousa (C.P. 5430 A)
Elisabete Cruz (C.P. 3022)
Inês Gonçalves Mendes (C.P. C-8649)
Jacinto Silva Duro (C.P. 3443 A)
Maria Anabela Silva (C.P. 2961)
redacao@jornaldeleiria.pt
Morada
Parque Movicortes. 2404-006 Leiria
Fotografia
Ricardo Graça (C.P. 5760 A)
Colaboradores permanentes
Alexandra Barata, Bruno Gaspar, Cláudia Gameiro, José Luís Jorge, Paula Lagoa, Paula Sofia Luz, Pedro Miguel Carvalho
Direcção Gráfica
Gabinete Técnico Jorlis
Paginação e Produção
Isilda Trindade (coordenação)
isilda.trindade@jornaldeleiria.pt
Rita Carlos rita.carlos@jornaldeleiria.pt
Assinantes
Patrícia Carvalho
(assinantes@jornaldeleiria.pt)
Serviços Administrativos/ Tesouraria
Patrícia Carvalho
(patricia.carvalho@jornaldeleiria.pt)
Serviços Comerciais
Rui Pereira (coordenação)
rui.pereira@movicortes.pt
Cláudia Mendonça
claudia.mendonca@jornaldeleiria.pt
Lúcia Alves
lucia.alves@jornaldeleiria.pt,
Propriedade/Editor
Jorlis - Edições e Publicações, Lda.
Capital Social: €600.000
NIF 502010401
Movicortes, Serviços e Gestão, Lda. - 90%;
Catarina Isabel Cunha Vieira - 10%
Morada
Parque Movicortes . 2404-006 Leiria
Email geral@jornaldeleiria.pt
Telefones 244 800 400 (geral)
244 800 405 (redacção)
(Chamadas para a rede fixa nacional)
Impressão
Naveprinter-Indústria Gráfica do Norte
Morada
Estrada Nacional N.14 Km 7,05,
Lugar de Pinta 4474-002 Maia
Distribuição
VASP - Distribuição e Logística, S.A.
Dia de publicação Quinta-feira
Preço avulso 1,50€
Assinatura anual 40€ (Portugal)
70€ (Europa) 95€ (resto do mundo)
Assinatura digital
10 € (Semestral) 20 € (Anual)
Tiragem média por edição
Mês de Junho: 15 000 exemplares
N.º de registo: 109980
Depósito legal n.º 5628/84

O **JORNAL DE LEIRIA** está aberto à participação de todos os cidadãos de acordo com o ponto 5 do estatuto Editorial disponível em **jornaldeleiria.pt/empresa**





XII Prémio Secil de Engenharia Civil



Reabilitação e Reforço Sísmico do Viaduto Duarte Pacheco



Engenheiro
Júlio Appleton



Engenheiro
António Costa

O XII Prémio Secil de Engenharia Civil foi atribuído pela Secil e pela Ordem dos Engenheiros a Júlio Appleton e António Costa, responsáveis pelo projeto de Reabilitação e Reforço Sísmico do Viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa.

A Secil e a Ordem dos Engenheiros congratulam os autores, o dono da obra *Infraestruturas de Portugal* e o empreiteiro responsável pela construção *Teixeira Duarte*, associando-se ao Júri no reconhecimento da excelência e qualidade demonstradas nos trabalhos desenvolvidos por estes engenheiros.



ORDEM
DOS
ENGENHEIROS

COM O APOIO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República

DESPORTO

Um bom filho a casa torna e Nuno Kata regressa ao clube que o fez feliz

Esta será a quarta vez que Nuno Kata pisa o relvado do CD Fátima, a segunda enquanto treinador. Com um percurso heterogéneo, a ligação ao clube não esmoreceu e o técnico volta a comandar a equipa

Inês Gonçalves Mendes

ines.mendes@jornaldeleiria.pt

“É sempre difícil dizer que não ao Fátima”. Nuno Kata é um nome que ecoa nos corredores do CD Fátima, pelas provas dadas de dedicação ao clube. Com a saída de Gonçalo Carvalho, foi o nome escolhido para dirigir, novamente, a equipa principal.

Quando jogava no meio-campo, teve duas passagens pelo clube de Ourém - a primeira em 2000/2001 - e, agora, enquanto treinador, dá início à segunda experiência a dirigir um emblema que chama de casa. Guarda boas memórias de quando se estreou a liderar a equipa principal. Levou o emblema à vitória da 2.ª Divisão Distrital da AF de Santarém e relançou o clube num caminho que o devolveu ao Campeonato de Portugal.

“É uma casa que conheço bem. Estive aqui muitos anos como jogador, também já estive como treinador. Conheço as pessoas, estão completamente à vontade comigo. Estou completamente à vontade com elas e isso torna tudo mais fácil para trabalharmos”, resumiu o técnico, na passada quinta-feira, dia do primeiro treino da equipa que marcou o pontapé de saída para mais uma época no Campeonato de Portugal.

Natural dos Marrazes, em Leiria, foi precisamente aí que iniciou o seu percurso no futebol. O método de trabalho levou-o a todas as divisões nacionais e ainda pôde ter uma experiência além-fronteiras.

“Joguei em todas as divisões. Nos distritais, com o Marrazes, na 3.ª divisão de antigamente, com o GDR Bidoeirense, na 2.ª Divisão com o CD Torres Novas, na Liga 2 com o Vizela e o CD Fátima, e ainda na 1.ª Liga com o Leiria e o Beira-Mar. Na Suíça, joguei pelo Servette e, em França, representei o Brest. Isto dá-me uma boa bagagem para que possa gerir um pouco as emoções e também o relacionamento com os jogadores, que é muito importante”, considera.

Mas, com o Fátima, ficou uma ligação diferente, que o faz aceitar regressar uma e outra vez. “Aqui em Fátima é especial. Não sou só eu que o digo. Há muitos jogadores que passaram aqui e todos gostaram de jogar cá, por causa das pessoas. Eu digo que as pessoas fazem os sítios onde estás”, refere.



Treinos do CD Fátima começaram na semana passada, no Estádio Municipal Papa Francisco

Menos despromoções Campeonato de Portugal tem novo modelo competitivo

Na próxima época, serão menos os clubes despromovidos do Campeonato de Portugal, conforme estabeleceu a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) no novo modelo competitivo para a próxima época. Em vez das 20 despromoções (cinco por cada grupo na 1.ª fase), passam a descer apenas 12 equipas e é criada uma fase extra: o **play-off de manutenção**, para onde são apurados os 11.º e 12.º classificados de cada série, onde vão discutir a permanência na competição. Assim, este ano, descem às distritais os últimos dois classificados de cada grupo à 1.ª fase e, no novo play-off, onde estarão oito equipas,

descem os quatro clubes com menos pontos. A região de Leiria estará representada por três clubes, dois deles repetentes, que se enfrentaram na série C: além do CD Fátima (ficou em 8.º lugar no ano passado), estarão na competição a União da Serra (terminou em 5.º) e o GD Nazarenos (recém-promovidos). O arranque dos jogos oficiais está previsto para 16 de Agosto.



Negou o Moreirense para ficar no Fátima

No trajeto de Kata, parece inevitável o regresso a Fátima e um episódio da sua carreira mostra que, no futebol, nem sempre são os resultados que interessam. “Recordo-me bem quando o Fátima desceu da Liga 2. Tive uma proposta do Moreirense, mas quis ficar aqui. Continuava na Liga 2, mas aceitei ficar aqui e descer de divisão, porque senti que as pessoas mereciam”.

Na época seguinte, o Moreirense viria mesmo a subir ao escalão mais alto do futebol português, mas Kata não considerou que esta tivesse sido uma oportunidade perdida. “Fiquei com muito gosto por causa das pessoas”, revela o antigo médio.

Já naquele tempo, de 2010 a 2015, o futebolista recorda o ambiente no balneário. “Estava sempre saudável. Isso é que traz alegria para que os jogadores se sintam melhor e tenham mais leveza naquilo que fazem”, al-

go que pretende manter esta época, agora como treinador.

Vindo de uma época difícil - o CD Fátima esteve, às portas da despromoção no Campeonato de Portugal - o emblema da cidade-santuário cumpriu o objectivo da manutenção e, para a actual temporada, ambiciona o mesmo, embora procurando mais pontos.

“O clube quer fazer épocas tranquilas e, este ano, não foge à regra. Estamos aqui para tentar melhorar aquilo que pudermos. Queremos ter um futebol atractivo, um futebol que agrade aos adeptos do Fátima e que as pessoas possam vir à bola e sair satisfeitos por ver a equipa a jogar”, defende Nuno Kata.

Para a temporada que se avizinha, o treinador conta com alguns jogadores do ano passado, com “uma qualidade muito interessante”, e ainda procura preencher algumas lacunas deixadas pelas transferências do mercado de Verão.

Treinos ao domingo à noite valem ida aos Europeus Universitários

Inês Gonçalves Mendes
ines.mende@jornaldeleiria.pt

Estudam, treinam nos seus próprios clubes e ainda arranjam tempo para a equipa de futsal da Universidade de Leiria e Oeste (ULO antigo Politécnico de Leiria). Um esforço recompensado com a conquista dos Campeonatos Nacionais Universitários, em Abril, e consequente ida aos Jogos Europeus Universitários.

Os horários de treino tinham de variar a cada semana e, durante grande parte do ano, era às 20 horas de domingo que se conseguiam encontrar todos. Alguns dos elementos da equipa masculina da ULO não são da região e aquele era mesmo o único horário onde o treinador, Hélder Silva, conseguia implementar as suas ideias para

semear a vitória nos Campeonatos Nacionais Universitários.

“É sempre muito difícil conciliar os clubes connosco. E isto [o apuramento] tem muito a ver com eles, os atletas. Se não fosse a qualidade técnica e humana que têm não tínhamos atingido o que atingimos”, realça o técnico, à margem da cerimónia que as-

senalou a partida da equipa para Salerno, Itália, onde vão decorrer os Jogos Europeus Universitários, a partir de 18 de Julho.

Hélder Silva elege “o espírito de resiliência” e a vontade de participar como valores fundamentais que permitiram a conquista, pela primeira vez, do campeonato nacional.

Treinador do conjunto desde 2018, Hélder explica que a dinâmica do grupo “é diferente dos clubes”. “Estamos sempre a ter atletas novos, uns a sair e outros a entrar, o normal por causa do processo académico e, por isso, há sempre uma renovação.”

Equipa ambiciona título
Esta não é, contudo, a primeira presença nos Europeus. Em 2019, foram convidados para a compe-

tição que decorreu em Braga. “Ficámos em sétimo. Agora, vamos tentar defender o sétimo, no mínimo, e chegar à final”, ambiciona o técnico.

Considerada a maior competição multidesportiva do ensino superior europeu, estarão reunidos 4.500 estudantes-atletas em representação de cerca de 500 instituições, em diversas modalidades.

Na cerimónia, foi assinado um protocolo entre a ULO e a Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria (CIMRL), que concede um apoio de 20 mil euros para participar as despesas na competição. Esteve ainda presente a LART - Leiria Academic Racing Team, que também representará a região no Formula Student Germany, em Agosto.

4.500

é o número de atletas que estarão presentes nos Jogos Europeus Universitários

Ciclistas solidários angariam 1.530 euros

Agostinho Rodrigues e Sérgio Marcelino, amigos que decidiram percorrer a Nacional 2 de bicicleta com um propósito solidário, angariaram 1.530 euros que irão apoiar duas instituições de Leiria, com a entrega de bens alimentares e mobiliário.

Sensibilizados com as consequências da tempestade Kristin, estes ciclistas decidiram dar “o corpo ao manifesto” e percorrer os 750 quilómetros da mítica estrada, com o patrocínio das empresas Lusical, Hallstar e outros associados.

Parte do valor - 1.200 euros - reverte para a Oásis (Organização de apoio, Solidariedade e Integração Social), com a aquisição de 20 cadeiras que visam recuperar parte do mobiliário perdido durante a tempestade.

O restante valor é transformado em bens alimentares e de primeira necessidade, que ontem foram entregues ao Centro de Acolhimento de Leiria.

Os mentores desta iniciativa cumpriram o percurso com o sentimento de missão cumprida, considera Agostinho Rodrigues, que, desde a reforma, procura aliar o desporto a actividades solidárias.

HÁ 20 ANOS, JORGE JESUS DEIXOU OBRA FEITA EM LEIRIA



Jorge Jesus é o novo seleccionador nacional e, na bagagem, traz a experiência de 30 anos a treinar dezenas de clubes, entre eles, a União de Leiria, em 2005/2006. Chamado por João Bartolomeu, presidente da SAD leiriense na altura, Jorge Jesus agarrou numa equipa que, na época anterior, ficou a apenas quatro pontos da despromoção à 2.ª Divisão. Naquele ano, levou

o emblema até ao 7.º lugar da Liga Portuguesa, um resultado que superou expectativas. Ficou gravada na história do clube a vitória por 3-1 contra o Benfica, que certamente estará na memória do técnico, já que foi a sua 50.ª vitória na divisão principal de futebol. Esteve em cima da mesa a continuidade de Jorge Jesus em Leiria, mas viria a mudar-se para o Belenenses

na época seguinte. Desde que saiu de Leiria, passou pelo SC Braga, SL Benfica, Sporting CP, Al-Hilal, Flamengo, Fenerbahçe e Al-Nassr. Foi apresentado como novo seleccionador nacional, com contrato até 2030. Não esteve em Leiria apenas como treinador. À época 79/80, pisou o meio-campo do antigo relvado como jogador. Cumpriu 22 jogos na Liga Portuguesa e celebrou um golo.

BREVES

Itália Três atletas chamados aos Jogos do Mediterrâneo

Auriol Dongmo (lançamento do peso), Irina Rodrigues (lançamento do disco) e Beatriz Castelhana (velocidade) serão as representantes da região na comitiva portuguesa que participará na 20.ª edição dos Jogos do Mediterrâneo, entre os dias 21 de Agosto e 3 de Setembro, em Taranto, no sul de Itália. Segundo a convocatória do Comité Olímpico de Portugal, o País estará representado por 168 atletas em 25 modalidades.

Atletismo Lavreshina iguala recorde nacional

Prova após prova, Sofia Lavreshina, atleta natural de Pombal, tem conseguido melhorar a sua marca nos 400 metros barreiras e, este fim-de-semana, igualou o recorde nacional pertencente a Fatoumata Diallo. Durante o Meeting de Braga, no Estádio 1.º de Maio, a velocista do Sporting CP cumpriu o tempo de 54.31 segundos. A atleta já garantiu a marca de qualificação para o Europeu de Atletismo.



Natação Rodolfo Alecrim supera mais um recorde

Rodolfo Alecrim voltou a superar mais um recorde nacional, desta feita, durante o Europeu de Juniores, que decorreu em Munique (Alemanha). O jovem de 16 anos do Clube Náutico de Leiria, em representação de Portugal, nadou os 100 metros livres em 51,65 segundos, superando a anterior marca no escalão de juvenil A, que já lhe pertencia. Este foi o único recorde nacional da categoria alcançado por Portugal durante a competição.

VIVER

Mariana, a Miserável A novela de Sísifo ou amar a pedra que levamos às costas

De Kafka a Camus, da poesia de Homero ao peso da vida doméstica. O mais trapaceiro dos homens, e a namorada dele, numa nova exposição, e livro, em que o humor dá sentido à vida

Cláudio Garcia

claudio.garcia@jornaldeleiria.pt

Pela primeira vez em anos, está patente em Leiria uma exposição só com desenhos de Mariana, a Miserável. Na livraria Arquivo, o mito ganha asas e transforma-se em triângulo amoroso. A artista imagina o desabafo da namorada de Sísifo: “Esta pessoa não está mesmo nesta relação. Ama a pedra, mas não admite que ama a pedra”.

Sísifo - uma novela de Mariana, a Miserável não é apenas o título da exposição que pode ser vista até meados de Agosto, é também o título de um livro, que se inspira na personagem extraída dos poemas gregos da Antiguidade e que no segundo capítulo, “Kafka dizia que Sísifo era solteiro”, sobre a impossibilidade do romance na vida de Sísifo, mostra “uma relação conturbada” com a companheira, Teresa, porque, como em todos os triângulos amorosos, “existe um terceiro elemento”, que neste caso “é a pedra”, de quem ele, Sísifo, “realmente gosta”.

Num desenho, jogam “pedra, papel ou tesoura?” - e ele, sem surpresa, escolhe a pedra. Noutro, Teresa pergunta: “Banda preferida?” A resposta vem do coração: “Rolling Stones”.

Sísifo é o anti-herói, assinala-se no texto da folha de sala da exposição. O mais trapaceiro dos homens, que finta a morte duas vezes. Na esplanada da Arquivo, Mariana compara-o ao Zé Povinho. “Porque o Zé Povinho não é perfeito”, explica ao JORNAL DE LEIRIA. “Ele é um não-herói, também. É um símbolo e é uma pessoa com a qual nos identificamos, mas não é perfeito”.

Pena ou vingança?

Com Sísifo, a identificação é possível, por exemplo, dada a natureza rotineira dos dias e da maioria dos ofícios nas sociedades contemporâneas.

O amor de Sísifo pela pedra, maior do que o amor pela pessoa que tem ao seu lado, que Mariana, a Miserável coloca como hipótese página após página, não só cumpre o propósito de tornar Sísifo “mais terreno, leve” e “cómico”, como lembra a conclusão de Albert Camus no ensaio *O Mito de Sísifo*: “É preciso imaginar Sísifo feliz”.

Castigado pelos deuses que quis



O personagem que empurra a pedra até o cimo da montanha, sem nunca conseguir o objetivo, “é mesmo inspirador”, diz Mariana, a Miserável, ilustradora natural de Leiria que vive no Porto desde 2010. Tem produzido para livros, publicações de pequena tiragem, posters, agendas, murais, revistas e jornais

enganar, e condenado a empurrar a pedra até ao cimo da montanha, com esforço e sofrimento, sem alguma vez o conseguir, Sísifo vê-a deslizar pela encosta em cada tentativa que se aproxima do objetivo e entrega-se a um trabalho inútil e sem esperança, impossível de completar, que se repete para sempre, no entanto, conforme observa a escritora Cláudia Lucas Chéu num artigo publicado no jornal *Expresso*, Sísifo torna-se “superior ao seu destino”

ao aceitar a fatalidade, a ausência de sentido e o absurdo da existência.

“A maldição é a vida dele”, resume Mariana, a Miserável, durante a conversa na Arquivo. “O castigo foi também a vingança dele, porque, realmente, ele adorou”. A derradeira vitória sobre a morte.

No prefácio do livro, Mariana escreve que Sísifo é um “herói imperfeito com amor à falha” e nota que o humor salva-nos “da consciência das limitações da dimensão humana”. Conclui que “aprender a imaginar Sísifo feliz é aprender a aceitar o caos” e, como ele, “a amar a pedra que levamos às costas”.

A piada como método

Recuando a 2022, encontramos Mariana, a Miserável com saudades de “desenhar pelo prazer de desenhar”, de “pensar num tema e desenvolvê-lo”, numa fase em que praticamente “só estava a responder a trabalho encomendado”.

A história de Sísifo funcionou

como “um desbloqueador”. A circunstância e “o sofrimento” de “um homem que não consegue fazer uma coisa”, precisamente a única que está obrigado a fazer para a eternidade, “tem imensa piada”, admite a artista natural de Leiria, que reside no Porto há 16 anos. “É mesmo inspirador. Foi esse o meu ímpeto”.

A procura de liberdade na criação, paradoxalmente Mariana impôs a si própria a disciplina de partilhar todas as segundas-feiras no Instagram, onde tem mais de 54 mil seguidores, os desenhos que andavam “espalhados pelos cadernos”, feitos “de forma despreocupada”.

Seguiu-se, em 2023, uma residência no Museu Bordallo Pinheiro (daí a analogia com o Zé Povinho) que permitiu refazer, redimensionar e reorganizar a produção - e acrescentar outros desenhos.

A exposição confirma o humor da artista (tantas vezes auto-depreciativo) que adora novelas brasileiras para quem Leiria continua

a ser sinónimo de concertos de jazz e momentos na livraria Arquivo. Na comédia acompanha, entre outros, Ricardo Araújo Pereira, Bruno Nogueira, Luana do Bem e Beatriz Gosta.

No livro, Mariana brinca com a meritocracia, o *coaching*, as dores de costas e as entrevistas de emprego, e compara-se a Sísifo encostada a uma máquina de lavar roupa, sob o peso das tarefas domésticas. Reconhece que aprecia o protagonista “pela falha” e na certeza de que “a satisfação absoluta não existe”, mas há pelo menos uma ilustração em que lhe rouba o prémio de maior sofredor: “É como Sísifo, mas mais difícil”, lê-se na legenda.

No piso superior da Arquivo, estão patentes mais de 70 desenhos, uma peça de cerâmica e dois azulejos, incluindo obras inéditas criadas de propósito para a exposição. Qualquer que seja o suporte, o traço de Mariana, a Miserável surge impossível de ser confundido.

RICARDO GRAÇA

**Concerto marcado para sábado
no claustro real**



FB JORGE PALMA

Artes à Vila Três dias de música, património e comunidade

O Festival Artes à Vila está prestes a iniciar mais uma edição, voltando a ocupar o Mosteiro da Batalha com três dias dedicados à música, ao património e à participação da comunidade.

De 17 a 19 de Julho, o evento reúne artistas consagrados, novas propostas artísticas e actividades para públicos de todas as idades, num cenário classificado como Património Mundial da UNESCO.

Desde 2018, com excepção do ano de 2024, que o Mosteiro de Santa Maria da Vitória é o palco maior deste festival onde o verdadeiro protagonista é o próprio monumento. Um espaço que respira ao ritmo da música, da fotografia e do encontro com os visitantes.

O Artes à Vila não se limita a ocupar o claustro ou a nave gótica: cria pontes entre o património monumental e as várias expressões artísticas, transformando o Mosteiro da Batalha num lugar de comunhão, contemplação e celebração.

Dois palcos, novos talentos

A edição de 2026 apresenta um conjunto diversificado de artistas que irão actuar nos dois palcos do festival: Palco Play Tradicional e Palco Emergentes GDA. Entre os nomes confirmados estão Jorge Palma, Tomás Wallenstein, Ana Lua Caiano, Gabriel Gomes, Puto Bacoco, Lisa Sereno, Thispage e Os Mimos, reforçando a aposta do Artes à Vila na música portuguesa, na criação contemporânea e na descoberta de novos talentos.

O programa integra igualmente exposições, oficinas, actividades para famílias e visitas guiadas ao Mosteiro, num conceito que promove o diálogo entre música, tradição e memória. Este ano, as exposições ganham um registo par-

ticularmente humano: retratos dos habitantes da Batalha e um olhar fotográfico sobre as mais diversas profissões da região, uma forma de fixar no tempo a identidade de uma comunidade.

Há ainda uma novidade: o Artes à Vila criou um concurso para procurar novos artistas de raiz tradicional. Este ano, concorreram cerca de meia centena de projectos tradicionais, prova de que a tradição não é coisa do passado, mas matéria viva que continua a germinar. Em paralelo, o festival promove uma oficina de canções tradicionais para ensinar cantigas às crianças, garantindo que a memória oral não se perde nas gerações mais novas.

Inclusão e participação

O Artes à Vila reforça este ano o seu compromisso social, convidando instituições da região a levar gratuitamente os seus utentes aos concertos de Tomás Wallenstein (num formato intimista ao piano) e de Puto Bacoco. Uma iniciativa que pretende aproximar a cultura de públicos que habitualmente enfrentam maiores barreiras de acesso.

Destaque especial para o “Guardião da Tradição”, que serve para mostrar e enaltecer a invisibilidade de certos intervenientes fundamentais: seja um construtor de instrumentos, um divulgador ou um investigador de música tradicional. Porque a cultura não se faz só de palcos e holofotes; faz-se também de quem, em silêncio, mantém vivas as raízes.

O Artes à Vila cresceu e cimentou-se sem nunca esquecer o lugar que o viu nascer: o Mosteiro na vila da Batalha continua a ser o mesmo, mas, de ano para ano, o festival respira de outra maneira. **PM**

Ti Milha Entre o impacto da tempestade e os olhos postos na edição dos dez anos

Pedro Miguel Carvalho
redacao@jornaldeleiria.pt

O Festival Ti Milha regressa este ano à Ilha, Pombal, de 16 a 19 de Julho, com um cenário diferente do habitual: a zona de piquenique, um dos espaços mais acarinhados pelas famílias que todos os anos marcam presença no evento, foi severamente afetada pela tempestade Kristin. O pinhal que outrora oferecia sombra e frescura aos visitantes está agora devastado.

Wilson Capitão, da organização, explicou que o impacto da tempestade obrigou a equipa a repensar a logística do espaço. “O parque está completamente diferente. A área onde fazíamos o piquenique, que tinha muitas árvores, ficou arrasada”, descreve. Para mitigar os efeitos da falta de sombra, o festival contará este ano com um patrocínio que irá distribuir chapéus.

Activismo, sempre

Realizado por voluntários cujo objectivo é dinamizar a comunidade, a programação musical deste ano traz consigo um simbolismo particular. O Ti Milha vai receber duas bandas que anunciaram o fim dos seus projectos: os Paus e o José Pinhal Post Mortem Experience.

Desde a sua criação, o Ti Milha sempre se distinguiu pela preocupação com questões sociais. Ini-

cialmente focada no ambiente e na ecologia - influenciada pelo próprio espaço natural onde o festival se insere -, a vertente activista foi evoluindo ao longo das edições. Já passaram pelo cartaz temas como saúde mental, a sexualidade e o amor. Este ano, a aposta mantém-se, mas com uma estratégia mais direccionada: trazer influenciadores com causas alinhadas com os valores do festival. Destaque pa-

Programa Conversas do amor ao luto

Noutros destaques musicais, da região, marcam presença a compositora leiriense de raízes folk Lisa Sereno e o alter ego do alcobacense Bruno Monteiro, entre punk, pop, bossa nova e psicadelismo de Mr. Gallini. A conversa com o Coletivo Leiria Feminista acontece sábado, às 17h30, sendo Dr. Love - Consultório Amoroso, com Peter Castro às 18:30 horas do mesmo dia. No domingo, a conversa com a Refood Leiria sobre desperdício alimentar, é às 15 horas, e talvez a conversa mais difícil de todas, mas necessária - o Projeto Luísa sobre intervenção e apoio no luto - às 15h 45.

ra Peter Castro, mais conhecido nas redes sociais como Dr. Love: “Ele não é um sexólogo, nem um profissional da saúde mental. Mas dá a opinião dele, e muita gente identifica-se com essa abordagem mais aberta e disruptiva”, explica Wilson Capitão. “Já temos uma franja de pessoas que vêm para ver esses influenciadores. Depois, claro, ficam para as bandas”, admite o organizador. Igualmente o Coletivo Leiria Feminista marcará presença neste festival.

Essência familiar

Apesar das mudanças e desafios, o Ti Milha mantém a sua essência familiar. O domingo continua a ser o dia mais acolhedor, com *workshops* e o tradicional piquenique - agora reinventado com a ajuda dos chapéus do patrocinador. “O mote deste ano é, precisamente, a tempestade. Foi o que nos tocou a todos, mas o festival continua”, resume Wilson Capitão.

Se este ano promete emoções fortes, o futuro também já está no horizonte da organização. O Ti Milha está a concorrer a um programa de apoio que exige um planeamento antecipado, o que obrigou a equipa a contactar bandas com uma antecedência inédita. Como o Ti Milha, no próximo ano, faz a 10.ª edição, o objetivo é trazer projectos memoráveis.

FÁBIO SILVA/FB TI MILHA



Festival vai regressar à ilha até domingo

VIVER

A dicotomia entre corpo e fantasma, visível e invisível. O ponto de partida é quase clínico: o membro fantasma



RICARDO GRAÇA

Colecção do Estado Os fantasmas que habitam a Villa Portela

Pedro Miguel Carvalho
redacao@jornaldeleiria.pt

A casa rosa atrás do portão acolhe uma exposição, até ao fim de Agosto, que pensa a ausência como forma de presença. Da Colecção de Arte Contemporânea do Estado, *Corpo-Fantasma* é um exercício sobre o que resta quando alguém já não está.

Ana David, da coordenação do espaço, fala da casa como quem fala de uma pessoa tímida: “De fora da cidade não se via a casa. Tínhamos que chegar ao portão para termos uma noção.” Esta singularidade arquitectónica – uma casa que não foi pensada para ser centro de arte, com salas que não foram dimensionadas para obras monumentais – é, paradoxalmente, a sua maior força. Impõe à curadoria um constrangimento que Ana David lê como oportunidade: “O constrangimento é um desafio. E eu entendo sempre os desafios como uma oportunidade de inovação.”

Mulheres visíveis

Marta Espiridião, jovem curadora, organizou a exposição em torno de três premissas: assinalar as aquisições da colecção, garantir uma presença feminina mais expressiva e trabalhar a dicotomia entre corpo e fantasma, visível e invisível. É neste último eixo que a exposição encontra o seu centro.

O ponto de partida é quase clínico: o membro fantasma. A medicina conhece o fenómeno – o amputado que continua a sentir o braço que já não existe, que age como se ele lá estivesse. A curadora transpõe esta noção para o campo da arte: o fantasma não é o que assombra, é o que persiste. É a sensação de presença mesmo quando há ausência, a marca deixada por um corpo num espaço. A evidência de que houve alguém ali. Que algo foi tocado.

Entre as obras, veja-se o exemplo de Rosa Carvalho, inspirada numa pintura de Jacques-Louis David

de 1800: uma *chaise longue* de estilo imperial, com uma almofada marcada pelo peso de um corpo. Na obra original, uma senhora está deitada. Na releitura de Rosa Carvalho, a almofada conserva o vinco, mas não há ninguém.

“Mas ela não pinta a obra só por isso”, nota Ana David. “Pinta porque acha que as mulheres, na pintura, foram durante muito tempo um elemento bonito, decorativo. É uma crítica a essa convenção.” O fantasma, aqui, é duplamente fantasma: a mulher ausente da tela e a convenção que a tornara, durante séculos, apenas ornamento.

Actividades paralelas

A exposição tem ainda uma dimensão pedagógica: a equipa da Colecção do Estado trabalha com a casa de exposições num serviço educativo articulado com o Plano Nacional das Artes – tirar os miúdos da escola, trazê-los para lá, fazê-los trabalhar com as obras.

E depois há uma frase da curadora: “o futuro pertence aos fantasmas”, e que fica a pairar na sala. Mas é também, talvez, a mais justa para um espaço como este. Uma casa durante muito tempo fechada à rua, uma colecção que prefere o avesso do cânone, uma exposição que pensa a ausência como forma de presença. Se o futuro pertence a alguém, que seja aos fantasmas, esses que insistem em ficar quando todos os outros já saíram.

Até 30 de Agosto Artistas de Leiria representados

Dos 28 artistas em exposição, até 30 de Agosto, dois são de Leiria – João Gabriel e Didier Fiúza Faustino. É uma posição que merece ser sublinhada. Num tempo em que se confunde frequentemente valorização do território com proteccionismo, a Villa Portela escolhe outra via: trazer artistas da região sem que isso determine a leitura da obra. O reconhecimento não é geográfico; é artístico. A região empodera-se não por fechar-se sobre si, mas por se reconhecer em circuitos mais largos.

SAMP Solistas de sopros dão concerto no Brasil

O Teatro Municipal do Rio de Janeiro recebe na próxima quarta-feira, 22 de Julho, pelas 19 horas, o ensemble Solistas SAMP, com duas dezenas de músicos, dirigido pelo maestro Alberto Roque.

O concerto no Brasil integra a programação da 21ª conferência da WASBE, organização internacional focada na música de sopros.

“Para se tocar na conferência é preciso fazer uma candidatura. Fomos seleccionados, o que é para nós um orgulho”, comenta Alberto Roque, que assinala: na edição deste ano só há mais um agrupamento com origem na Europa.

O colectivo da Sociedade Artística Musical de Pousos vai a palco com a soprano Ana Maria Pinto, cantora com vasta carreira fora de fronteiras, e com a flautista Neuza Bettencourt, natural de Leiria, a que se junta o suíço Felix Hauswirth, como maestro convidado.

Alberto Roque considera “um privilégio” poder partilhar música portuguesa contemporânea com o público do Rio de Janeiro e acredita que a participação no evento é “o reconhecimento da qualidade dos músicos” e do trabalho desenvolvido “há anos”.

Os Solistas SAMP irão protagonizar a estreia mundial de uma composição de Sérgio Azevedo, com quem têm trabalhado regularmente. *Divertimento on a Portuguese Folk Tune*, segundo o autor, é uma peça “festiva”, “bastante difícil”, mas “singela”, que se inspira em melodias populares portuguesas.

O programa do concerto de quarta-feira no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um edifício icónico, inclui obras encomendadas pela Leiria Cidade Criativa da Música, de Anne Victorino d’Almeida e João Santos, organista natural de Leiria, e também de Eurico Carapato e do compositor francês nascido na Alemanha Louis Théodore Gouvy.

A conferência da WASBE proporciona oportunidades e contactos de vários países. “Ao longo dos anos foi muito útil para mim”, diz Alberto Roque. “E seguramente levamos o nome de Leiria muito longe”.

No próximo sábado, 18 de Julho, o grupo apresenta-se ao vivo no Centro de Artes Villa Portela, em Leiria, num espectáculo com início às 18:30 horas.

EXPOSIÇÕES



Dançar na lama Espaço da Concas

Para Vítor Reis, a cerâmica é um território de liberdade renovada, que tem explorado ao longo de uma década, à medida que foi expandindo e reinventando um percurso artístico inicialmente ancorado na prática escultórica.

A exposição *Dançar na lama*, agora patente ao público no Espaço da Concas do Centro de Artes de Caldas da Rainha, Vítor Reis reúne um conjunto de obras produzidas nos últimos dez anos, em que “o barro se transforma em matéria crítica, por vezes poética, frequentemente habitada por figuras ambíguas ou contraditórias, colocadas sob a luz do inesperado ou do ridículo”, é referido na nota de divulgação. “A maturidade de uma linguagem singular”.

As peças de Vítor Reis “revelam um olhar simultaneamente atento e irónico sobre o mundo contemporâneo. Através do humor e da ironia, o artista desmonta convenções, expõe fragilidades e questiona os mecanismos sociais, culturais e políticos que moldam a experiência colectiva”.

E ainda

Memória do Sonho, no Centro de Artes do Arrabal, concelho de Leiria.

50 anos, 50 cenas, exposição comemorativa dos 50 anos do Teatro Amador de Pombal (TAP), no Teatro-Cine de Pombal.

O exercício da liberdade, obras da Colecção da Fundação de Serpentes, no Museu Leopoldo de Almeida, Centro de Artes, em Caldas da Rainha.

Entre os pingos da chuva, obras de finalistas da ESAD.CR, no Centro Cultural e de Congressos, em Caldas da Rainha.

CURTAS

Festival Fotografia de guerra em Caldas da Rainha

O festival F/262 tem programa no Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha neste sábado, 18 de Julho, com início às 9 horas. Há exposição de fotografia e conversas sobre a documentação da guerra na Ucrânia. Com Vlada Liberov, Olga Kovalova e Yelyzaveta Kovtun. Participam também, com intervenções sobre inovação, território, criatividade e fotografia, Márcia Vilarigues, Nuno Correia, Jorge Bacelar, Vasco Trancoso e Luís Afonso. A agenda inclui a gravação ao vivo de um podcast, moderado por Ana França, com a participação de Vlada Liberov, Yelyzaveta Kovtun, Gonçalo M. Tavares e Julieta Monginho.

Óbidos Mercado medieval de volta com novidades

Realiza-se de 16 a 26 de Julho, na vila, entre muralhas, o Mercado Medieval de Óbidos. Segundo o município, o evento volta num formato alargado e apresenta novos espaços, experiências, projectos de recriação histórica e uma área inédita dedicada às crianças. Uma das principais atracções será o regresso do espectáculo *Assalto ao Castelo*, apresentado diariamente, no final da noite, nspirado no reinado de D. Fernando e na sua controversa relação com D. Leonor Teles.

Prémios Play Gala no Mosteiro da Batalha

A gala da segunda edição dos Prémios Play Tradicional realiza-se no dia 19 de Julho, no Mosteiro da Batalha, no âmbito do festival Artes à Vila. Este ano é introduzida uma nova categoria, a do Prémio Guardiã da Tradição que se destina a distinguir personalidades cuja dedicação tem sido determinante para preservar e transmitir a herança musical portuguesa (como construtores de instrumentos, investigadores, produtores ou recolhedores de património oral). Os Prémios Play são uma iniciativa da Audiogest, associação dedicada à gestão colectiva de direitos dos produtores fonográficos.

Francisco Gomes Baterista actua “em casa” no Festival de Jazz da Marinha Grande

Elisabete Cruz

elisabete.cruz@jornaldeleiria.pt

O baterista Francisco Gomes vai actuar no Festival de Jazz da Marinha Grande, no próximo sábado, dia 18, num concerto na Comeira, onde reside. “Vou tocar literalmente em casa”, confessa.

Acompanhado por Zé Maria (saxofone), Bruno Santos (guitarra) e Nelson Cascais (contrabaixo), os músicos darão vida a músicas de Sonny Rollins, num tributo ao saxofonista afro-americano falecido em Maio deste ano.

“É uma figura super-importante no jazz e achei por bem trazer a sua música à minha terra. Vai ser um concerto com muita improvisação e com muitas sonoridades positivas. A música do Sonny Rollins é boa, tem energia e melodias bonitas”, diz Francisco Gomes ao JORNAL DE LEIRIA.

No concerto, intitulado *Beyond Colossus*, o quarteto revisita algumas das composições mais marcantes do saxofonista norte-americano, incluindo “God Bless the Child”, tema que, apesar de não ser original de Rollins, ganha, na sua versão, “um toque ainda mais especial”.

A paixão de Francisco Gomes pelo jazz surgiu na adolescência. Aos 14 anos, o jovem intrigou-se com a sonoridade de uns discos em casa dos avós, onde o ‘rei’ Frank Sinatra e Ella Fitzgerald figuravam entre os clássicos. A curiosidade levou-o a procurar mais temas. Com a plataforma do Youtube a surgir, o consumo deste estilo musical originário de Nova Orleans passou a fazer parte do seu repertório musical.

Quando terminou o ensino secundário, o baterista começou a tocar no Hot Clube de Portugal, em Lisboa, e ingressou na Escola Superior de Música. Antes chegou a ter aulas de vibrafone e realizou o curso profissional de percussão no Orfeão de Leiria.

Música está-lhe no sangue

Mesmo sem ter familiares ligados directamente ao jazz, as raízes musicais surgiram em casa, onde sempre esteve habituado a ouvir música, “sobretudo portuguesa”. A mãe teve aulas de piano em jovem e o pai, que ainda hoje toca e canta como *hobby*, tocava guitarra, conta o músico.



FOTO CEDIDA POR FRANCISCO GOMES

O baterista da Marinha Grande vai homenagear Sonny Rollins, recentemente falecido

Surpreendentemente descobriu que um bisavô, operário vidreiro de profissão, era também saxofonista e clarinetista numa banda de baile. Já a avó materna cantava, no coro do Operário. A música corre-lhe no sangue.

Aos 27 anos, o baterista divide a música, em Lisboa, com o ensino na escola da Amieirinha, na Marinha Grande, duas vezes por semana. Além dos concertos regulares na capital, gravou um disco - ainda por editar - com o Álvaro Pinto Quarteto.

Em Lisboa, actua com regularidade no Távola Jazz Club e toca com o Mingus Project, do contrabaixista Nelson Cascais. No seu percurso conta também com ac-

tuações na Fábrica Braço de Prata e no Café Dias.

Entre os projectos futuros estão a gravação de um disco a solo, no próximo ano, e a reactivação do trio Mateus Saldanha Organ Trio, que conquistou o Prémio Jovens Músicos, da Antena 2, na categoria de jazz.

“No jazz, tocamos todos um pouco uns com os outros, por isso os projectos acabam por surgir de forma espontânea e cruzam-se uns com os outros”, explica.

O concerto de Francisco Gomes Quarteto está agendado para as 22 horas, no auditório da Comeira e tem entrada gratuita.

Sob o tema Inevitável, amanhã, dia 17, na Praça Afonso Lopes Vieira, em São Pedro de Moel, actuam Gileno Santana e Rocho.

A 12.ª edição do Festival de Jazz arrancou no dia 11 e decorre até ao dia 25 de Julho, com uma programação para vários públicos, a partir dos 3 anos, distribuída entre a Marinha Grande e São Pedro de Moel.

Infância Especialistas internacionais debatem artes e IA

Tupac Martir, Alison Burrows, Elisabeth Schilling e Américo Peças participam como oradores no seminário sobre arte, educação, tecnologias e natureza que se realiza em Leiria no próximo dia 24 de Julho, numa iniciativa do pedagogo e etnomusicólogo Paulo Lameiro.

O mexicano Tupac Martir é um artista digital multidisciplinar que tem trabalhado com modelos inteligência artificial LLM e ferramentas de realidade virtual e presença digital; a coreógrafa alemã Elisabeth Schilling tem criado obras transdisciplinares que misturam dança, música, artes visuais e design; a inglesa Alison Burrows, que cresceu em Portugal, é investigadora e profissional de design centrado no humano; e Américo Peças, professor, formador e consultor científico para a formação de professores, integra o Movimento da Escola Moderna Portuguesa.

O evento, que vai decorrer na sede da companhia Musicalmente, nos Pousos, integra o programa da primeira edição do Encontro Bebés na Comunidade - em que o objectivo, 30 anos depois do primeiro Músicos de Fraldas, é falar de inteligência artificial e práticas artísticas na primeira infância.

As inscrições para a formação que abrange o período entre os dias 22 e 25 de Julho estão “esgotadas há alguns meses”. Para o seminário, as inscrições devem ser enviadas para producao@musicalmente.pt.

Artistas, investigadores e educadores vão explorar como a música e as experiências artísticas sensoriais nutrem o desenvolvimento na primeira infância e fortalecem relações comunitárias, cuidando a ética e bem-estar das pessoas, das comunidades e do planeta.

RICARDO GRACA



AGENDA

O Amigo Dedicado, pelo Te-Ato, com duas sessões na Sala Jaime Salazar Sampaio



Luz nas trevas

Teatro; Pelo Teatro da Rainha; De Bertolt Brecht, com encenação de Luís Varela; Até 21 de Julho; 21h30; Ruínas da antiga Casa da Cultura, Caldas da Rainha
O impacto dos festivais de música na formação de jovens músicos: o caso do Cistermúsica
Conversa; Com Lúcia Lourenço, António Morais e José Rafael; Quinta, 16; 19h; Armazém das Artes, Alcobaça
Ti Milha
Festival; Com Paus, José Pinhal Post-Mortem Experience, Mr. Gallini, entre outros; 16 a 19 de Julho; Ilha, Pombal
Festival da Sardenha
Gastronomia e concertos; Com Nemanus e Rita Guerra; 16 a 19 de Julho; Praia do Pedrógão
Festival do Carapau
Gastronomia; 16 a 19 de Julho; Praia da Vieira
Mercado Medieval de Óbidos
Recriação histórica; 16 a 26 de Julho; Óbidos

À conversa com Anabela Mota Ribeiro
Apresentação do livro Na casa da minha mãe; Quinta, 16; 18h30; Livraria Arquivo, Leiria
A última noite
Dança; Escola de Danças Artis da Filarmónica de Monte Redondo; Quinta, 16; 21h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria
Aniki Bobó
Cinema ao ar livre; Realização: Manoel de Oliveira; Quinta, 16; 21h30; Parque D. Carlos I, Caldas da Rainha
Festival Artes à Vila
Concertos, exposições, visitas, oficinas; Com Jorge Palma, Tomás Wallenstein, Lisa Sereno, Thispage, Puto Bacoco, Romeu Bairos, Joana Alegre, Cristina Maria; 17 a 19 de Julho, Batalha
51ª Feira do Livro da Biblioteca da Nazaré
Literatura; 17 de Julho a 16 de Agosto; Centro Cultural da Nazaré
Estágio Orquestra Sinfónica Jovem

Concerto; Zêzere Arts; Sexta, 17; 16h; Paço dos Condes, Ourém
Amanhã à mesma hora - dez lições sobre o trabalho em equipa
Apresentação do livro de Martim Sousa Tavares; Sexta, 17; 18h; Livraria Arquivo, Leiria
Jazz na Arquivo: Hugo Trindade, Edgar Alexandre e Luís Lane
Concerto; Sexta, 17; 18h30; Livraria Arquivo, Leiria
Margarita Fernandes e António Casalinho
Dança; 1ª Gala do Curso Intensivo de Verão 2026; Coreografia de Ricardo Amarante, com acompanhamento ao piano de Daniela Di Nuzzo; Sexta, 17; 18h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria.
Happening em torno da peça Nível
Exposição em movimento; Com José Aurélio; Sexta, 17; 18h30; Armazém das Artes, Alcobaça
O Amigo Dedicado
Teatro; Pelo Te-Ato, com encenação de João Lázaro a partir do texto de Oscar Wilde; 17 e 19 de Julho; 21h30 e 16h, respectivamente; Sala Jaime Salazar Sampaio, Leiria
Gileno Santana e Rocho: Inevitável
Concerto; 12.º Festival de Jazz da Marinha Grande; Sexta, 17; 22h; Praça Afonso Lopes Vieira, São Pedro de Moel
F/262 - Festival Internacional de Fotografia
Exposição, conversas; Sábado, 18; 9h; Centro Cultural e de Congressos, Caldas da Rainha
Capítulo: Alice Coltrane
Exposição, conversa; Com Hugo Ferreira e Neuza Matias; Sábado, 18; 15h; Museu de Leiria
O espelho da alma
Inauguração da exposição de Zezita Brites; Sábado, 18; 15h; Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos
Anais Leirienses
Lançamento do volume 20; Sábado, 18; 15h30; Centro de Artes Villa Portela, Leiria
43º Festival de Folclore do Coimbrão
Apresentações ao vivo; Sábado, 18; 18h; Largo São Miguel das Areias, Coimbrão, concelho de Leiria
O canto que encanta - de Mozart a Lacerda
Concerto; Solistas SAMP, Ana Maria Pinto (voz), Alberto Roque

A NÃO PERDER

34.º Cistermúsica - Festival de Música de Alcobaça
A Orquestra das Beiras apresenta o espectáculo Amália na América com Raquel Tavares, Ricardo Ribeiro e Cristina Branco no multiusos Panorama e o colectivo inglês de jazz Tanhai Collective toca na Lagoa do Arrimal. De 16 a 22 de Julho, com momentos nos concelhos de Alcobaça e Porto de Mós, destaque também para a Sinfonia n.º 9 de Antonín Dvořák pela Orquestra XXI e o concerto da orquestra de Estela Alexandre, artista de Leiria. Outras propostas: Eva Braga Simões com Davide Amaral, O Bando de Surunyo, concerto final de residência artística de jazz e Ensemble São Tomás de Aquino.

Cine-Eco
Cinema; Curtas de ficção e documentário; Terça, 21; 21h30; Mercado Municipal do Pedrógão, concelho de Leiria



(d direcção); Sábado, 18; 18h30; Centro de Artes Villa Portela, Leiria
Sociedade Filarmónica Vestiariense "Monsenhor José Cacella" e Banda do Circulo de Cultura Musical Bombarralense
Concerto; Sábado, 18; 21h30; Panorama, Alcobaça
Aqui no mar
Dança; Pelo Studio K; Sábado, 18; 21h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria
Francisco Gomes Quarteto: Beyond Colossus
Concerto; 12.º Festival de Jazz da Marinha Grande; Sábado, 18; 22h; Auditório ACR Comeira, Marinha Grande
A Bebê descobre os ritmos da Terra
Concerto; Musicalmente com Marco Fernandes; Domingo, 19; 10h e 11h30; Teatro Miguel Franco, Leiria
Há vento
Música e teatro; Pela companhia O Som do Algodão; Domingo, 19; 10h30; Casa Varela, Pombal

Estágio Orquestra Sinfónica Jovem + Paulo Pires
Concerto; Zêzere Arts; Domingo, 19; 15h; Teatro Municipal de Ourém
Carmen
Dança; Pela Escola Diogo de Carvalho; Domingo, 19; 15h; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria
Onyx
Dança; Criação, figurinos e texto: Piny; Domingo, 19; 21h30; Centro Cultural e de Congressos, Caldas da Rainha
Dança no Castelo
Dança; Conservatório Internacional de Ballet e Dança Annarella Sanchez; Quarta, 22; 15h, 16h30 e 18h; Castelo de Leiria
Por mais um dia
Cinema; Realização: Miguel Babo; Terça, 21; 21h30; Teatro Miguel Franco, Leiria
Coral de Caldas da Rainha com Espiral
Concerto; Quarta, 22; 21h30; Centro Cultural e de Congressos, Caldas da Rainha
Drive my car
Cinema; Realização: Ryusuke Hamaguchi; Quarta, 22; 21h30; Teatro-Cine de Pombal
As provadoras de Hitler
Cinema; Realização: Silvio Soldini; Quarta, 22; 18h30 e 21h30; Teatro Miguel Franco, Leiria
Rock em Formação
Concertos Finais de Ano do Instituto Jovens Músicos e da Rockshool; Quarta, 22; 21h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria

Anabela Mota Ribeiro vai conversar sobre o livro Na casa da minha mãe, esta quinta-feira, na Arquivo



PUBLICIDADE

CONSULTAS DE PSICOLOGIA ONLINE

COM DESCONTO ESPECIAL

Marque já a sua consulta. Insira o código "JL" em Cupão para obter um preço especial na sua consulta.

www.khushiminds.com

+351 211 452 430

geral@khushiminds.com


KHUSHI MINDS

É QUINTA-FEIRA, FOGE COMIGO

Pedro Miguel Carvalho Texto e fotos

Temos de ter uma conversa sobre Barcelona

Lembro-me da primeira vez que entrei na Boqueria. Estava em 1999, e o mercado era um daqueles lugares que nos fazem acreditar que o mundo ainda guardava autenticidade. Voltei várias vezes. O cheiro a fruta fresca misturava-se com o do peixe recém-chegado, as bancas de presunto pareciam monumentos à gula, e os locais compravam, viviam. Da última vez, em 2025, quando lá fui a uma conferência, contornei propositadamente as Ramblas. Ainda assim, não tive dúvidas: era olhado como apenas mais um. A cidade que mais visitei fora de Portugal, onde tive amigos durante anos, onde ainda tenho, já não me reconhecia como visitante, reconhecia-me como turista. E há uma diferença.

Barcelona chegou ao limite. No ano passado, a região atraiu 26 milhões de visitantes, mais 2,4% do que em 2024. E as autoridades catalãs, depois de décadas a vender a cidade como um destino de sonho, nomearam José Antonio Donaire como o primeiro comissário para o turismo sustentável. A missão: dizer “basta”. E começar pelo símbolo maior do que o turismo de massa fez à identidade da cidade: La Boqueria.

“Chegámos ao fim da linha”, afirma Donaire, um homem a quem se depositam esperanças, antigo professor na Universidade de Girona. “Barcelona atingiu o número máximo de turistas que pode receber. Não queremos mais turistas, nem mesmo um a mais, mas precisamos administrar os que já temos”, disse ao jornal inglês *The Guardian*.

O diagnóstico é simples: o centro da cidade deixou de pertencer aos seus moradores. La Boqueria, outrora refúgio de *chefs* e *gourmets*, tornou-se uma zona proibida para quem vive em Barcelona, transformou-se num corredor de *snacks* para levar, onde o fresco deu lugar ao descartável. O plano de Donaire é proibir os produtos de *take away* e devolver o mercado à função original: vender alimentos a quem cozinha. Os feirantes, na sua maioria, já deram o consentimento.

A tentativa de conter os visitantes



Donaire e os seus apoiantes esperam que, após 30 anos de boom turístico, o equilíbrio possa ser revertido em favor de quem vive em Barcelona

não é nova. Em 2017, Barcelona impôs uma moratória à construção de novos hotéis no centro. Mas a medida foi anulada pela explosão dos apartamentos turísticos no Airbnb. Agora, a promessa é mais ambiciosa: em 2028, as licenças dos 10.000 apartamentos turísticos legalizados serão revogadas. A autarquia espera que a maioria volte ao mercado de arrendamento, aliviando a crise habitacional. Donaire reconhece que Nova Iorque tentou o mesmo sem sucesso, mas garante que Barcelona tem planos de incentivo. “Se

conseguirmos colocar esses 10.000 apartamentos no mercado residencial, será o equivalente a cinco anos de crescimento”, afirmou ao jornal inglês.

A estratégia não passa apenas por reduzir números, mas por mudar perfis. Atualmente, 65% dos visitantes são turistas de lazer. O objetivo é dividir o bolo em três partes iguais: lazer, negócios e turismo cultural. As medidas incluem reduzir os cais de cruzeiros de sete para cinco, ainda assim, chegam três milhões de passageiros por ano, que gastam pouco e, nas palavras de Donaire, “criam mais problemas do que benefícios”. Os sete milhões que fazem excursões de um dia de autocarro também estão na mira: as taxas de estacionamento subiram, e os autocarros são agora obrigados a parar na periferia.

Há, no entanto, um grupo que Donaire quer cativar: os visitantes frequentes, que já conhecem o cen-



tro. O plano é incentivá-los a explorar Montjuïc, o grande parque que abriga museus mas quase nenhum morador, ou a fazer passeios fora da cidade. “O que não queremos é incentivar o turismo em áreas que não estão preparadas e onde isso criará problemas”, diz. Há também uma ofensiva contra o que Donaire chama de “turismo de baixo impacto social”: os roteiros organizados de bares estão proibidos. “Não estamos interessados nesse tipo de turismo e queremos que ele desapareça.” Uma parte da taxa turística será reinvestida no comércio local, sufocado por lojas de *souvenirs* e de conveniência.

Sei que sou também um sonhador. Vou a Barcelona e não quero ver muita gente. A La Xampanyeria é visitável às 16h; ir depois das 19h é só estúpido. Não muito longe do mar, abriu portas em 1969, e ainda hoje recria com distinção o ambiente das antigas tascas catalãs. Houve alguém que o descreveu da seguinte

forma: “Sujo, cheio e excelente”. A Xampanyeria tem uma regra de ouro. Não se pode só beber, tem de se comer também. Se é só para beber um copo, que vá para outro lado. Ali é preciso forrar o estômago, caso contrário não se é servido. Mas isso nem é problema, pois é tudo maravilhoso. Tenho amigos que me levam a sítios fora do centro. Tenho sorte. Mas a cidade que visitei em 1999, essa, talvez já não volte a existir. Coisas que não mudam: na Rambla do Raval ao pé de uma escultura de um gato preto gigante, continuam a ter o melhor kebab.

Donaire e os seus apoiantes esperam que, após 30 anos de *boom* turístico, o equilíbrio possa ser revertido em favor de quem vive em Barcelona. “Muitos cidadãos sentem que o centro da cidade já não lhes pertence”, diz ele. Conseguirá devolver-lhes esse espaço ou o “quanto maior, melhor” acabará por vencer?

PUBLICIDADE

Partes à procura de um lugar. Voltas com uma nova versão de ti.

Com a B travel voltas sempre com mais do que levavas.

Férias · Cruzeiros · Circuitos · Viagens à Medida

leiria@btravel.com
+351 244 023 371
Av. Marquês de Pombal, 338

leiria-lis@btravel.com
+351 244 134 210
Rua de Tomar, 37

B travel
Viaja a tua vida

btravel.pt

tabula rasa 060

apontamento semanal verbivocovisual da responsabilidade da paper view



Sem resposta à m/ carta de 3 de Junho - que espero que tenha recebido e que se encontre de boa saúde - aqui lhe envio o cheque n.º 17884957 e/ o N.T. Agores de 22.412800, para pagamento da renda deste mês de Julho.

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
Aguardando as suas notícias - envie os dados para a Câmara Municipal e creia-me
Atm. att. e obgd.,

Serviço de Execuções Fiscais

Processo N.º 688.157

AVISO

Cá recebi a sua prezada carta - que agradeço - fazendo também votos de boa disposição e de boa saúde, bem como todos da sua família.

Horta Fina Santa M
Tax 7100 FSTRA
na ir
devi

NÃO DOERAR
Conservar dentro do sobrescrito
Contém um impresso para computador

Proq
de 1

Tenho necessidade de lhe falar por causa das humidades que se aresceram no quarto e o arrendatário já nintou 3 vezes o quarto de banho mas continuam as humidades; no dia 16 é reunião de Condóminos, convinha que o Sr. Celestino falasse co o administrador directamente; em então - se não diga-me para eu representar e lá ir á reunião em seu nome.

N. B.

Os CC
pagar

COMPARTICIPAÇÕES EM DESPESAS COM INTERNAMENTO HOSPITALAR DOS BENEFICIÁRIOS
PENSÕES DE REFORMA
SUBSÍDIO POR INVALIDEZ
SUBSÍDIO POR MORTE

Correios de Portugal

eficiente de 8% à renda anter
Os meus cumprimentos.

**TODA PESSOA QUE TOQUE CO-
NHECIMENTO DESTA DOCUMENTO
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU-
TENÇÃO DE SEU SIGILO. (ART. 12
DO DEC. N.º 79.099/77 - RSAB)**

ENOTURISMO

WINE TOURISM

- VISITAS • VISITS
- PROVAS DE VINHO • WINE TASTINGS
- LOJA • WINE SHOP
- EVENTOS • EVENTS

VERÃO / SUMMER

Segunda a Sábado | Monday to Saturday
11:00 - 19:00



Rocim

CRÍTICA

Fonoteca Químico, dealer e engenheiro de som

Augustus Owsley Stanley III pode parecer um nome aristocrático mas, durante muitos anos, foi conhecido apenas como “Bear”. Fã do psicadelismo e químico autodidata, produziu LSD em



Música
Hugo
Ferreira

escala industrial e foi um dos principais fornecedores de LSD da Califórnia dos anos sessenta. Vivia permanentemente para lá da legalidade e passou boa parte da vida a fugir do FBI. Só esta história já lhe garantia um excelente argumento para uma série da *Netflix*. Mas é por outra razão que merece um lugar na história da música. Com o dinheiro que ganhava no mercado clandestino decidiu, para além de financiar os Grateful Dead, atacar um problema que quase toda a gente aceitava como inevitável: porque é que um concerto de *rock* tinha de soar tão mal? Enquanto quase toda a gente queria que os concertos soassem mais alto, Bear, que também era um verdadeiro *geek* da engenharia de som, queria apenas que soassem melhor. Até então, quase toda a gente aceitava que volume e

qualidade eram incompatíveis. Bear recusou essa ideia e começou a desenhar um sistema onde um concerto pudesse soar tão bem como um disco. Em vez de misturar todos os instrumentos no mesmo sistema de amplificação, cada um passou a ter o seu próprio percurso de sinal, os seus próprios amplificadores e as suas próprias colunas. O baixo deixava de esmagar as guitarras. A voz deixava de lutar por espaço. Um concerto podia finalmente aproximar-se da fidelidade de um bom sistema *hi-fi*. O resultado foi a Wall of Sound, um sistema monumental com quase seiscentas colunas e cerca de setenta e cinco toneladas de equipamento. Mas a verdadeira revolução não estava no tamanho. Estava nas ideias. Para tornar aquele sistema possível, Bear desenvolveu microfones de bobina dupla que praticamente eliminavam o *feedback*. Faziam-no através de um princípio de cancelamento de sinal que antecipa algumas das tecnologias de redução de ruído que serviram de base ao que hoje se utiliza. Desenvolveu também um sistema inovador de monitorização de palco, permitindo que, pela primeira vez, os músicos se ouvissem claramente durante

um concerto, algo que hoje parece banal mas que então era praticamente impossível. E passou a gravar muitos concertos diretamente da mesa de mistura em estéreo, preservando actuações históricas que deram origem aos extraordinários *Bear’s Sonic Journals*, onde sobreviveram concertos de Miles Davis, Johnny Cash, Janis Joplin e tantos outros. A Wall of Sound acabou por desaparecer. Não porque tivesse falhado. Mas porque era gigantesca. Pesava cerca de setenta e cinco toneladas e exigia uma enorme equipa de montagem e uma frota de camiões. O curioso é que nunca desapareceu verdadeiramente. Desmultiplicou-se em dezenas de soluções técnicas que hoje damos por adquiridas. A separação dos diferentes instrumentos, a redução do *feedback*, a monitorização em palco e a obsessão pela fidelidade sonora continuam omnipresentes na música ao vivo. Às vezes a história da música muda por causa de um compositor. Outras vezes muda porque um químico, *dealer* e engenheiro de som decidiu que o público merecia ouvir melhor.

Fundador da Omnichord Records

Ler por baixo Jovem instruída procura companhia inteligente e culta

O livro deste mês é daqueles que se sorvem de um trago, como um shot de uma bebida intensa. Pode inebriar como o teor alcoólico de uma boa aguardente. Digo-o eu, que de álcool nada entendo, mas aprecio muito a palavra *xiripiti*. Ora lá fui eu à feira do livro, a Lisboa, num ritual que gosto de repetir anualmente. Levava



Letras
Ana
Moderno

um *plafond* financeiro, porque, bem se sabe, é muito fácil perdermos em feiras. E as do livro estão cheias de tentações. Tinha alguns títulos na mira e sucumbi às irresistíveis promoções. Mochila cheia e pesada para regressar na viagem de Expresso para Leiria. Qual criança com brinquedos novos, peguei logo num livro novinho em folha. Foi a Joana Bértholo que me acompanhou, numa

concentrada novela de 97 páginas. Joana já me tinha agarrado com o seu belíssimo *A História de Roma*; agora, esta premiada autora— que escreve tão bem que até aleija — deu-me boleia no seu *Augusta B., ou as Jovens Instruídas 80 Anos Depois*. O livro dá-nos a conhecer duas jovens com 22 anos: Raquel, ávida leitora, e Augusta uma “expedita na abordagem virtual”. Foi com a mesma idade que Augustina Bessa-Luís publicou um anúncio no jornal *Primeiro de Janeiro*, apresentando-se como “jovem instruída” e desejando corresponder-se com uma pessoa “inteligente e culta”. O teor do texto, surpreendentemente progressista para uma jovem mulher na década de 1940, gerou cerca de 30 cartas de resposta, entre elas a daquele que viria a ser o marido da escritora. Passados 80 anos, Augusta, farta das frustrações e da frivolidade das *dating apps*, decide fazer o mesmo: publicar um anúncio num jornal. Depara-se, contudo,

com sérias dificuldades para o ver aceite, já que o texto é sucessivamente rejeitado por não cumprir os requisitos editoriais. O anúncio acabaria por ser publicado no *Correio da Manhã*, junto à divulgação de serviços de carácter mais erótico. Esta história foi criada em 2023, no Festival Correntes d’Escritas, quando Joana Bértholo foi desafiada a escrever sobre a Póvoa de Varzim de Agustina Bessa-Luís. Segundo a autora, as conversas sobre relações amorosas e sobre conhecer pessoas tornaram-se cada vez mais ligadas a aplicações como o *Tinder* ou o *Bumble* e às dinâmicas de aproximação e afastamento que estas promovem. O mesmo acontece com as protagonistas desta história.

Autora e conservadora de museu

Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Fila G Sonhos em forma de nuvem

Porque se impõe já um certo aroma a férias, cedi à modorra e à indolência e, ao invés de perseguir um filme, deixei que o filme me escolhesse a mim. Foi desta forma inesperada e preguiçosa (mas com o mesmo prazer egoísta e quase esquecido de entrar numa sala de cinema só porque sim, sem fazer a mínima



Cinema
Nuno
Granja

ideia do filme que se vai ver) que me caiu no colo *Dreams (Drømmer, 2024)*, filme do norueguês Dah Joahn Haugerud. *Dreams* é parte da trilogia *Sex / Drømmer / Kjærlighet* ou *Sex / Dreams / Love* em inglês ou ainda *Sexo / Sonhos / Amor*, na língua de Camões, algo inspirada, segundo o autor, pela trilogia das cores de Kieślowski. Não que eu fizesse a mínima ideia disto que vos conto antes de me sentar para ver o filme e escrever este texto (pelo menos no que concerne à trilogia de Haugerud – acredito que a de Kieślowski sirva de inspiração a muita gente) mas.. fica aqui a informação, sem custo adicional. De nada. Haugerud terá filmado a sua “trilogia de Oslo” num curto espaço de tempo (todos os filmes têm data de produção de 2024), ainda que, na realidade, os 3 títulos possam ser vistos independentemente e não apresentem, estruturalmente, ligação entre si. Uma vez mais, recordo-vos, papagueio o que li, porque, como já confessei, apenas vi *Dreams*, e muito provavelmente porque valeu ao norueguês um inédito *Urso de Ouro* no Festival de Cinema de Berlim, o que, diga-se de passagem, é sempre boa propaganda. *Dreams* abre com uma escadaria perdida no nevoeiro e uma voz feminina a murmurar que a sua vida está “dentro de uma nuvem”. É esta cena que define tudo o que se segue: Haugerud filma o primeiro amor como quem observa nuvens, de forma etérea, sem contornos fixos, em mudança, mediante quem observa e a que distância. Johanne tem apenas 17 anos e apaixona-se pela professora de francês, Johanna. Depois de tudo terminar, decide escrever a história desse fascínio. É o seu primeiro amor, com toda a

beleza, inocência e sofrimento que os primeiros amores carregam. O manuscrito acaba nas mãos da mãe, Kristin, e da avó, Karin, poetisa já em fim de carreira. As duas leem-no com espanto, oscilando entre o receio do abuso da menor, a dúvida acerca da veracidade do relato e a admiração pelo poder literário do texto.

Haugerud filma tudo isto sem grandes gestos: planos fixos, muitos (e bons) diálogos, com tanto de verosimilhança como de *mise en scène*. Uma fotografia fantástica, excelentes planos e um trabalho de iluminação que suportam maravilhosamente o argumento. A voz de Johanne acompanha, em *off*, boa parte do filme e há alguma crítica que aponta este excesso, mas é na realidade esta “técnica” que torna o filme mais pessoal, mais introspectivo, mais sensível. E precisamente por ouvirmos a descrição na voz da protagonista assalta-nos também a dúvida. Estará Johanne a romancear? A viver sôfrega e intensamente o seu primeiro amor? Ou apenas a criar uma narrativa para desviar o foco do que realmente aconteceu? *Dreams* não resolve nada disto, e talvez seja por isso que se prolonga dentro do espectador depois do último plano. Continuamos, como Johanne, dentro da nuvem, sem saber bem onde acaba a memória e começa a invenção, mas também sem grande vontade de descobrir.

Presidente da ecO - Associação Cultural de Leiria

Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990



PALAVRA DE HONRA



RICARDO GRAÇA

Carmo Santos tenista

“Questiono-me se a pressa nos tem roubado a capacidade de pensar”

Já não há paciência... para ver e ouvir o homem que quer “apanhar” o mundo inteiro... Está cada vez mais difícil acreditar em Trump até porque é feio, vaidoso, imbecil, ignorante, louco, tolo e perigoso.

Detesto... a guerra, a mentira, a hipocrisia, a má educação, a falta de profissionalismo, a derrota, a ignorância... e andar de avião!!!

A ideia... nem sempre é brilhante! Por vezes é absurda! As melhores ideias são aquelas que curam, que libertam, que inovam e que possam transformar os homens em seres mais solidários! A ideia é muito simples: Nascer, crescer, viver com sentido e encontrar paz e amor nas coisas simples!

Questiono-me... se a pressa nos tem roubado a capacidade de pensar. Num mundo onde tudo é feito em velocidade, pensar exige tempo e a coragem de duvidar e aceitar que por vezes a primeira resposta nem sempre é a melhor! Questiono se o homem ainda é um ser racional...

Adoro... a palavra “adoro”! Adoro ensinar, rir, conversar, brincar, ler um bom livro, festejar e adoro correr atrás de uma bola...

Lembro-me tantas vezes... da minha infância. Naquele tempo as brincadeiras eram saudáveis e sem vigilantes. A liberdade era total e as amizades verdadeiras. Lembro das corridas, dos saltos à corda, de jogar às escondidas... Lembro de “roubar” a bicicleta ao vizinho para dar voltas à minha aldeia... Lembro-me do tempo sem televisão e sem telemóvel... a vida era tão mais calma!

Desejo secretamente... ter um boné autografado pelo meu ídolo, Roger Federer.

Tenho saudades... da minha mãe! Mulher guerreira e trabalhadora! Sempre bem-disposta e disponível para ajudar o próximo.

O medo que tive... em parir. A maior maravilha do mundo é ser mãe. Os filhos são o nosso maior desafio e aventura. Mas o maior medo da minha vida foi ter de fazer nascer...

Sinto vergonha alheia... nos maus-tratos e abandono de crianças e idosos. A forma mais simples para avaliar uma sociedade é observar como tratamos quem mais precisa de proteção. Quando lhes falhamos, falhamos enquanto comunidade. Uma sociedade que normaliza o sofrimento dos seus, pode considerar-se desenvolvida?

O futuro... é uma página por escrever. O futuro não nos espera: é construído, todos os dias, pelas escolhas que fazemos e a coragem que temos de as cumprir.

Se eu encontrar... o segredo da longevidade, prometo que partilho.

Prometo... que serei sempre fiel aos meus princípios e tentar ser feliz todos os dias.

Tenho orgulho... na profissão que exerci, da minha mãe e da minha filha. Ser professora foi uma missão transformadora. Acredito que mudei a vida de muitos alunos. Deixei uma marca indelével no percurso de cada um. Fui feliz e tenho orgulho no caminho percorrido! Dei muito mas recebi muito mais! Orgulho do 25 de Abril! Orgulho da liberdade! Orgulho da minha cidade! Orgulho do meu Benfica!

Extramuralhas condena o genocídio



Mesa de Cabeceira
Carlos Matos

A 15.^a edição do festival Extramuralhas tem como mensagem “Genocide Is the Shame of Mankind” (“O genocídio é a vergonha da Humanidade”). Há palavras que carregam uma dor desmedida, e “genocídio” é uma delas. É sinónimo de morte em massa, da tentativa deliberada de apagar um povo da História, de silenciar uma língua, uma cultura, uma religião, um grupo racial ou étnico. É o mais extremo triunfo do ódio sobre a humanidade. Na guerra, confrontam-se exércitos, Estados ou grupos organizados. No genocídio, perseguem-se e aniquilam famílias, crianças, idosos, professores, artistas, médicos, atletas, gente indefesa... O século XX conheceu horrores que julgávamos irrepetíveis: o Holocausto nazi, que vitimou cerca de seis milhões de judeus e milhões de outras pessoas, o genocídio arménio, o genocídio no Camboja sob o regime dos Khmer Vermelhos, o genocídio dos Tutsis no Ruanda e o genocídio de Srebrenica, na Bósnia-Herzegovina. Cada um destes exemplos deveria bastar para que a palavra “Nunca” tivesse um significado absoluto. Infelizmente, a História continua a escrever páginas que achávamos inimagináveis. Os Rohingya em Myanmar permanecem vítimas de perseguições sistemáticas. Em Gaza, e não obstante o Tribunal Internacional de Justiça ter determinado medidas cautelares para proteger a população civil, numerosos especialistas independentes das Nações Unidas têm denunciado uma matança de proporções devastadoras e com requintes de malvadez. Ao que parece, o “exército mais moral do mundo” é um logro, e é tão imoral e abjeto quanto uma horda raivosa desprovida de qualquer piedade. As evidências são tantas que já nem dá para as esconder. A justiça internacional seguirá o seu caminho, mas tarda em agir. Esperemos que os culpados sejam julgados antes que caia a última vítima. Deste lado, neste país de brandos costumes, há quem nos prefira calados, amorfos, alheados porque “apenas” organizamos concertos e a malta quer é descontrair e alienar-se um bocado sem se aborrecer com coisas que incomodam. Não temos nada contra, mas não nos confundam com um *sunset* de praia. Nós queremos mesmo despertar consciências, combater a letargia com os nossos exércitos de vozes e palavras escritas. A indiferença nunca salvou ninguém, quanto mais um povo... A maior vergonha de um genocídio começa em quem o comete e perpetua-se em quem escolhe ignorá-lo.



Ao que parece, o “exército mais moral do mundo” é um logro, e é tão imoral e abjeto quanto uma horda raivosa desprovida de qualquer piedade

Presidente da Fade In

O sucesso não é definitivo, o fracasso não é fatal: o que conta é a coragem de continuar
Winston Churchill

Exposição
Sísifo, a namorada, a pedra e uma novela de Mariana, a Miserável
Pág. 34

Saúde
Hospital da Luz abre em Leiria e planeia investir 17 milhões
Pág. 26

aberto todos os dias

O CASARÃO

RESTAURANTE & EVENTOS

T 244 871 080 - Azoia - Leiria

www.ocasarao.pt

www.jornaldeleiria.pt

Jorlis - Edições e Publicações, Lda.

Parque Movicortes

2404-006 Azoia - Leiria

Tel. 244 800 400 (Chamada para rede fixa nacional)

geral@jornaldeleiria.pt



5 603199 006515 02192

FSC MIX From responsible sources FSC® C103778

O JORNAL DE LEIRIA é impresso em papel certificado FSC, garantia de gestão florestal sustentável

Obra ilegal em Monte Redondo avança em desrespeito a embargo

A Câmara de Leiria embargou as obras em curso num empreendimento turístico em Fonte Cova, freguesia de Monte Redondo, em área de Reserva Ecológica e Agrícola Nacional. Em causa está a intervenção em linhas de água, que foram enterradas e emalilhadas, e a alteração de terreno, com recurso a aterro. Os trabalhos, feitos sem licença, prosseguiram após o embargo.

O caso já foi comunicado à Agência Portuguesa do Ambiente e à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro e participado à GNR, que esteve no local, mais do que uma vez. A última,



aconteceu na passada sexta-feira. “Nesse dia, os trabalhos pararam, mas, no fim-de-semana, retomaram a toda a velocidade”, denuncia uma moradora, que se manifesta preocupada, sobretudo, com as linhas de água, que estão a ser “ecologicamente destruídas”.

A preocupação é partilhada pela presidente da Junta, Ana Carla Gomes. “Os terrenos são privados, mas as linhas de água são públicas. Não se poder intervir sem autorização”, alega a autarca, que refere também estragos nas estradas provocados pela movimentação de camiões, que têm transportado

terra para aterrar o vale.

Segundo o JORNAL DE LEIRIA apurou, o promotor da obra é o proprietário do Rural Natura, empreendimento já existente, que, entretanto, comprou terrenos à volta, com o objectivo de alargar a oferta turística. “Não estamos contra o empreendimento e não pomos em causa a sua importância para a freguesia, mas há leis a cumprir”, afirma a presidente da Junta.

O assunto foi abordado na última reunião de câmara, com o vereador do PSD João Curado a dar eco das preocupações dos moradores “relativamente aos trabalhos de enca-

namento e de alteração do leito de uma ribeira, no lugar das Cavadas”. Reconhecendo que a câmara “fez o que devia fazer”, o autarca disse temer que já não seja possível “reverter” as alterações entretanto efectuadas no terreno.

Segundo o vereador Luís Lopes, após o desrespeito do embargo, a GNR foi novamente ao local e decorre neste momento a tramitação do processo para levantamento de auto de notícia e de contra-ordenação.

Carlos Tavares, o promotor, escusou-se a prestar declarações, alegando que “o assunto não merece conversa”. **MAS**

PUBLICIDADE

CISTERMUSICA 2026

34º FESTIVAL DE MÚSICA DE ALCOBACA

amália na américa

além do fado

OUTROS MUNDOS



Orquestra das Beiras

Cristina Branco, Raquel Tavares e Ricardo Ribeiro

19/07 dom 21h30

Panorama - Multiusos de Alcobaca

Organização

aba

Apoio

REPÚBLICA PORTUGUESA

Com o apoio de:

BPI

Parceria estratégica

Fundação "la Caixa"

Parceiros media

ALCOBACA

RTP 2

RTP antena 2

Conceção original

Egide

Iniciativa

ORQUESTRA DAS BEIRAS

Apoios/Parceiros

REPÚBLICA PORTUGUESA

dgARTES

Egide

PANORAMA

Bilhetes em blueticket.meo.pt

www.cistermusica.com

AULAS GUITARRA PORTUGUESA

CURSO LIVRE

Professora Joana Teixeira

Inscrições abertas para 2026/2027



ORFEÃO DE LEIRIA

conservatório de artes

Mais informações:

Orfeão de Leiria Conservatório de Artes

Avenida 25 Abril, N.º 117

2400-265 Leiria

Tel. 244 829 550

geral@orfeoadeleiria.com

www.orfeoadeleiria.com